

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

LÍDIA DE OLIVEIRA MATOS

**TRANSIÇÃO CAPILAR: CABELOS, CONSUMO E
INTERSECCIONALIDADE NO CIBERESPAÇO.**

São Cristóvão- Sergipe
2017

LÍDIA DE OLIVEIRA MATOS

TRANSIÇÃO CAPILAR:
CABELOS, CONSUMO E INTERSECCIONALIDADE NO CIBERESPAÇO.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de mestre em Antropologia.

São Cristóvão
2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M433t Matos, Lídia de Oliveira
Transição capilar : cabelos, consumo e interseccionalidade no ciberespaço / Lídia de Oliveira Matos ; orientador Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia. – São Cristóvão, 2017.
98 f. : il.

Dissertação (mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2017.

1. Antropologia cultural. 2. Cabelo. 3. Ciberespaço. 4. Comportamento. I. Correia, Luiz Gustavo Pereira de Souza, orient. II. Título.

CDU 572.024:611.781

LÍDIA DE OLIVEIRA MATOS

TRANSIÇÃO CAPILAR:

CABELOS, CONSUMO E INTERSECCIONALIDADE NO CIBERESPAÇO.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de mestre em Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia (Orientador-PPGA/UFS)

Prof. PhD Frank Nilton Marcon (PPGA/UFS)

Profa. Dra. Mariana Selister Gomes (UFSM)

São Cristovão, Se _____ de _____ 2017.

AGRADECIMENTOS

Tornar-se antropóloga de fato não é uma tarefa fácil, como em muitos rituais de passagem que estudamos ao longo da formação vamos vivendo os dilemas, aflições, surpresa, medo do desconhecido e as varias etapas que o iniciado precisa passar, são nesses momentos que vamos percebendo como é impossível caminhar sozinho. Nesse rito final se torna um imperativo agradecer a todos que me ajudaram a chegar aqui.

Agradeço a Deus, força criadora por me permitir viver todos esses momentos, dando-me sabedoria em cada etapa e por me presentear com uma família maravilhosa, meus pais Denise e Viera, de longe meus maiores incentivadores, aos meus irmãos Filipe e Manuela, ao meu príncipe Caio Davi por me dá motivos para continuar acreditando, à William mais que primo, meu companheiro de vida. À todos das Famílias Matos e Oliveira que são como uma família só, em especial as minhas avós Julia e Maria que me estimulam a ir mais adiante.

Ao meu orientador Dr. Luiz Gustavo Pereira pelo valioso auxílio nessa jornada e confiança em mim depositada, a todos os professores do PPGA/UFS por em todos os momentos colaborarem com meu aprendizado, Regiane e Najó pelo apoio na parte administrativa e um pouco mais, aos colegas do Gerts em especial ao Prof. PhD. Frank Marcon pela disponibilidade de compartilhar seu conhecimento de modo tão singular.

Às mulheres que compuseram a turma 2015, ocupamos e continuaremos resistindo, em especial Ana Paula Barros, verdadeira amiga. Ana Luisa Lisboa seus ensinamentos e parceria tornaram essa caminhada um momento de aprendizado em todos os sentidos.

Aos colegas dos corredores, cafés, mesas redondas, eventos, sociais muitas pessoas com quem conversei sobre este trabalho e de muitos modos me auxiliaram, em especial as companheiras Mayara Nascimento, Érika Castro, as Professoras Mariana Selister, Laura Lopéz, Vera Rodrigues e todas do Grupo Cabelos crespos e cacheados Aracaju.

Obrigada Aquino Neto pela companhia e compreensão nessa jornada, sua presença me trouxe a calma necessária para ficar bem até o fim.

Ao CNPQ- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa de estudo que possibilitou a conclusão deste trabalho.

RESUMO

A transição capilar ocorre, quando se deixa de alterar a estrutura dos fios do cabelo com o uso de produtos cosméticos a base de substâncias químicas resultando em um aspecto liso e este cabelo crescente passa a ser cuidado de maneira diferenciada. A transição capilar tenciona os padrões de beleza impostos às mulheres, afeta a autoestima e suscita discussões sobre consumo, as relações raciais e de gênero no contexto brasileiro. Partindo de um levantamento dos conteúdos produzidos e postados em dois canais no *YouTube* sobre transição capilar e os termos nativos que são usados para se referir aos cabelos transicionados, busco perceber como se dão as disputas em torno da construção dos significados deste, analisando as práticas de consumo e a intersecção entre raça e gênero. Essa investigação tem como lócus o ciberespaço, aqui destacamos a importância das redes sociais, sites e plataformas digitais como espaço de divulgação de conhecimentos a cerca dos cabelos, formas de cuidado, penteados, produtos específicos, entre outras discussões como feminismo, racismo, machismo e veganismo. Nesta dissertação apresento uma visão panorâmica dos estudos sobre cabelos no Brasil, ressalto o momento de surgimento do alisamento capilar, delinheiro as características do processo de transição capilar e as inovações que o seguem, exponho como processo de transição capilar tem se organizado no ciberespaço, articulado a uma discussão orientada por uma perspectiva do consumo e da Interseccionalidade raça e gênero, percebendo como se dá a circulação desses conteúdos, as práticas de consumo e as disputas de sentido em torno dos termos nativos.

Palavras-chaves: Transição capilar, Consumo, Interseccionalidade, Ciberespaço.

ABSTRACT

The capillary transition occurs when the person stops changing the structure of the hair thread using cosmetic products based on chemical substances that give as result a straight hair, and that hair is cared up in a different way from then on. That chemical process gives support to beauty standards imposed to women, affects the self-esteem and raises discussions about consumption, racial and gender relation in brazilian context. Starting from a content survey of two *YouTube* channels about capillary transition and the native terms that are used to refer to people that passed for this process, I intend to understand the disputes around construction of the meanings of that, analyzing the consumption practices and the intersection between race and gender. This investigation aims on cyberspace, here we highlight the importance of social media, websites and digital platforms as a space for sharing knowledge about hair, ways to take care of it, hairstyles, specific products, and other discussions as feminism, racism and veganism. In this dissertation I introduce a panoramic vision of the studies about hair in Brazil, emphasizing the emergence of hair straightening, outlining the characteristics of the process of capillary transition and the innovations the follows it, exposing how the process has been organized in the cyberspace, articulating a discussion oriented by a perspective of consumption and the intersectionality between race and gender, realizing how the circulation of this contents occurs, the consumption practices and the disputes around native terms.

Keywords: Capillary transition, Consumption, Intersectionality, Cyberspace.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Print Screen do vídeo “Por que não alisar ou relaxar o cabelo”	16
Imagem 2- Print Screen da seção comentários do Canal do <i>Youtube</i> Mari Morena....	17
Imagem 3- Print Screen da aba “sobre” do canal Rayza Nicacio.....	20
Imagem 4- Print Screen da aba “sobre” do canal Mari Morena.....	22
Imagem 5- Print screen do site Tô de cacho.....	23
Imagem 6- Tabela dos tipos de cabelo classificados pela torção.....	25
Imagem 7- Pente Quente e cabelisador.....	26
Imagem 8- cabelo com duas texturas.....	29
Imagem 9- Ilustração das etapas da transição capilar.....	30
Imagem 10- Print Screen da imagem inicial do vídeo instalação “ <i>Transicion</i> ”	33
Imagem 11- Print Screen da Capa do site da empresa Salon Linha.....	41
Imagem 12- Print Screen da tela inicial do <i>YouTube</i>	49
Imagem 13- Print Screen do Blog Geledés.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1- TRANSIÇÃO ENROLADA: ASPECTOS SOBRE A TRANSIÇÃO CAPILAR NO CIBERESPAÇO.....	11
1.1 Alisamento capilar: alterando a estrutura dos fios.....	24
1.2 Definindo a transição capilar.....	30
1.3 Rotina de cuidados e produtos específicos.....	37
2- INTERNET: DESVENDANDO O CIBERESPAÇO.....	42
2.1 <i>Blog, YouTube</i> e Redes sociais: a cibercultura no ciberespaço.....	45
2.2 Ciberativismo e Ativismo de cabelo.....	52
2.3 Pesquisa no Ciberespaço: métodos e desafios.....	60
3- CABELOS AFROS, NATURAIS, CRESPOS/CACHEADOS: DISPUTAS EM TORNO DO SIGNIFICADO DO CABELO NA TRANSIÇÃO CAPILAR.....	63
3.1 Feminismo: aspectos históricos e teóricos.....	70
3.2 Raça e racimos: conceitos fundamentais para a compreensão das relações sociais no Brasil.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
BIBLIOGRAFIA.....	92
ANEXO.....	96

INTRODUÇÃO

Os cabelos coroam cabeças e emolduram rostos, identificando pessoas nas lidas cotidianas, construindo personagens para as festas ou ainda rituais religiosos, integrando e construindo imagens que identificam papéis sociais de homens e mulheres. (Lody, 2004, pg. 126)

A Transição capilar, numa definição parcial, é caracterizada pela passagem dos cabelos que tem a sua estrutura alterada permanentemente, por produtos cosméticos, para a textura “natural”, sendo cuidado usando outras técnicas, vem sendo amplamente difundido impulsionado pelas manifestações no ciberespaço

Nesta dissertação uma análise que tem como referente as experiências de mulheres acerca do processo de transição capilar e como estas foram transformadas em conteúdos postados no ciberespaço tem como ponto de partida a minha experiência.

Iniciei a transição capilar no ano de 2013 e uso meu percurso de descoberta de técnicas e produtos usados para os cuidados com os cabelos, como guia para acompanhar a circulação de conteúdos e práticas de consumo no ciberespaço que serão alvos de uma análise mais detida nessa pesquisa.

Parti do seguinte problema de pesquisa: quais os sentidos produzidos acerca da transição capilar e dos cabelos nas narrativas postadas por produtoras de conteúdos na Internet?

Essa pergunta inicial me levou a outros questionamentos: como se dá a circulação desses conteúdos? Como se configuraram as práticas de consumo? Quais os termos “nativos” surgidos nesse processo? Quais as disputas em torno dos sentidos desses termos?

O antropólogo estadunidense Clifford Geertz no seu ensaio “Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da Cultura”, texto de abertura do livro *A Interpretação das Culturas* (1989), propõe uma redefinição do conceito de cultura, voltando o foco da análise para os sentidos que os atores dão as suas práticas, essa seria uma forma de produzir uma Antropologia que se aproxima daqueles que vivenciam e tecem o cotidiano.

É segundo essa proposta de um conhecimento que tem como esteio os sentidos que os atores dão as suas práticas e não uma observação distanciada, que me proponho a analisar os sentidos, enquanto categorias.

Esta escolha tem por objetivo operacionalizar uma questão que perpassa a pesquisa, o duplo pertencimento da pesquisadora, pertencendo aos dois espaços, o da produção do conhecimento, enquanto pesquisadora e vivenciando a transição capilar.

Essa dissertação se insere em um campo de investigações sobre as práticas de consumo e dinâmicas das relações de gênero e raciais no contexto brasileiro tendo como referente os cabelos e o uso da tecnologia mediada por computadores, criando um ciberespaço que rompe com as fronteiras nacionais, aproximando pessoas por interesses comuns.

Pretendo trazer à tona essas questões partindo do levantamento dos dados feitos no ciberespaço, denotando a importância da internet, das tecnologias de informação e os dispositivos eletrônicos no contexto atual.

Por conta das mudanças na dinâmica das relações dentro do processo de globalização e a inserção de novas tecnologias, acesso a dispositivos de comunicação individualizado, usamos como recurso metodológico nesse trabalho a etnografia no ciberespaço.

Mapeamos no espaço virtual, onde as informações sobre os cabelos são compartilhadas, acompanhamos fóruns de discussão em redes sociais, vídeos postado na plataforma *YouTube*, notícias e informações em *blogs*, lançamento de produtos e eventos voltados para esse público disponibilizados em sites empresariais, partimos da descrição de dois canais no *YouTube*: o canal Mari Morena e o Rayza Nicacio. Os conteúdos são produzidos pelo acesso a dispositivos de gravação como câmeras, celulares, e o domínio de programas de edição que formatam o arquivo, inserindo imagens, animações e sons, sendo postados na internet fazendo uso dos computadores.

Os referidos canais serão abordados mais detidamente no primeiro capítulo onde serão apresentados os aspectos do campo empírico dessa pesquisa, além do levantamento da literatura que tiveram o cabelo como objeto de interesse.

O foco é compreender como nesse espaço as informações acerca de cuidados, técnicas e produtos destinados aos cabelos crespos/cacheados são produzidas e circulam, buscando perceber como através delas são significado e ressignificados raça e gênero.

A Antropologia, como disciplina científica, vai se atualizando, no esforço em usar diferentes métodos para recolha de dados nos diversos espaços sociais resultando na produção de etnografias, além de manter uma reflexão constante acerca das implicações e possibilidades de uso deste.

As apresentações dessa pesquisa realizadas ao longo do mestrado auxiliaram no ajuste do foco e na eleição das ferramentas analíticas a serem usadas, a participação em disciplinas que discutiam interseccionalidade, feminismo, teorias decoloniais foram formando o corpo teórico desse trabalho. Apesar de não haver envolvimento anterior com a prática de uma militância feminista em grupos de base e movimento social, as discussões no meio acadêmico foram mostrando que a produção de reflexões acerca das relações gênero também são uma forma de engajamento, já que continuamos pleiteando o acesso pleno das mulheres aos espaços acadêmicos, a valorização e legitimação das reflexões produzidas.

No segundo capítulo, discutiremos a proposta metodológica dessa pesquisa, seus desafios e estratégias usadas no desenvolvimento dessa reflexão.

Por último, apresento o estado da arte das pesquisas que tem os cabelos como foco da análise, mapeando as reflexões construídas acerca deles, quais os problemas de pesquisa analisado, referenciais teóricos e metodológicos e as conclusões, apontando as bases teóricas dessa dissertação onde referenciarei os conceitos analíticos que tem lançado luz nessa pesquisa.

Apontamos para as concepções hegemônicas acerca da beleza, em específico feminina, e como a busca por esse padrão estético tem sido questionada pelas produtoras de conteúdo sobre a transição capilar

CAPÍTULO 1- TRANSIÇÃO ENROLADA: ASPECTOS SOBRE A TRANSIÇÃO CAPILAR NO CIBERESPAÇO.

“Oi, pessoal tudo bem? No vídeo de hoje eu quero falar sobre um assunto que pode vir a ser um pouquinho polêmico. E é por que eu quero conversar com vocês sobre alguns motivos para não fazer relaxamento ou progressivas, ou nenhum tipo de alisamento no cabelo e antes de tudo eu quero dizer que eu não estou dizendo de forma nenhuma que pessoas com cabelo natural são melhores do que pessoas que alisam ou que relaxam o cabelo, eu não acho isso de forma nenhuma, eu só tô aqui para falar da minha opinião, falar do que eu acho.

Se você tem o cabelo alisado e você está completamente feliz com ele, então eu acho que esse vídeo não deve ser para você. Se você acha que seu cabelo está bonito, você tá feliz com ele, tá gostando dele, seja ele relaxado ou alisado, você não precisa assistir esse vídeo, clica em fechar e esquece isso. Mas se em algum momento você já pensou, ‘será que alisar é a melhor coisa que eu posso fazer pelo meu cabelo? Será que eu realmente preciso relaxar o meu cabelo? Será que isso deixa o meu cabelo bonito, de fato?’

Se você em algum momento já pensou que o seu cabelo não está crescendo por causa do relaxamento ou alisamento ou que o seu cabelo está muito quebradiço então esse vídeo, é sim para você.

Então, o primeiro motivo que eu acho que você não deveria utilizar nenhum tipo de relaxamento ou alisamento no seu cabelo é a saúde, se a gente pensar principalmente sobre o formol. O formol em alguma época ele era liberado para ser utilizado em alisamentos e ele era considerado seguro e depois de um tempo descobriram que na verdade ele oferecia vários riscos à saúde humana, então quantas dessas substancias que estão aí fora sendo utilizadas pra fazer relaxamentos e alisamentos são realmente seguras? O quanto a gente sabe sobre o uso prolongado dessas substancias e o efeito que elas podem ter no nosso corpo? Primeiro ponto então com certeza é a saúde.

O segundo ponto, na minha opinião, é a saúde do cabelo, quando você faz algum tipo de química no cabelo, assim que você faz ela, na primeira semana, o cabelo fica maravilhoso, parece que está hidratado, o cabelo fica brilhoso, fica bem lisinho, fica sedoso de pegar e tudo mais, mas todo mundo sabe que com o passar do tempo esse efeito vai diminuindo, e que o cabelo vai ficando mais quebradiço, ele vai ficando menos brilhoso, ele vai perdendo aquele

aspecto saudável que a química dá para o cabelo nas primeiras semanas e daí a pessoa acaba virando escrava da chapinha ou do secador para conseguir fazer com que o cabelo volte a parecer tão bonito quanto ele ficou nas primeiras semanas de uso da química.

Então o que acontece é que essas químicas elas destroem o cabelo progressivamente, quanto mais você usa, mais você vai destruindo o seu cabelo, e com o tempo ela vai destruindo a fibra do cabelo por que ela retira bastante das fibras do cabelo, porque ela retira bastante das proteína do seu cabelo, seu cabelo vai ficar quebradiço, seu cabelo vai ficar frágil, tanto que muitas vezes as pessoas quando vão retocar raiz, da química, acabam resolvendo passar química de novo no cabelo todo mesmo na parte que já recebeu química, que já está lisa, porque querem aquele efeito sedoso, aquele efeito de quando você acaba de fazer a química, mas na verdade o que você está fazendo é simplesmente maquiando o seu cabelo e deixando ele mais destruído.

E muita gente quando o cabelo já está super destruído por causa da química acaba virando escrava de usar chapinha para fazer com que o cabelo pareça um pouco mais saudável, um pouco mais bonito, para esconder aquelas pontas que ficam super esticadas, cheias de ponta dupla, super ressecado. E o que isso faz é simplesmente danificar ainda mais o seu cabelo, além da química você ainda usa calor, ainda usa chapinha, que danifica muito o seu cabelo, então, o que acontece é que você só vai piorando e entrando em um ciclo vicioso que só piora a situação, muita gente que usa química reclama que o cabelo demora muito para crescer ou que o cabelo não passa do ombro, e na verdade, provavelmente, o cabelo está crescendo mas o que acontece é que o cabelo quebra, ele quebra nas pontas, então todo crescimento, que você tem na raiz, vai virar ponta dupla, vai virar ponta quebradiça nas pontas, então você não vê o seu cabelo crescer.

Por outro lado, o cabelo natural é um cabelo muito mais saudável, por que você não está fazendo nenhuma alteração na fibra do cabelo, na estrutura do cabelo, então ele naturalmente ele vai ser mais saudável, é claro que ele vai requerer cuidados, mas ele não vai ficar aquele cabelo super quebradiço, super destruído por nada.

E uma coisa que muita gente usa como justificativa para alisar ou relaxar o cabelo, é que o cabelo cacheado dá muito trabalho, que é muito difícil de cuidar e que é muito ressecado, isso na verdade é totalmente um mito por que o cabelo alisado dá muito trabalho também, você tem que ir no salão de tantos em tantos meses para retocar a raiz, tem que gastar um dinheiro com

isso, tem que fazer chapinha, você tem que usar o secador, as vezes tá um calor danado e você tem que usar chapinha para deixar o seu cabelo mais bonito.

Eu não diria que o cabelo cacheado dá mais trabalho do que o cabelo alisado ou relaxado, mas ele dá um trabalho totalmente diferente, é um trabalho que ele te mostra resultados bonitos no seu cabelo, trabalho que ele vai deixar o seu cabelo mais saudável e o cabelo com química não, você precisa fazer chapinha toda semana, você precisa fazer escova toda semana, você precisa ir no salão de tanto em tantos meses, então eu nunca diria que o cabelo cacheado dá mais trabalho que um cabelo com química porque ele dá um trabalho totalmente diferente e é um trabalho que tem uma recompensa bem diferente também, que é uma recompensa de ver o seu próprio cabelo muito bonito, ao invés de ser um cabelo que é um pouco “fake”, que não é realmente seu.

E além disso o cabelo natural te dá uma independência muito grande para cuidar do seu cabelo, por que quando você usa química no seu cabelo, querendo ou não você está dependendo de um profissional para fazer essa química, quando você tem um cabelo natural você fica muito mais independente por que os cuidados dependem unicamente de você, dependem de você procurar o produto certo, de você fazer a hidratação uma vez na semana, você usar o shampoo correto, de você saber como finalizar o seu cabelo, e não de você depender e ter que ir em um profissional especializado para cuidar do seu cabelo, o que acaba te fazendo gastar mais dinheiro, então o cabelo natural te dá uma liberdade muito grande, pensa na liberdade de você não ter que fazer chapinha quando está calor, você vai simplesmente acordar, tomar um banho e seu cabelo vai estar lindo, a água não vai ser mais sua inimiga, a água vai ser sua amiga, por que cabelo cacheado, cabelo natural adora água, você não tem que fugir quando começar a chover.

Você não vai ter que ter medo de ir à praia com seus amigos, você não vai ter medo de ir a piscina com seus amigos, muito pelo contrário, o cabelo natural ele lida muito bem com todas essas situações, e além disso se você gosta do look do cabelo liso, se você acha bonito ter o cabelo liso, você vai poder fazer uma escova quando quiser e a escova vai ficar muito mais bonita porque o seu cabelo vai estar saudável, vai estar aquele cabelo com o aspecto liso e com o aspecto bonito, com o aspecto sedoso, não vai ficar aquele cabelo liso com as pontas todas destruídas, então quando você quiser usar o cabelo liso você vai poder usar, você pode simplesmente fazer uma escova, fazer uma chapinha e ele vai ficar normal de novo é só você

cuidar dele e ele vai voltar a fazer os cachinhos do jeito que ele faz, então o cabelo cacheado, o cabelo natural, cacheado ou crespo, ele é muito mais versátil.

E uma outra justificativa que eu escuto muito para as pessoas alisarem o cabelo é que, o meu cabelo tem muito volume, o meu cabelo é muito cheio, ele fica muito volumoso, a raiz do meu cabelo é muito alta, e eu vou te dizer com cem por cento de certeza que, se você quiser diminuir o volume do seu cabelo, você não precisa de química para isso, existem milhões de formas naturais, formas de finalização do cabelo, de hidratações, de mascaras que você pode usar, para diminuir o volume do seu cabelo sem você precisar utilizar nenhum tipo de química. Então falar que haa meu cabelo é muito volumoso e eu preciso usar química para diminuir o volume, não! Você não precisa você pode diminuir o volume do seu cabelo simplesmente com um jeito de finalização, com os produtos que você usa, com as hidratações que você faz, isso é totalmente possível.

E eu sei que aprender a cuidar do cabelo cacheado ou crespo não é uma coisa tão simples assim, por que a gente não tem informação disponível tão facilmente, a mídia não te diz o tempo todo como você faz para cuidar do seu cabelo, normalmente a sua mãe não sabia como cuidar do seu cabelo, você não sabe como cuidar do seu cabelo, por que ninguém ensinou, por que ninguém está interessado, em saber como cuidar do cabelo crespo ou cacheado, a mídia não tem interesse, muitas das empresas de cosmético não tem interesse, eles preferem te vender um produto de alisamento e daí você se vira com isso.

Mas hoje a situação é bem diferente a gente não pode mais reclamar da mídia e simplesmente reclamar quando a gente também é a mídia, hoje em dia a gente tem o YouTube, a gente tem a internet e todos nós podemos ser a mídia, todos nós podemos divulgar informações, todos nós podemos compartilhar informações, sobre como cuidar dos nossos cabelos, sobre técnica, sobre hidratações, e tudo mais então. Hoje em dia é muito mais fácil aprender a cuidar do seu cabelo natural, cacheado ou crespo, você tem mais informações na internet, mais informação no YouTube, em blogs e tudo mais, você pode sim aprender a cuidar dele do jeito que ele precisa e de um jeito que você vai conseguir deixar ele natural e bonito.

E o ultimo motivo sobre o qual eu quero falar, que para mim é um dos mais importantes é o fato de que ter o seu cabelo natural, não alisar o seu cabelo, não relaxar o seu cabelo, é uma forma de resistência aos padrões que a mídia impõe de beleza, é você dizer, por que eu preciso ter o meu cabelo liso para ser bonita? Quem disse que o meu cabelo não é bonito? Só por que ele é cacheado, só por que ele é crespo? Por que ele é feio? Por que é crespo ou cacheado?

É uma forma de você dizer, eu também sou bonita, do jeito que eu sou, eu não preciso ser magra, alta, loira, ter os olhos azuis, ter o cabelo longo, pra ser bonita, eu sou bonita com meu corpo do jeito que ele é, com o cabelo do jeito que ele é com o rosto do jeito que é, com a minha boca grande, com o meu nariz grande, seja lá do jeito que você for, é o jeito de você dizer, não existe um tipo de beleza, existem vários tipos de beleza.

Gente a diversidade é uma coisa tão bonita e tão positiva, por que a gente vai querer todo mundo ter o cabelo de um jeito só? Por que a gente tem que ter o cabelo de um jeito só, toda textura de cabelo, ela é linda, seja o seu cabelo black power, que a gente chama de 4c, seja um cabelo ondulado, ele é lindo, então você não precisa, fazer um relaxamento para abrir os seus cachos, por que cachos abertos são mais bonitos do que cachos fechados, quem disse isso, quem disse que cachos abertos são mais bonitos que cachos fechados, por que um cabelo 4c, super black power e super com os cachinhos fechados não é bonito?

Quem disse que isso não é bonito, ninguém me avisou que isso não era bonito, eu acho lindo, para mim esse é um motivo muito importante por que ele mexe muito com a nossa confiança, eu quando eu tinha o meu cabelo alisado, a minha confiança, era completamente diferente do que a minha confiança hoje, hoje eu aceito meu corpo, eu aceito meu cabelo, eu aceito os meus defeitos e as minhas qualidades, muito melhor do que antes, quando eu achava que estava tentando me enquadrar em alguma coisa.

Então pessoal, eu vou parar por aqui por que eu realmente poderia ficar falando sobre esse assunto por um dia inteiro, mas eu não quero que esse vídeo fique absurdamente longo, e eu espero que eu já tenha conseguido passar minha mensagem para vocês, e que vocês já tenham entendido o que eu queria dizer, e se você tem o cabelo com química, se tem o cabelo alisado ou relaxado, e você ficou interessado em deixar o seu cabelo natural, ou seja, ele ondulado, crespo ou cacheado, eu vou fazer um próximo vídeo que vai ser sobre transição capilar que é o processo pelo qual você tem que passar quando você resolve deixar o seu cabelo natural e largar a química, então se você está interessado nisso, não deixe de se inscrever no canal para não perder esse vídeo.

E se você conhece alguém que pode não está tão feliz em relação ao próprio cabelo alisado, pode está achando que o cabelo alisado pode está feio e não está tão feliz em relação a ele por favor manda esse vídeo para essa pessoa, divulgue esse vídeo para que a gente possa fazer com que mais e mais pessoas saibam que existe uma opção e pode sim deixar o seu cabelo natural sim, tem vários motivos para deixar o seu cabelo natural.

Se você gostou desse tipo de vídeo, que é um pouco mais conversas e menos tutorial, onde eu sento e converso mais com vocês, por favor clique em gostei, por que daí eu vou saber e eu posso fazer mais vídeos como esse, conversando mais com vocês, muito muito muito obrigado por ter assistido esse vídeo e eu vejo vocês em meu próximo vídeo, um beijo e tchau!”

Iniciamos esse texto com essa longa transcrição do vídeo postado no dia 24 de junho de 2014 com o título “Por que NÃO alisar ou relaxar o cabelo”¹, que já foi visualizado 57.473 vezes², como mostra a imagem, recebendo 3.047 “gostei” e 62 “não gostei”. Essas avaliações do conteúdo postada são feitas por aqueles que assistem aos vídeos. A própria criadora de conteúdo para plataformas digitais pede ao final do seu vídeo que as pessoas deixem sua avaliação.

Imagem 1- Print Screen do vídeo “Por que não alisar ou relaxar o cabelo”



Fonte: [<https://www.YouTube.com/watch?v=G-YqQ8j6tH4>]

Além das avaliações, as pessoas também podem deixar suas impressões e opiniões no espaço destinado aos comentários, que fica logo abaixo do vídeo que foi executado. Foram postados 215 comentários e a criadora de conteúdo acompanha as discussões. Os comentários podem ser respondidos por ela mesma ou por quem participa da conversa, devendo estar logado

¹ Vídeo disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=G-YqQ8j6tH4>, consultado em: 30/07/17.

² Esses dados foram computados até o dia 30/07/17, data da última consulta, esses podem se alterar pois o vídeo continua disponível para visualização.

na plataforma do *YouTube* como requisito para postar um comentário. Na imagem abaixo aparece o *print screen* que foi retirado da seção “comentários” do vídeo em questão.

Imagem 2- Print Screen da seção comentários do Canal do *YouTube* Mari Morena.

COMENTÁRIOS • 215

Adicionar um comentário público...

Principais comentários ▾

 **Natasha Rattacasso** 2 anos atrás
Video de utilidade pública com certeza! :)
Responder • 35  
[Ver resposta](#) ▾

 **Marianna Dulce** 3 anos atrás
Adorei!!! O pior é eu dava essas desculpas... Mas chegou uma hora que eu não aguentava mais! Foi a melhor coisa que eu já fiz! E eu sei que toda menina que alisa no fundo quer voltar, mas a pressão da mídia e a sociedade impede isso. Quando decidi voltar não tive apoio nem do meu namorado! Acho que a influência de amigos e familiares impedem muita gente!
Responder • 25  
[Ver todas as 2 respostas](#) ▾

 **Mari Morena** 3 anos atrás
Vanessa eu não sigo o cronograma capilar. Nunca faço o que chamam de "nutrição" ou "reconstrução" considerando que não acredito no que elas significam. Só faço hidratações quase sempre que lavo o cabelo (2 a 3 vezes na semana). Beijos!
Responder • 12  
[Ver resposta](#) ▾

 **ciana** 3 anos atrás
lindaaaaaaa, amei o video, e concordo com vc, esse povo que fala que cabelo liso da menos trab, deve ter bebido o formol da progressiva rrsrrsr
Responder • 10  
[Ver resposta](#) ▾

[Fonte: <https://www.YouTube.com/watch?v=G-YqQ8j6tH4>]

Trazemos essa transcrição por ela sintetizar diversas questões importantes que vão surgindo quando nos debruçamos a estudar os cabelos crespos/cacheados e a transição capilar.

Sintetizaremos alguns argumentos que a criadora de conteúdos Mari Morena aponta algumas tendo por objetivo mostrar as razões pelas quais as pessoas não deveriam usar produtos que alteram a estrutura no cabelo.

Primeiro ponto é a oposição entre os cabelos lisos, quimicamente modificados, e os crespos/cacheados. Como Mari Morena aponta no vídeo, é uma questão que pode ser polêmica,

pelo acirramento das oposições entre um e outro, como ela mostra mais a frente, o primeiro representando um padrão de beleza hegemônico, enquanto o segundo luta para se afirmar como belo.

Uma segunda questão é como se dá a relação com o cabelo. Isso ela relaciona à felicidade como motivador para manter o uso de químicas ou abandono dessas e os questionamentos que surgem em relação à beleza e ao bem-estar, esses ligados a uma escolha individual.

As duas primeiras razões que são apresentadas no vídeo estão relacionadas à saúde, tanto do corpo quanto de cabelo. Essa preocupação desencadeou uma série de vídeos postados no canal acerca dos produtos usados e quais os componentes em suas formulações que seriam benéficos ou nocivos para os cabelos.

Outro ponto a ser destacado é a “escravidão da chapinha, escova e processos químicos” e a “liberdade” dos cabelos naturais, esses termos foram sendo usados para se referir às obrigações impostas nos cuidados com os cabelos. Esse é um importante ponto a se destacar no tema discutido, pois marca ainda mais essa oposição entre “cabelos lisos” e “cabelos naturais”.

O crescimento capilar e a versatilidade dos cabelos sem química também são enfatizados, ao passo que ela mostra que os cabelos longos e lisos estariam relacionados ao padrão de beleza imposto e esse processo de transição capilar revelaria a diversidade nos tipos de cabelos, que estaria sendo apagada pelos processos de alisamento.

A independência na forma de tratar os cabelos é algo que diferencia os dois tipos de cabelo, quimicamente tratado e o natural. Independência da ajuda de um profissional especializado, do uso de calor e do gasto financeiro com os procedimentos. Esta independência também está relacionada a como vai se dispor do cabelo e qual a regularidade nos cuidados. Já que a própria pessoa se encarregaria deles, não haveria mais a necessidade de evitar a exposição a água e atividades que prejudicariam o efeito alisado do cabelo, que Mari Morena coloca como “fake”, falso, não sendo o cabelo verdadeiro. Outra justificativa para usar produtos químicos no cabelo são as próprias características do cabelo que não são desejadas, como volume, possuir uma textura crespa, ter um cabelo “*Black Power*”.

Além de trazer à tona uma divisão interna dos cabelos naturais, onde os cachos mais abertos, os cabelos cacheados, seriam desejados, a ponto de se recorrer às químicas de

transformação para alcançar esse efeito, enquanto os com textura *black power*, 4c, crespos não seriam considerados belos.

As informações sobre cuidados com os cabelos, técnicas, produtos específicos, finalizações, são destacadas como necessárias para que haja uma motivação para o uso do cabelo natural, a criadora mostra, que no momento da produção do vídeo, essas informações acerca de cuidados eram escassas, não havendo espaço na mídia e interesse das empresas de cosméticos pelos cuidados com os cabelos que não fosse o alisamento. Mas ela destaca que o panorama estava sendo alterado a partir do uso da internet, acesso a plataformas de compartilhamento de conteúdo, dando uma autonomia na produção e distribuição destas informações, dando relevo a atuação dos criadores e consumidores desse conteúdo que os compartilham fazendo a informação circular. E por último ela enfatiza o uso desse cabelo “natural” como forma de resistência a um padrão de beleza imposto, questionando como esse teria surgido e porque haveria discriminado quais seria os cabelos e os traços físicos considerados bonitos e desejáveis, desprezando os outros.

Essa transcrição também apresenta termos nativos que abordaremos aqui. O primeiro deles é a transição capilar. Além de buscarmos as definições para os termos, trataremos também as narrativas de produtoras de conteúdo, sobre os seus processos de transição capilar.

Nesta dissertação apresento como proposta a análise dos sentidos atribuídos à transição capilar e aos cabelos crespos/cacheados partindo dos conteúdos produzidos por mulheres e postados na internet.

O objetivo aqui é refletir acerca dos conhecimentos produzidos, os modos de circulação e práticas de consumo que envolvem diretamente produtoras de conteúdo para plataformas digitais que passaram pelo processo de transição capilar, verificando quais os termos que circulam no ciberespaço que caracterizam esses cabelos e a transição capilar.

Desde o ano de 2013 que acompanho os conteúdos produzidos sobre a transição capilar, vendo o desenvolvimento das carreiras das criadoras de conteúdo, comprando e usando diversos produtos que foram sendo lançados.

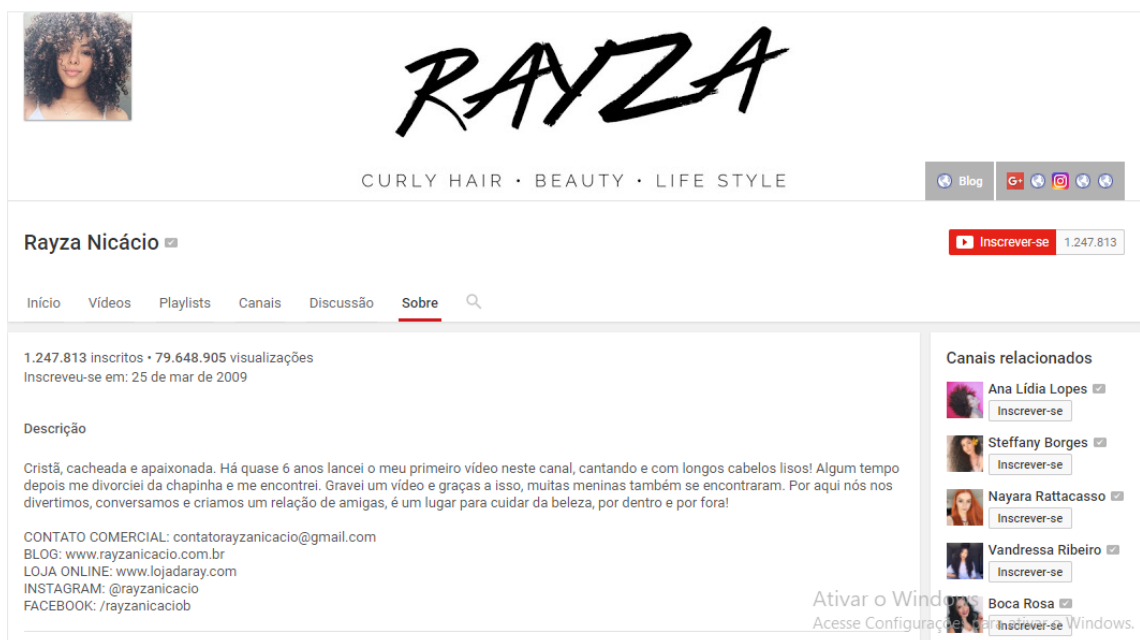
Escolhi duas produtoras de conteúdo, me debruçando sobre o material audiovisual produzido para a plataforma *YouTube*. Como ponto de partida nessa pesquisa, as postagens na página do *Facebook* e o perfil no Instagram aparecem de modo secundário. Os *links* para essas

páginas surgem durante a exibição do vídeo, normalmente ao final deles, e as criadoras de conteúdos convidam aqueles que estão assistindo os vídeos para acessá-las.

Produtor de Conteúdo³ é um termo nativo usado pela plataforma do *YouTube*, site que a partir de um cadastro é criado um canal, onde podem ser postados vídeos. Usamos aqui o termo canal em um sentido abrangente com relação a todas as informações que são produzidas e divulgadas por essas mulheres, sendo elas distribuídas no *YouTube* ou em outra mídia social.

Escolhemos analisar o canal do *YouTube* de Rayza Nicacio, por este ser o maior canal do Brasil em número de inscritos a postar conteúdos voltados para os cabelos em transição e os “transicionados”. O canal conta com 1.247. 813 inscritos⁴, e com quase 80 milhões de visualizações⁵.

Imagem 3- Print Screen da aba “sobre” do canal Rayza Nicácio.



[Fonte: <https://www.YouTube.com/user/rayzabatista/about.>]

Essas informações sobre a quantidade de inscritos, número de visualizações absolutas dos vídeos, estão disponíveis na aba “sobre”, quando acessamos o canal no *YouTube* (em destaque na imagem acima), lá encontramos a descrição fornecida pela criadora de conteúdo

³ Informações disponíveis em: <https://www.youtube.com/yt/creators/pt-BR/benefit-levels.html?noapp=1>. Acessado em 26/07/17.

⁴ Esse dado foi coletado no dia 25/07/17, disponível em: <https://www.youtube.com/user/rayzabatista>.

⁵ Essas informações estão disponíveis na aba “sobre”. Link: <https://www.youtube.com/user/rayzabatista/about>. acessado em: 27/07/17

acerca dos temas tratados no canal, data em que a conta foi criada na plataforma. No cabeçalho encontramos a foto, temas de interesse do canal e ícones para acessar outras páginas e *sites* administrados pela produtora de conteúdo nas redes sociais.

A descrição já mostra que Rayza Nicacio se identifica como cristã e posta no seu canal vídeos com esse tema. Além desse tema encontramos também conteúdos sobre maquiagem, beleza, moda, viagens e *tags*. Neste último, a criadora responde perguntas que são enviadas pelos inscritos em sua rede social. Muitos vídeos são produzidos para discutir esse tema e outros que poderiam ser definidos como íntimos, percebemos assim em fazer desse espaço um retrato da vida cotidiana.

No caso do canal de Rayza Nicácio também estão disponíveis os endereços eletrônicos para contato comercial, do seu *blog* e da loja *on line*. Na coluna da direita outros canais, alguns de outras produtoras de conteúdo, na plataforma que se relacionam com os assuntos tratados por ela.

Por certos esses dados que aqui apresentamos se alteraram. Em um primeiro levantamento em 30/09/2014, ocasião da escrita do projeto para seleção do mestrado, o canal tinha 180 mil inscritos, menos de um ano depois, o canal já contava com um milhão de seguidores, mostrando assim o rápido crescimento desses.

O segundo canal escolhido foi o de Mari Morena, que possui mais de 277 mil inscritos e de onde retiramos a transcrição do vídeo que abre esse texto. Todos os vídeos postados no canal alcançam mais de 15 milhões⁶ de visualizações em números absolutos.

⁶ Essas informações estão disponíveis na aba “sobre”. Link: <https://www.youtube.com/user/veganmarii/about>. Acessado em: 27/07/17

Imagem 4 -Print Screen da aba “sobre” do canal Mari Morena



[Fonte: <https://www.YouTube.com/user/veganmarii/about.>]

Na imagem acima temos um *print screen* das informações sobre o canal fornecidas pela criadora de conteúdo. A descrição já nos chama atenção pela frase “Não é só sobre cabelo, é sobre identidade”, relacionando assim os cuidados com o cabelo com aspectos da identidade que vemos surgir também nas palavras que estão escritas na capa “cabelo, dicas, autoestima, veganismo, beleza, moda e muito mais” alguns desses termos já aparecem na transcrição que trouxemos para esse texto e são tema de diversos vídeos postados.

Destacamos os vídeos que são produzidos tendo como foco os produtos cosméticos industrializados e suas formulações. No canal vemos o destaque que ela traz para produtos veganos, produtos sem nenhum componente de origem animal nem testados em animais antes de serem liberados para comercialização.

As biografias dessas produtoras de conteúdos foram sendo acessadas à medida que eu fui assistindo os vídeos.

Em um vídeo⁷ com o título “50 fatos sobre mim”, Mari Morena afirma ser vegana, feminista, ateia nascida no Rio de Janeiro, atualmente com 26 anos, e que cursou gestão

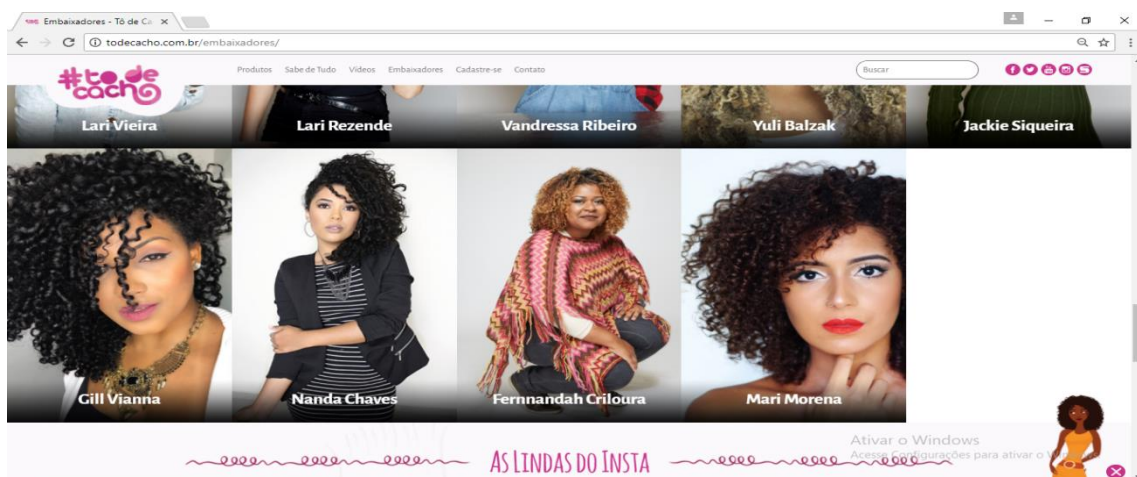
⁷ Vídeo 50 fatos sobre mim, disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=h_qc2QibZSw, acessado em 14/07/17.

ambiental. Por certo esse percurso pessoal marca os temas escolhidos para os vídeos e o modo como estes são abordados.

O objetivo aqui não é buscar padrões e generalizações acerca das experiências das mulheres com seus cabelos. Ao contrário, existe uma pluralidade de experiências que surgem a partir de um ponto comum, a transição capilar, e estão intimamente relacionadas às trajetórias de vida. Neste trabalho partimos das narrativas sobre a transição capilar como disparadora das reflexões acerca da produção de um conhecimento sobre os cabelos, produção de conteúdo e práticas de consumo.

Juntamente com o surgimento dos canais do *YouTube*, *blogs* e páginas do *Facebook*, acompanhei uma crescente oferta de produtos capilares por grandes empresas de cosmético. Nos sites empresariais, estão disponíveis os produtos comercializados, como se deu a campanha de promoção desses, os slogans e conteúdo escrito produzido para promover os cosméticos. Em muitas dessas campanhas as criadoras de conteúdo digital integram ações de marketing de empresas cosméticas que disponibilizam produtos específicos para cuidado com os cabelos. No ano de 2017, Rayza Nicacio é a embaixadora da marca Seda e Mari Morena da marca Salon Line.

Imagem 5- *Print screen* do site Tô de cacho, Mari Morena como embaixadora da marca Salon Line. (Última foto da esquerda para direita).



Fonte: [https://www.todecacho.com.br/]

Também outros produtos começaram a ser comercializados ligados aos cabelos crespos/cacheados. Acessórios, brincos, tecidos para turbante, fronhas e toalhas específicas, tipos de pentes, além de produtos culturais como documentários, músicas e livros.

A transição capilar oportuniza discussões com enfoques em variados aspectos, assim seria difícil esgotarmos todas as nuances no âmbito dessa dissertação, outras formas de perceber o cabelo e a transição capilar existem, mas aqui nos limitamos a apresentar esses dois canais, dialogando com a minha experiência com o meu cabelo.

Antes de abordarmos diretamente a transição capilar é necessário entender o que vem antes dela, o alisamento dos cabelos. Na próxima seção tratarei dos aspectos técnicos do uso de produtos cosméticos com química de transformação em sua formulação, alguns apontamentos históricos sobre o seu uso nos cabelos e quais os efeitos sobre a fibra e o couro cabeludo.

1.1- Alisamento capilar: alterando a estrutura dos fios.

O Brasil é o terceiro maior país consumidor de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosmético, no ano de 2012 o faturamento chegou a 41,7 bilhões de dólares⁸, isso revolucionou a forma como as empresas do segmento de produtos cosméticos, percebem o público brasileiro se voltando cada vez mais a produzirem itens que correspondam aos anseios deste crescente mercado, que tem a expectativa de se tornar o segundo maior mercado consumidor no ano de 2020 ficando atrás apenas dos Estados Unidos.

Existem diversos tipos de modificações capilares, algumas são feitas a partir de acréscimos de cabelos humanos ou sintéticos como extensões, mega-hair, apliques, perucas, outras transformam os cabelos com produtos cosméticos com componentes que alteram a bioquímica dos fios, como tinturas, alisamentos, progressivas e permanente afro.

A modificação capilar mais aderida é o alisamento capilar, no ano de 2007 das 145 empresas fabricantes de cosméticos, 34% delas produziam e distribuíam itens que continham substâncias químicas que propiciavam a transformação da estruturado fio do cabelo⁹ a popularização desta técnica é tamanha que em qualquer cidade é possível encontrar salões de beleza, e estes são cerca de 1 milhão¹⁰ em todo território nacional, que oferecem como tratamento capilar a aplicação de químicas de transformação nos cabelos das clientes, estas alteram a estrutura bioquímica dos cabelos.

⁸ Dados retirados do caderno de tendência 2014-2015, ABIHPEC.

⁹ VARELA, Antônio Edson Martins. **Um estudo sobre os princípios ativos dos produtos para alisamento e relaxamento de cabelos oferecidos atualmente no mercado brasileiro.** Trabalho de conclusão de curso (graduação em cosmetologia estética) - Centro de Educação Balneário Camboriú, Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú, 2007.

¹⁰ Fonte: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/vale-a-pena-montar-um-salao-de-beleza,efb8d62b2b886410VgnVCM1000003b74010aRCRD>.

As diferentes curvaturas capilares se dão pela composição bioquímica dos cabelos, as pontes de dissulfetos presentes no córtex do fio, os folículos pilosos do couro cabeludo produzem proteínas, sendo a queratina a mais comum e abundante, um dos componentes dessa proteína é o enxofre, quanto mais próximas estiverem essas proteínas, mais a fibra do cabelo se dobra para que as moléculas de enxofre se aproximem formando assim as pontes de dissulfeto, consequentemente a estrutura do fio fica torcida, assim se formam os cabelos ondulados, cacheados e crespos, em ordem de maior torção.¹¹

Uma tabela de curvatura dos fios classifica-os em ordem crescente de torção, esta tem sido usada como referência em alguns produtos cosméticos, apesar da quantidade de tabela como a da figura abaixo se proliferarem na internet a origem dela não foi identificada.

Imagem 6- Tabela dos tipos de cabelo classificados pela torção.



[Fonte: <http://frescachic.blogspot.com.br/>]

Para que a fibra capilar se altere é necessário que algum agente externo modifique essas estruturas, para dar aos cabelos um efeito liso existem dois tipos de alisamento um temporário e outro permanente¹², o primeiro se dá através do uso do calor úmido, quer dizer, o cabelo molhado fica exposto a uma fonte de calor que propicia uma quebra mais moderada nas ligações permitindo um alisamento que o cabelo retorna à condição inicial após ser molhado novamente.

O alisamento mais duradouro acontece quando se usa produtos à base de hidróxidos, tioglicolatos e formol. Esses rompem as pontes de dissulfeto e com a ação mecânica da escovação juntamente com a exposição a uma fonte de calor como o secador e chapinha essas

¹¹ FERREIRA, Lilian Abreu e BRAGA, Danielly Caixeta. **Substâncias ativas do alisamento capilar e seus mecanismos de ação.** Eletronic Journal of Pharmacy. Vol. XIII, N.2: 56-63, 2016.

¹² Foram consultados estudos produzidos nas áreas de cosmetologia e a farmácia, para o levantamento de informação de como se dá o processo de alisamento capilar a exemplo de Ferreira, 2016.

pontes são religadas em outro formato permitindo o efeito alisado mais duradouro. O retorno ao estágio inicial só é possível com a total renovação do fio.

O texto “Relaxing/straightening of Afro-ethnic hair: historical overview” (Dias, Baby, Kaneco e Velascos, 2007) mostra o desenvolvimento histórico dos produtos para alisamento capilar. Uma das primeiras formas de alisamento capilar foi criada por uma mulher afro americana Madame C. J. Walker aproximadamente no ano 1900, uma técnica conhecida como “heat pressure” ou “hot comb” traduzida como pente quente, nesta era usado vaselina sólida e um pente de metal aquecido em altas temperaturas em torno dos 200°C, os resultados do alisamento eram temporários.

Esse tipo de alteração capilar provocava lesões graves como queimaduras no couro cabeludo, queima e quebra dos cabelos, uma consequência desses procedimentos era a perda de cabelo, levando à calvície. Por conta desses problemas, Madame C. J. Walker também formulou e comercializou a primeira linha de produtos cosméticos voltados para tratamento dos “cabelos afro-étnicos”, com funções antiqueda. Ela ainda inaugurou o sistema de vendas diretas através de representantes que ensinavam as consumidoras as técnicas de uso dos produtos.

Nos anos 30, surge um equipamento que possibilita aos cabelos crespos/cacheados um efeito ondulado, dando a estes um aspecto mais “domado” o *cabelisador*¹³ (Imagem7), instrumento de metal que aquecido alisava parcialmente os cabelos.

Imagem 7- Pente Quente e cabelisador.



[fonte: <http://lista.mercadolivre.com.br/chapinha-baiana-de-ferro>]

¹³ A revista Cabelo e Cia, uma das mais importantes do segmento de beleza no país, lançou em outubro de 2015 um do guia sobre alisamento capilar, é deste que retiramos alguns fatos históricos referentes às técnicas acima apresentada. Disponível em: <http://revistacabelos.uol.com.br/guia-de-alisamento-cabeloscia-out2015/>.

Os primeiros alisamentos químicos surgiram por volta do ano 1940, usando em sua composição hidróxido de potássio ou de sódio, conhecido popularmente como soda caustica, estes irritavam extremamente a pele, provocando graves queimaduras e ferimentos.

Em 1950 os produtos têm suas formulações desenvolvidas e chegam às lojas especializadas, passam a ser aplicados em salões de beleza por profissionais, uma das empresas que despontava no cenário americano no segmento era *Relax*, desta deriva o termo relaxamento, como pratica de alisar os cabelos usando produtos a base de componentes químicos.

Os primeiros produtos industrializados vendidos para serem aplicados por todas as pessoas, inclusive aquelas que não eram profissionais, surgiram em torno do ano de 1965, mas desde os primeiros produtos lançados o público alvo eram as mulheres que possuíam o “afro-ethnic hair”, o cabelo afro étnico.¹⁴

Nos anos 70 e 80 com o surgimento do movimento Hippie e a luta por direitos civis nos Estados Unidos, os cabelos deixam de ser “domados” com técnicas e produtos para alisamento e assumem uma forma “natural”, os cabelos da cantora Janis Joplin e dos Jackson 5 se tornam ícones.

Os cabelos cacheados se tornam “moda” nos anos 80, surge à técnica do cacheamento, conhecido como permanente afro, utilizando os mesmos produtos para alisamento é alterado o modo de aplicação, o cabelo é enrolado em torno de modeladores conhecidos como *bigudis*, e o formato em espiral deste propicia que as pontes de dissulfeto se religuem em formato espiralado. Os salões de beleza começam a disponibilizar a técnica para aquelas que possuem cabelos lisos possam ter cachos e as crespas/cacheadas possam “domar” os fios.

O cabelo liso perfeito se torna o objetivo nos anos 90 e 2000, essa busca leva ao uso de técnicas e produtos mais agressivos para os cabelos, como o alisamento japonês, desenvolvido pelo cabeleireiro Satoro Nagata que demandava a aplicação do produto alisante e repetidos enxágues do cabelo e aplicação da chapinha em seguida, esse processo fragilizava o fio levando a quebra, queda e até alopecia¹⁵.

¹⁴ Os autores, na página 3 do texto “Relaxing/straightening of Afro-ethnic hair: historical overview”, 2007, diferenciam esses cabelos que eles denominam como afro-étnico distinguindo-os do caucasiano e asiático, fazem essa diferenciação levando em conta a estrutura bioquímica dos fios, a presença do enxofre e consequentemente as diferentes torções como já apontamos acima.

¹⁵ Queda de cabelo parcial ou total de forma espaçada pelo couro cabeludo existem variadas causas para o surgimento e agravamento deste problema, traumas no couro cabeludo é uma destas.

Os processos de alisamento capilar utilizando química de transformação trazem consigo seu efeito liso e também seus riscos que afetam a saúde, o problema mais comum são as queimaduras no couro cabeludo e a quebra dos fios de cabelo, as mais graves podem levar a uma queda severa do fio provocando a calvície, outros problemas provocados por esse procedimento popular são as alergias, irritações e o contato direto com os olhos pode provocar cegueira. (Varela, p. 12-13, 2007)

O procedimento mais danoso à saúde que já foi desenvolvido foi com produtos à base de formol, este produto surgiu na cidade do Rio de Janeiro, e seu uso pode provocar diversas reações alérgicas, em casos de agressão extrema levou usuárias a óbito.

A aplicação do produto seguido do aquecimento do fio por equipamento como secadores e chapinha, liberam substâncias cancerígenas, a grande quantidade de casos de reações adversas levou a Agência de vigilância Sanitária a proibir a comercialização de produtos que continham essa substância em sua formulação¹⁶.

Como já apontamos os produtos voltados para alisamento capilar possuem alguns riscos a saúde por conta dos componentes da sua formulação e da técnica de aplicação que pode envolver calor excessivo, a rotina de manutenção também pode levar a sérios danos para os fios dos cabelos, agredindo o couro cabeludo, muitas mulheres sofrem queda do cabelo, queimaduras no couro cabeludo, irritação, quadro alérgico ou algum efeito adverso por conta da interação de dois produtos com químicas incompatíveis, e ocorre o que na cosmetologia é chamado corte químico¹⁷.

Esses produtos cosméticos com substâncias químicas que alteram a estrutura do fio são usadas em pequenos intervalos entre uma aplicação e outra, elas devem ser aplicadas na raiz nascente e esse processo pode ser feito com até três meses de intervalo totalizando 4 aplicações por ano, por um longo período de tempo os danos e perda de cabelo fazem com que muitas mulheres passem algum tempo sem usar nenhum produto para que o cabelo se recupere.

¹⁶ A ANVISA através da resolução RDC 36, de 17 de junho de 2009, proibiu a venda de produtos cosméticos que continham em sua formulação a substância formol em diversos estabelecimentos comerciais, buscando evitar que o fácil acesso a ela fizesse com consumidores a adicionasse em bases cosméticas com o objetivo de alisar os cabelos. Estes podem ser encontrados em produtos cosméticos em baixa concentração com a função de conservante. Informações disponíveis em: http://www.anvisa.gov.br/cosmeticos/alisantes/escova_progressiva.htm

¹⁷ O corte químico pode ocorrer por vários motivos, incompatibilidade de substâncias usadas em um produto, excesso de tempo do produto no cabelo, uso indevido de produtos em cabelo fragilizado, entre outros, resultando no rompimento do fio em diversas alturas ao longo do cabelo, após esse processo, pode ser feito um corte no cabelo busca uniformizar a altura dos fios e recomenda-se um tempo de pausa para a reestruturação da fibra.

O cabelo é uma parte do corpo humano que se renova completamente e ainda não foi desenvolvida nenhuma forma de modificá-lo permanentemente, assim o tempo de pausa que pode ser recomendado como tratamento de problemas ocasionados por corte químico, alergias, queimaduras, provocado por algum produto com química de transformação, possibilita a total renovação dos fios e com ela a textura natural dele.

Imagem 8- cabelo com duas texturas, raiz natural e as pontas lisas.



[Fonte: <http://brownskinwomen.com/blog/a-newly-natural-transitioning-guide>]

Essa manipulação viabilizada pelo uso de substâncias químicas possui um forte significado social. Ao relatar a sua experiência com o alisamento capilar a teórica e feminista negra Bell Hooks (2005) aponta para algumas dimensões que refletem o caráter social do procedimento.

No texto “Alisando o nosso cabelo”, artigo publicado na Revista Gazeta de Cuba, ela mostra o alisamento como um rito de passagem, um momento onde se deixa a condição de menina, onde os cabelos infantis eram adornados com penteados ou trançados, para a condição de mulher onde os cabelos eram alisados e usados soltos, esse momento era aguardado com ansiedade pelas meninas, e no seu caso o primeiro alisamento foi feito no ambiente doméstico pela sua própria mãe.

Nesse momento, a autora ainda não via essa prática como uma forma de se encaixar em um padrão de beleza branco, pois para ela estava muito mais relacionado a passar para uma condição de mulher e poder participar desse momento de intimidade reservado apenas as mulheres negras, sem crianças e homens, estes fortaleciam os vínculos entre elas através de conversas que ocorriam durante o processo também apontado por Hooks como um momento de criatividade e mudança (p. 2).

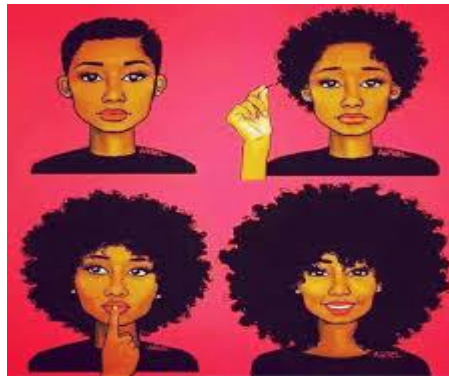
Dentro dos salões de beleza ou nos ambientes domésticos onde eram feitos os alisamentos não era questionado o que significava a prática do alisamento capilar, Hooks tensiona a questão

mostrando que todo o esforço em ter cabelos com fios o mais liso quanto fosse possível apontava para o desejo de se aproximar do padrão de beleza que era o da mulher branca com seus cabelos lisos, estas conclusões surgem após o seu engajamento na militância negra.

Nos anos 1960 o movimento negro americano começa a usar os cabelos Black Power como símbolo de resistência aos padrões impostos, mas com o avanço da indústria cosmética, muitos militantes voltaram a alisar os cabelos que se tornou uma pratica mais dispendiosa por ser feita em salões de beleza especializados, além de quebrar a dimensão de intimidade e cumplicidade entre as mulheres negras ressaltada por Hooks.

1.2- Definindo a transição capilar.

Imagem 9- Ilustração das etapas da transição capilar.



Fonte: [http://www.manualdoscachos.com/2014/04/voltando-aos-cachos-transicao-capilar.html]

“[...]a transição capilar, ela é o processo pelo qual você tem que passar quando você decide parar de usar qualquer tipo química no seu cabelo e deixar o seu cabelo natural crescer, ou seja, é quando você toma a decisão, ok, eu não quero mais fazer química no meu cabelo seja progressiva, alisamento ou relaxamento [...] a sua transição capilar ela vai começar no dia da sua última química e ela vai durar até o dia que você cortar toda a parte do seu cabelo que tá alisada, que é o que a gente chama de big Chop ou grande corte.”¹⁸

Essa transcrição do vídeo “Tudo sobre transição capilar. #papocacheado” da criadora de conteúdo Mari Morena nos apresenta uma definição para transição capilar, consistindo na passagem dos cabelos cuidados por químicas de transformação para uma estética chamada

¹⁸ Transcrição do vídeo “Tudo sobre transição capilar- #papocacheado” postada em 5/7/14, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=SMhXMcrOqKI>, consultada no dia 25/07/17, onde o vídeo já tinha sido visto mais de 90 mil vezes, sendo avaliado com 2.911 gostei e 24 não gostei.

natural. Essas mudanças incluem também alteração na rotina de cuidados e tratamentos, além de técnicas e penteado.

Não sendo apenas um período de pausa para tratamento da fibra e couro cabeludo desgastados pela química de transformação, também não é apenas uma mudança de visual, é encarado como um momento que propicia a reflexão sobre os padrões de beleza, pondo as mulheres dentro de um processo de aceitação ou negação da sua estética.

Respondendo a uma *tag*, que são perguntas criadas no âmbito da internet e respondidas por pessoas que tenham canais no *YouTube*, Rayza Nicacio no vídeo “Tag: assumindo o cabelo crespo por Rayza Nicacio”¹⁹, postado no dia 19/04/13, já foi visualizado 637.103 vezes, recebendo 17.323 avaliações “gostei” e 302 “não gostei”, fala da sua experiência com o seu cabelo e como foi a sua transição capilar ao responder a pergunta, “foi uma decisão fácil assumir o cabelo cacheado?”. Este vídeo

“eu não posso dizer que foi fácil por que eu não acordei assim, aí hoje eu, uau, vou assumir o meu cabelo cacheado porque eu quero ser mais livre da chapinha, não posso tomar banho de piscina, não foi bem assim.

Eu já contei isso mais de uma vez para vocês, mas eu ia para um acampamento da igreja, ou eu fazia progressiva e deixava meu cabelo reto, eu não gosto, ate hoje e nunca gostei daquela ponta de progressiva, aquele cabelo que fica super esticado, e é muito difícil você vê alguém que faz progressiva em cabelo cacheado ou afro que não gere esse efeito [...] então eu tinha muito medo de ficar com o cabelo assim [...] ou eu deixava o cabelo cacheado natural, e eu escolhi ir para igreja uma semana antes com o cabelo natural e todo mundo achou o máximo, todo mundo achou super legal, a partir desse dia, se eu não me engano foi em 2009, eu fiz escova no cabelo, 3,4 ou 5 vezes no máximo.

Então não foi uma decisão fácil, que eu tomei assim, pronto, estou bem resolvida e realizada, passei por vários processos, deixei de fazer, voltei a fazer, cortei, usei a franja lisa [...] passei por muita coisa, então não foi uma coisa fácil, mas não foi uma coisa de outro mundo também, como eu não tinha feito progressiva foi muito mais fácil. ”

Nessa transcrição destacamos a aceitação do cabelo e da estética por parte das pessoas que estão no entorno da mulher. Essa é uma questão que vem sendo apontada nas narrativas

¹⁹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FG5WSO9zNAY>, acessado em 12/07/17.

que acompanho, a aceitação facilitaria o processo de transição e a aceitação do cabelo, e a rejeição por parte dos familiares e entorno tornaria a mudança mais difícil.

No processo da transição capilar, à medida que os cabelos naturais vão crescendo a imagem da mulher vai se transformando, este momento é marcado por ser difícil manter autoestima elevada, já que ela passa a ser alvo de várias críticas por estar com o cabelo “descuidado”, como relatado nesse trecho transcrito do vídeo “Tudo sobre transição capilar. #papo cacheado”, já citado aqui, publicado por Mari Morena.

“[...]a última dica é: tenha força! Eu sei que muita gente não recebe apoio da família, não recebe apoio do namorado, não recebe apoio dos amigos, acaba ouvindo coisas muito tristes, as pessoas dizem: - haa eu preferia você quando o seu cabelo era liso, o seu cabelo tá feio, o seu cabelo tá com duas texturas, ou até acabam ouvindo comentários racistas. Mas o que eu quero dizer para você é, seja forte, faça isso por você, e não por causa dos outros, não importa o que as outras pessoas vão achar, não importa se elas não vão te apoiar, você está fazendo isso por você, por que você quer se sentir bem com o seu cabelo e isso é o que mais importa. Então tenha força para passar pela transição, por que quando isso acabar você vai se sentir maravilhosa, você vai se sentir bem e você vai perceber o como isso valeu a pena[...]”

Esse processo de transição capilar surge e tem um grande alcance oportunizado por um momento de aumento no acesso à internet, expansão das redes sociais e sites de compartilhamento de conteúdo e acesso a dispositivos móveis como os *smartphones*.

Através do levantamento de dados na Internet, o registro mais antigo do termo transição capilar relacionado aos cabelos crespos e cacheados que consegui encontrar foi um vídeo instalação artista plástica Zina Saro-wawa produziu para o jornal The New York Time no ano de 2012. No vídeo chamado “Transition”²⁰, ela relata a sua relação com seu cabelo e como foi impactada por essa transformação estética, principalmente quando cortou todo o cabelo, fez o big chop, passou a se sentir feia, mas ao iniciar um registro dos diferentes tipos de cabelo, percebe que não está só nesse processo, várias outras mulheres estão em busca de novas formas de se relacionar com a sua imagem.

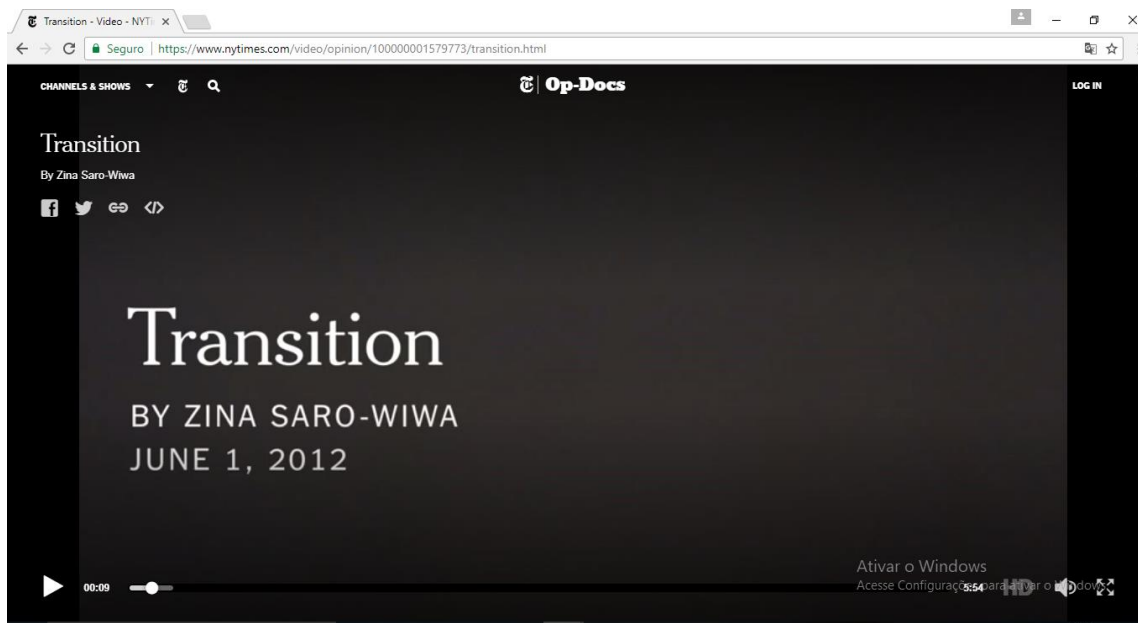
Ela afirma no seu vídeo “... fui obrigada a encarar o meu cabelo de verdade e fazer isso mudou minha vida. Eu havia intencionalmente passado por uma transição.”

²⁰ Disponível em <http://www.nytimes.com/2012/06/01/opinion/black-women-and-natural-hair.html>.

Zina passa a acompanhar o surgimento dos produtos de cuidados específicos que foram surgindo, percebe que, naquele momento, havia uma dificuldade em relacionar essa mudança no visual como uma forma de influenciar politicamente, já que os padrões estéticos não estão desvinculados do contexto social. E no trecho abaixo mostramos a sua fascinação pela variedade de cabelos que ela começou a perceber.

“Fiquei obcecada por todas as variedades de cachos que agora estavam expostos ao redor de mim. Isso me inspirou a examinar a mim mesma mais de perto. Ver o meu padrão natural de cacho pela primeira vez foi uma revelação... Agora eu estava inspirada para cuidar dele... passar por essa transição mudou a minha relação com todo o meu corpo. Também comecei a tirar fotos de mim mesma e de outras mulheres com cabelo natural depois da minha transição. Essa necessidade de documentar e coletar imagens é comum na comunidade de mulheres com cabelo natural. As imagens nos ajudam a afirmar e celebrar a nossa estética, por que ainda é difícil encontrar cabelos naturais na grande mídia”

Imagem 10- Print Screen da imagem inicial do vídeo instalação “Transicion”.



[Fonte: <http://www.nytimes.com/2012/06/01/opinion/black-women-and-natural-hair.html>.]

O *Big chop* (BC) também é um termo nativo importante. Esse termo vem do inglês e a tradução usada para ele é grande corte, quando a pessoa que está passando pela transição capilar resolve cortar a parte do cabelo que tenha química de transformação deixando apenas os cabelos crescentes. No processo de transição capilar é momento crucial e emblemático como destaca a fala de Mari Morena.

“[...] uma outra opção que foi o que eu particularmente escolhi fazer com meu cabelo é cortar o cabelo super curto logo depois da última química, antes até mesmo dele começar a crescer cacheado e nem ter que passar pela transição só deixar ele crescer [...] essa também é uma opção para quem se sente um pouco mais confiante em ter cabelo curto, para quem não tem problema em ter cabelo curto, essa é uma opção muito boa porque você não vai ter que lidar com o problema de ter duas texturas no seu cabelo. O que muita gente faz também é nunca fazer o big chop, ou seja, as pessoas simplesmente vão deixando o cabelo crescer e fazendo cortes pequenos no cabelo conforme ele vai crescendo [...] isso pode demorar anos e anos até você conseguir cortar a parte lisa do seu cabelo, mas muita gente que não se sente confiante ou não se sente bem em ter cabelo curto acaba optando por essa opção. [...]”²¹

Como ela mostra, o Big Chop pode ser feito logo quando se decide deixar o cabelo crescer sem químicas de transformação, resultando em um cabelo muito curto, mas pode também ser feito aos poucos, demorando muitos anos lidando com duas texturas capilares. O fato de cortar o cabelo ela relaciona com uma aceitação do cabelo curto. Nas palavras dela, “se sentir confiante”.

Enquanto esse grande corte não é feito, as mulheres que estão em transição laçam mão de alguns artifícios para amenizar a diferença entre as texturas. São as chamadas *texturizações*. Mari Morena em seu vídeo sobre transição capilar define o termo e aponta para algumas estratégias.

“A primeira forma pela qual você pode passar pela transição capilar, e na minha opinião é a melhor forma é fazendo texturizações no cabelo. O que são texturizações? [...] formas que você vai usar no seu cabelo para fazer com que a parte lisa fique mais parecida com a parte cacheada e assim você não vai ter que sair na rua ou ficar com duas texturas completamente diferente de cabelo. [...] você vai consegui enganar um pouquinho e fazer com que a parte lisa fique um pouco mais parecida com a parte cacheada. [...] eu vou deixar alguns vídeos aqui em baixo de pessoas ensinando a fazer texturizações no cabelo [...] mas nenhuma dessas formas vai fazer com a parte lisa do seu cabelo vá ficar permanentemente cacheada, então você vai ter que fazer isso toda vez que você lavar o cabelo [...]”²²

²¹ Transcrição de trecho do vídeo Tudo sobre transição capilar. #papocacheado, postado no canal Mari Morena

²² Transcrição de trecho do vídeo Tudo sobre transição capilar. #papocacheado, postado no canal Mari Morena

A opção de Mari Morena foi não passar pela transição e cortar o cabelo muito baixo, como ela afirma na transcrição que selecionamos anteriormente, mas existem outras possibilidades como ela aponta, e mais uma vez relaciona isso a uma escolha individual.

A *finalização* também é um termo nativo que se refere ao modo específico de pentear os cabelos de modo que os cachos apareçam com mais facilidade e permaneçam por mais *Day after*, outro termo que se refere aos dias seguintes à lavagem e a finalização.

Como já afirmei, esses dados são oriundos de uma etnografia em dois canais no *YouTube*, assim sendo, prosseguiremos mostrando o que vem a ser essa plataforma, como esses conteúdos são elaborados e publicados.

Recordo-me do primeiro alisamento capilar que foi feito em mim, eu tinha por volta dos 11 anos de idade e apesar dos cuidados que minha mãe tinha com meu cabelo eu o detestava. O meu cabelo era motivo de constantes chacotas na escola, sempre chamado por algum nome pejorativo, como esponja de Bombril. Eu sabia que precisava me livrar daquele cabelo feio, duro e sem balaço.

Para alisar a fibra minha mãe usou um produto chamado “Toin”²³, um produto cosmético com química de transformação em sua composição e que tinha como público-alvo as crianças. Como essa química era “fraca”, não me proporcionou o efeito liso desejado, mas não podia usar outro tipo de química com um resultado mais intenso por conta da pouca idade, a única coisa que se tinha a fazer era esperar os tão sonhados 15 anos chegarem para fazer um alisamento mais “forte”.

Chegando a adolescência, comecei a fazer alisamentos com produtos que continham amônia e guanidina²⁴, passando a frequentar semanalmente o salão de beleza para que fosse feita uma escova seguida do uso da chapinha. O desejo era que esse efeito liso durasse toda a semana ou até a próxima ida ao salão. Para garantir a durabilidade era essencial passar longe da água, pois ela retirava o efeito da escova e revelava que o cabelo liso era fruto do tratamento e não a estrutura do cabelo. Como aponta Quintão (2013) na sua pesquisa em salões de beleza,

²³ Produto destinado ao relaxamento e cacheamento dos fios comercializado pela Embelleze uma das grandes produtoras de cosméticos do Brasil, o produto Toin Flot tem como substância ativa sais de ácido tioglicólico responsável pela modificação na estrutura do cabelo.

²⁴ Amônia e guanidina são produtos químicos que são base para diversos produtos cosméticos que tem como objetivo alterar a estrutura da fibra capilar.

o efeito do cabelo tem que ser “natural”, os procedimentos cosméticos feitos neles não devem ser aparentes.

Além do uso de calor semanalmente era necessário aplicar a química no cabelo em um intervalo de três meses, para que a raiz do cabelo não aparentasse a textura capilar. Eu usei relaxamento capilar até os 23 anos, foram quase 12 anos de processos químicos, idas a salões de beleza, constantes queimaduras de segundo grau no couro cabeludo, pois todo processo de alteração da estrutura da fibra capilar requer calor e o produto alisante é altamente agressivo sendo constantes as queimaduras e irritações.

Quando tive que deixar de usar as químicas de alisamento no meu cabelo não sabia como cuidar dele com outra textura que não a lisa, então por orientação de uma amiga fui buscar na internet técnicas, produtos e formas de tratar e cuidar do cabelo. Foi aí que percebi que não apenas eu, mas muitas mulheres de várias faixas etárias estavam abandonando o uso de químicas e passando pela chamada transição capilar.

Nos meses que seguiriam o início da minha transição capilar fui percebendo que haviam várias nuances sobre os assuntos. As mulheres iam se organizando em grupos em redes sociais como o *Facebook* e nesse espaço compartilhavam a história dos seus cabelos, fotos e tinham por objetivo difundir técnicas, produtos, experiências do que funcionou nos seus cabelos, relatavam também situações de preconceito sofridas e eram encorajadas pelas outras participantes dos grupos.

Em parte do processo de transição capilar eu estava morando longe da minha família. Nesse momento buscava formas de lidar com as duas texturas em que se encontravam os fios do meu cabelo, a raiz nascendo em espirais e as pontas ainda com um efeito alisado. Não há forma de desfazer o efeito de um alisamento, a única maneira é cortando a parte do cabelo que está com esse efeito.

A grande crise nesse momento se dá pelo comprimento dos cabelos, poucas mulheres desejam ter cabelos curtos, o cabelo desejado deve ter um longo comprimento, ser macio e ter balanço, esse ideal de cabelo belo é uma das heranças da colonização por europeus, onde os aspectos físicos, comportamentais considerados belos tem estes como referencial, sendo menos apreciados os aspectos físicos e comportamentais dos povos indígenas, africanos, asiáticos e das populações colonizadas.

Nos relatos sobre a transição capilar são acessadas as memórias, as mulheres relembram o descontentamento e a baixa autoestima na infância e adolescência, até que fosse feito a primeira química capilar. Muitas relatam os longos anos que usaram essas técnicas para se adaptar a exigências de padrões de beleza impostos e como essa tentativa sempre é falha e incômoda, até certo momento em que alguma motivação (pelos mais diversos motivos) as levam a passar pela transição capilar e a cuidar desse cabelo que possui uma estrutura espiralada.

Além dos novos sentidos que foram sendo atribuídos ao processo de transição capilar, novas técnicas de cuidados e penteados foram desenvolvidas, produtos específicos para esse tipo de cabelo estão sendo produzidos e comercializados por empresas nacionais e multinacionais, as formulações atendem a demandas dos grupos organizados no espaço virtual, a exemplo dos produtos voltados para a técnica *no poo* e *low poo*.

1.3- Rotina de cuidados e produtos específicos.

No ano de 2015 foi lançado no Brasil o livro escrito por Lorraine Massey com a colaboração da jornalista Michele Bender, intitulado “O manual da Garota cacheada: o método curly girl”²⁵ um trabalho pioneiro de uma cabeleireira dedicadas aos cuidados com os cabelos cacheados, abolindo o uso de químicas de transformação, o seu método curly girl, suas técnicas, produtos desenvolvidos a linha de cosméticos Deva Curl® e filosofias acerca do cabelo cacheado são uma referencial.

O livro inicia com a história capilar da cabeleireira, ela nasceu encaracolada em uma família de cabelo liso, desde cedo aprendeu a modelar os seus cabelos para que eles ficassem o mais liso possível daí para os salões de beleza foi um pulo, passou anos aplicando químicas de transformação nos seus cabelos e no de suas clientes, até que um corte mal sucedido a fez prestar mais atenção a textura do seu cabelo e a buscar forma de potencializar os seus cachos.

O *no poo*® e *low poo*® são produtos desenvolvidos pela *hair stylist* Lorraine Massey, comercializados pela marca Deva Curl®. Esse é uma parte do “método da garota cacheada”, composto por formas específicas de cuidados com a cabelo crespo e cacheado.

²⁵ Este livro mescla autobiografia da hair stylist Lorraine Massey, dicas, técnicas e receitas para cuidar dos cabelos, ela vai mostrando passos para ser uma garota cacheada, esta obra que foi lançada nos Estados Unidos em 2010, foi traduzido para o português e começou a ser vendido no ano de 2015.

Nos chama a atenção um teste proposto logo no início do livro (p.18) para que a leitora descubra se ela faz parte do “clube das cacheadas” e se necessita aprender a como cuidar desse cabelo para ficar mais confortável com ela mesma, esta sempre presente auto aceitação quando se refere aos cabelos crespos/cacheados.

Em cada capítulo encontramos uma seção chamada “confissão cacheada” onde são relatadas experiências, como se dá a relação com os cabelos, como não havia uma aceitação destes por conta das dificuldades nos cuidados e como posteriormente ao descobrir o salão de beleza, as técnicas de cuidado e os produtos desenvolvidos pela Lorraine Massey as dificuldades forma dirimidas e surge uma paixão pelos cabelos.

Massey aponta que os cuidados mais conhecidos são voltados para os cabelos lisos, por exemplo, a quantidade de lavagens por semana, uma pessoa de cabelo liso pode sentir a necessidade de lavar os cabelos todos os dias, pois o óleo das glândulas sebáceas desliza com facilidade pelo fio dando a ele um aspecto oleoso, diferente para o cabelo cacheado/crespo, o excesso de lavagens agrava os problemas com ressecamento. Os produtos comuns que acabam por retirar toda a proteção do cabelo que as glândulas sebáceas produzem, provocando ressecamento da fibra e conferindo um aspecto que não é aceito de cabelo armado, com *frizz* e volumoso.

Destaca que um habito importante para quem deseja seguir a rotina *no ou low poo* é ler rótulos das embalagens, conhecendo os tipos de ingrediente, suas funções, assim a compra de produtos é selecionada pelos ingredientes se esses são ou não liberados das substâncias proibidas para a rotina.

Percebemos que o conteúdo do livro “O manual da garota cacheada: o método curly girl” demonstra como conhecimentos, modos de contar a história do cabelo são pontos ressaltados nos relatos sobre a transição, muitas ideias que são reproduzidas são encontradas neste livro, os produtos da marca Deva Curl são referência e inspiração para os produtos criados recentemente voltados para esse público, que tem buscado aderir à proposta de usar em suas composições extratos botânicos, livre de parafinas, derivados de petróleo e outras substancias nocivas ou que não promovem um tratamento capilar.

Assim, Massey desenvolveu uma linha de produtos específicas de cuidados a base de componentes botânicos, com agentes de limpeza que seriam mais suaves para os cabelos, surgindo assim os itens que compõem a rotina de cuidados do “método da garota cacheada”

No Brasil se convencionou chamar produtos que possuem função higienizadora do couro cabeludo e dos fios, formulados para substituírem os shampoos comuns que em suas composições possuem detergentes com alto poder limpante de *no poo* e *low poo*.

Os termos “*no poo*” e “*low poo*” no Brasil também são usados para identificar técnicas de cuidados voltadas para cabelos crespo/cacheados que envolve o abandono de determinados produtos cosméticos, por eles possuírem em suas formulações componentes que seriam nocivos aos cabelos, sendo estes substituídos por produtos liberados, além de uma forma correta de higienizar e finalizar os fios. Os cabelos são higienizados com produtos que em suas formulações possuam agentes limpantes considerados fracos, a maioria são formulados a base do *cocamidopropyl betaine*²⁶, esse substituem os shampoos que são à base de sulfatos, a exemplo do sódio lauril sulfato, substância responsável pela produção de espuma e limpeza do couro cabeludo e fio, mas que tem uma ação de limpeza intensa provocando o ressecamento e irritação do couro cabeludo e dando aos fios um aspecto seco.

Para além das informações e relações estabelecidas na Internet, temos que salientar o mercado de produtos para o cabelos que se fortaleceu em torno do sucesso que o movimento alcançou no mundo virtual. Marcas como “Lola Cosméticos” se especializaram cada vez mais para atender os anseios e necessidades deste público, a exemplo da linha “Creoula”, entre outros produtos. Outra empresa muito conhecida no Brasil, a “Embeleze”, também lançou uma linha de produtos para os cabelos cacheados, a “Novex Meus Cachos: porque cada cacho é único”, em que as garotas propagandas são conhecidas blogueiras que usam as redes sociais para falarem dos seus cabelos.

Outra opção de limpeza é o *co-wash*, utilização de condicionares para a higienização dos cabelos. Esta é a etapa de limpeza da técnica *no poo*, em que o principal agente limpante é a água, que tem por objetivo manter a oleosidade produzidas pelo fio, reduzindo o aspecto seco que adiciona volume aos cabelos.

Em ambas as técnicas, *no poo* e *low poo*, existe uma extensa lista de compostos que são proibidos (anexo I) por estes necessitarem de agentes detergentes intensos para se desprenderem da fibra capilar. Esses compostos fazem parte dos ingredientes em produtos destinados à etapa de tratamento, conhecidos como hidratação, aplicação de uma máscara capilar após o uso do

²⁶ Agente de limpeza suave, composto orgânico obtido a partir do óleo de coco, sua limpeza é mais branda e menos irritante, também conhecido como anfótero. Extrato presente em boa parte dos higienizadores da técnica *low poo*.

shampoo, e na etapa de finalização, produtos sem enxágue destinados a modelar e manter a forma dos cabelos até a próxima lavagem.

Na etapa de finalização são usadas diversas técnicas para modelar e pentear os fios. Principalmente na transição capilar muitas delas são usadas para driblar o aspecto do cabelo com duas texturas, como a fitagem, texturização com coquinhos, *twists*, entre outros.

Surgem vários termos nativos que se relacionam com os modos de cuidar do cabelo são eles, *no* e *low poo*, técnica de lavagens dos cabelos, como mencionamos acima. Outro termo são *produtos liberados*, nas suas formulações não deveriam conter substâncias incompatíveis com o novo modo de higienizar os cabelos.

Fizemos um levantamento dos produtos disponíveis no mercado, essas informações compõem a tabela em anexo (p.98), o nome das linhas e quantidade de produtos foram retirados de seções dos sites das próprias empresas.

O ano usamos como referências as primeiras resenhas feitas em blogs ou no *YouTube* ainda disponíveis na internet, existe a possibilidade da data de lançamento da linha ser anterior às resenhas, mas só começaram a receber atenção desse movimento no ano assinalado.

O objetivo desta tabela é mapear o surgimento dos produtos, relacionando o movimento de transição capilar no Brasil e o crescimento de produtos disponíveis que usam indicações específicas que estão disponibilizadas em sites, blogs, canais do *YouTube* e redes sociais para formular estes

Percebemos que no ano de 2012 começam a surgir vídeos no *Youtube* fazendo resenhas de produtos voltados para os cabelos crespos/cacheados, mas em 2013 surgem linhas de tratamento de empresas distintas e essas oferecem mais produtos, nos anos seguintes continuamos acompanhado esse crescimento, o que me leva a pensar que de algum modo a popularização da transição capilar facilitou o surgimento desses produtos.

Imagem 11- Print Screen da Capa do site da empresa Salon Linha.



[Fonte: <http://todecacho.com.br/>]

Esta imagem foi retirado do site da empresa Salon line no ano de 2016, uma das mais engajadas em produzir cosméticos voltados para esse público usando os termos que estão sendo difundidos como no e low poo.

Usando a tabela de curvatura dos cabelos como referência, como vemos no canto esquerdo da imagem, ao clicar nesses termos o usuário é redirecionado a conteúdos e produtos específicos para esse tipo de cabelo.

No site eles possuem um site com vídeos, artigos sobre cuidados, corte de cabelo, dicas para a transição e segundo o levantamento feito é a marca com a maior quantidade de produtos disponíveis em uma única linha voltada para os cabelos crespos e cacheados, no total, 37 itens. A empresa possui 144 produtos²⁷ específicos para esse tipo de cabelo.

Como já afirmei, esses dados são oriundo de uma etnografia em dois canais no *YouTube*, assim sendo, prosseguiremos mostrando o que vem a ser essa plataforma, como esses conteúdos são elaborados e publicados.

²⁷ Informação disponível em: <http://todecacho.com.br/produtos/>, acessada em 25/06/17.

Capítulo 2- INTERNET: DESVENDANDO O CIBERESPAÇO.

“ E eu sei que aprender a cuidar do cabelo cacheado ou crespo não é uma coisa tão simples assim, por que a gente não tem informação disponível tão facilmente, a mídia não te diz o tempo todo como você faz para cuidar do seu cabelo, normalmente a sua mãe não sabia como cuidar do seu cabelo, você não sabe como cuidar do seu cabelo, por que ninguém ensinou, por que ninguém está interessado, em saber como cuidar do cabelo crespo ou cacheado, a mídia não tem interesse, muitas das empresas de cosmético não tem interesse, eles preferem te vender um produto de alisamento e daí você se vira com isso.

Mas hoje a situação é bem diferente a gente não pode mais reclamar da mídia e simplesmente reclamar quando a gente também é a mídia, hoje em dia a gente tem o YouTube, a gente tem a internet e todos nós podemos ser a mídia, todos nós podemos divulgar informações, todos nós podemos compartilhar informações, sobre como cuidar dos nossos cabelos, sobre técnica, sobre hidratações, e tudo mais então. Hoje em dia é muito mais fácil aprender a cuidar do seu cabelo natural, cacheado ou crespo, você tem mais informações na internet, mais informação no YouTube, em blogs e tudo mais, você pode sim aprender a cuidar dele do jeito que ele precisa e de um jeito que você vai conseguir deixar ele natural e bonito.”²⁸

Com o surgimento da rede mundial de computadores, *Internet*, passamos a nos interconectar de outro modo, essa rede baseada em informações, tem como característica a flexibilidade, adaptabilidade e interatividade, podendo ser acessada em todo mundo, basta haver um ponto de conexão à internet, sendo adaptada pelas diferentes realidades.

A velocidade é uma característica a ser destacar quando falamos de Internet, diariamente novos conteúdos são produzidos e disseminados, ao passo que outros são excluídos, assim a volatilidade se torna marcante e influencia diretamente nos modos de apreensão dos dados em pesquisas que se voltam a analisar o ciberespaço. A pesquisa científica que tenha como lócus o ciberespaço precisa de métodos que sejam dinâmicos por essência, para acompanhar essas mudanças.

O surgimento da Internet, como de muitos outros inventos, se dá em um contexto de guerra, na disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética, foi criado no ano de 1962,

²⁸ Extrato retirado da transcrição do vídeo “Por que não alisar o cabelo”, postado pela *Youtuber* Mari Morena, transcrição que abre o primeiro capítulo dessa dissertação.

visando integrar os conteúdos que vinham sendo produzidos no ambiente acadêmico com as criações militares, buscando avançar tecnologicamente e superar o adversário na corrida espacial. (Castells, p. 13, 2003)

Manuel Castells no livro “A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade” (2003) apresenta no primeiro capítulo intitulado “Lições da Internet”, como esta surgiu e se desenvolveu, como foram criados os códigos e softwares que permitiram o seu crescimento, enfatizando as modificações ocorridas na sociedade com o uso dela.

A Internet se distingue das outras mídias por possibilitar que a produção de conteúdos seja feita por qualquer pessoa que tenha acesso, sendo visualizada por outros por usuários que poderão interagir com a informação, assim, é modificada a lógica de produção e recepção de conteúdos em comparação as mídias convencionais.

Uma frase de Castells sintetiza o alcance dessa, “*A internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global*” (Castells, p. 8, 2003). As diversas produções humanas estão sendo enredados nela, assim, não ter acesso à Internet é estar fora de aspectos da cultura, economia, educação e notícias, assim com o aumento do acesso propicia que mais informações sejam trocadas.

Castells mostra que três fatores propiciaram a integração da sociedade em redes, a necessidade da globalização do capital, os anseios sociais em desfrutarem de mais liberdade e se comunicar e o avanço no desenvolvimento dos computadores e na tecnologia de informação. Esses fatores permitiram o surgimento do que ele chama de “sociedade de rede” (2003, p. 8).

O autor analisa o fenômeno buscando não cair no formato das conclusões que já vinham sendo feitas em trabalhos anteriores, algumas apontando para as possibilidades de desenvolvimento que essa ferramenta traria, sendo indispensável no futuro, ao passo que também é acusada de alienar os usuários.

Um marco nessa discussão é o livro Ciberultura Pierre Levy (1999), o autor mostra que a escrita desse texto é marcada pela expansão do acesso à Internet e pela discussão no meio acadêmico em torno da descrença com relação a essa, por conta dos games, chats e ambiente de realidade virtual, que cada vez mais tinha um aumento no número dos usuários, sendo a maior parte de jovens.

Os primeiros estudos e notícias sobre a internet a apresentavam de dois modos quase opostos. Um seria como esperança e mola mestra no desenvolvimento da sociedade, e um segundo a alienação do mundo real, já que os usuários se involucrariam no mundo virtual.

Por ser um fenômeno que rapidamente centralizou a totalidade da vida social, foi vista com desconfiança nas primeiras análises acerca dela, mas Castells (2003) afirma: “*Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar a nossa realidade.*” (Idem, p.11).

Tenho dois objetivos nesse capítulo, historicizar o surgimento da Internet apontando para suas principais características e mostrar o desenrolar dessa sociedade em rede e suas implicações, apontando para a construção das redes sociais e espaços de publicação de informações e os seus desdobramentos como o surgimento de uma Cibercultura.

Essa desconfiança com relação à Internet vinha pela acusação que o uso frequente e intenso desse ambiente virtual resultaria em um desligamento dos usuários da realidade, dificultando as relações no cotidiano. Essa visão marca uma separação, que resistiu em muitos estudos até recentemente, entre a “realidade” e o “virtual”, em que a presença em um excluiria o outro.

O real seria a vida ordinária em que as pessoas usariam a sua identificação civil, ao passo que na comunicação mediada por computadores, alguns espaços poderiam ser usados sem que a identificação do usuário correspondesse a sua identidade civil, como Ramos (2015) vai mostrar ao se referir aos *nicknames* usados em espaço como *Myspace*, ou em jogos como *Second Life*²⁹. Assim, essa concepção de que as relações estabelecidas nesse espaço estariam baseadas em *fakes*, fortaleceu o entendimento dessa separação entre esses dois espaços.

Mas com o surgimento de outras redes sociais como *Facebook*, os conteúdos postados buscavam retratar os fatos do cotidiano. A intenção dos criadores desse site é que os vínculos estabelecidos nessa plataforma fossem por pessoas conhecidas ou com que se deseje manter um relacionamento, tanto que o termo usado é amigo.

Outro ponto importante que aponta para a difícil tarefa de estabelecer onde termina o *on-line* e *off-line*, são os encontros que são marcados pela internet com as pessoas que participam de determinado grupo, no nosso caso trazemos o exemplo do Encrespa geral, evento

²⁹ Jogo produzido para computadores onde os usuários podiam criar personagens que não precisavam necessariamente corresponder a sua identidade civil.

surgido em São Paulo, que hoje reúne interessados em assuntos sobre cabelo em diversos países do mundo, nesse evento são convidados palestrantes, afroempreendedores, como também profissionais do segmento da beleza.

Assim, com essas plataformas o espaço que seria virtual, se torna contíguo ao espaço real, sendo impraticável essa separação. Nesse fenômeno que estamos analisando essa relação com a realidade do conteúdo que está sendo postado no virtual é ainda mais clara, já que os blogs, páginas no *Facebook*, perfis no *Instagram*, não são apenas vitrines, mas fonte de informação acerca de cuidados e produtos.

Algo recorrente são os conteúdos postados acerca de produtos capilares que foram experimentados pelas administradoras da páginas, muitas criam selos recomendando ou não a aquisição do produto, essas se colocam como influenciadoras, incidindo sobre as práticas de consumo. Por conta disso muitas marcas especializadas buscam essas “influenciadoras digitais”, para fecharem acordo de patrocínio.

O termo influenciador digital se relaciona à função que foi atribuída aos produtores de conteúdo para internet, pela ação da mídia tradicional, do poder de persuadir o seu público, composto na sua maioria por jovens, dos seus valores éticos, morais, práticas de consumo, isso muito baseado numa crença na vulnerabilidade dos jovens, por conta do seu pouco senso crítico, por estarem em uma fase da vida onde as relações fora do núcleo familiar tem grande peso, como amigos.

2.1- *Blog, YouTube* e Redes sociais: a cibercultura no ciberespaço.

A Internet como um meio de comunicação tem se tornado cada vez mais acessível, propicia uma série de possibilidades de criação de conteúdos, que com suas postagens podem atingir públicos diversos.

Os estudiosos da Comunicação têm visto o fenômeno da Internet como um campo profícuo de análises, buscando compreender como tem se formado e transformado o ciberespaço através de metodologias específicas que analisam não só a produção como a recepção dos conteúdos.

O nosso objetivo aqui é descrever como fomos apreendendo o material que analisamos, focamos em como a transição capilar aparece, quais as narrativas sobre ela, como junto a isso se articulam auto aceitação, consumo de produtos e o conhecimento produzido.

Esse processo de transição capilar carrega consigo um ideal de valorização de uma estética negra, questionando os atuais padrões de beleza. Os cuidados com o cabelo são divulgados em diversos espaços, como nos canais do *YouTube*³⁰, onde são compartilhados conhecimento sobre técnicas capilares, aceitação e autoestima, veganismos, feminismo e movimento negro.

Nos grupos do *Facebook*³¹, onde usuárias e interessadas nesse cabelo “natural” se reúnem para trocarem informações, dicas e se apoiarem mutuamente, as mulheres relatam que se sentem feias, enquanto passam pela transição capilar, e têm a sua autoestima abalada por terem que lidar com um cabelo que não as agrada e que é duramente criticado, enquanto aguardam o cabelo desejado crescer. Nessas redes também são publicadas a evolução dos cabelos através de fotos, depoimentos e experiências.

Os blogs e *sites* pessoais também são importantes espaços de disseminação de informações, novos produtos e técnicas para cuidados capilares, artigos sobre cuidados, aceitação e autoestima, como também depoimento das administradoras e de leitoras. A troca de experiências é propiciada pelos espaços para comentários dos conteúdos postados. Outra forma de interação usada são os aplicativos de mensagens e fotos para smartphones como *Whatsapp*³² e *Instagram*³³, que propiciam um contato mais próximo através de grupos de interesse. Lancei mão da catalogação através de transcrições de vídeos que estavam disponíveis no *YouTube*, fiz *print screen*³⁴ e analisei as informações a partir dessa técnica.

É sempre um esforço separar partes de um fenômeno que acontece e se apresenta como um todo. Digo isso porque as divisões propostas nesse trabalho se aplicam apenas para fins analíticos, a dificuldade é dividir de modo que o leitor continue compreendendo esse fenômeno como ele é, algo que acontece simultaneamente, um todo.

³⁰ Site que permite que os usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital, criado em 2005, tem sido usado como forma de entretenimento, tendo mais de um bilhão de usuários, todos os vídeos podem ser monetizados e os criadores de conteúdo recebem um pagamento da empresa correspondente às visualizações. (Fonte: <https://www.youtube.com/yt/press/pt-BR/statistics.html>)

³¹ Site que tem por objetivo reunir pessoas em rede permite a criação de grupos de acordo com interesses comuns, segundo dados de pesquisa realizada pelo Facebook em 2014, 45% da população brasileira acessam plataforma mensalmente. (Fonte: <https://www.facebook.com/business/news/BR-45-da-populacao-brasileira-acessa-o-facebook-pelo-menos-uma-vez-ao-mes>).

³² Aplicativo de mensagens instantâneas para smartphones, surgido no ano de 2009.

³³ Rede social de compartilhamento de fotos e vídeos, lançado em 2010.

³⁴ Através de duas teclas disponíveis no teclado dos computadores é possível fazer uma imagem da tela, aqui vamos essas imagens para consultas futuras e uso como material de referência nesse trabalho.

O primeiro espaço de veiculação de conteúdo acerca de cabelos cacheados/crespos e transição capilar que conheci no ano de 2013, quando iniciei a transição capilar, foi o canal no *YouTube* de Rayza Nicacio. A “youtuber” iniciou a postagem de conteúdos no ano de 2001.

Os primeiros vídeos de Rayza Nicacio são cantando, mas em fevereiro de 2012, Nicacio posta o seu primeiro vídeo sobre cabelo intitulado “Cabelos crespos/cacheados- meus cuidados + babyliiss”³⁵. Nele buscava conhecer mais acerca das técnicas de cuidado com os cabelos, produtos, e penteados, mas ao observar com mais atenção esse canal no *YouTube*, nos deparamos com vídeos com conteúdos diversos.

Outros conteúdos abordados são moda, alimentação, maquiagem, muito do que poderia ser definido como universo da beleza, além de fatos e dramas pessoas. Esses espaços no *YouTube* passam a ser não apenas um lugar para transmitir conhecimento sobre algum tema, mas a vida do produtor passa a ser alvo dos conteúdos.

O surgimento dos *vlogs* é oportunizado pela criação do *YouTube*, plataforma que permite aos usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital, criado em 2005. Tal espaço tem sido usado como forma de entretenimento, tendo mais de um bilhão de usuários, todos os vídeos podem ser monetizados, significa que os criadores de conteúdo podem receber um pagamento da empresa correspondente às visualizações³⁶.

O *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos, acessada a partir de um login, feito com preenchimento com uma conta de email do Google, o gmail, e senha para acesso e postagem de conteúdos. A ferramenta dispõe de espaço para que os expectadores comentem sobre o conteúdo assistido.

No último ano muito tem se falado sobre a profissionalização dessa atividade, por conta do crescimento no acesso a esses conteúdos e a existência de um público que acompanha os *Youtubers*³⁷, estes tem tido essa atuação como única renda, além desses influenciadores digitais

³⁵ Vídeo postado no Yotube canla Rayza Nicácio disponível no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=aV08PZzlUsE>, consultado para pesquisa em: 17/02/2016.

³⁶ Informações disponíveis em <https://www.youtube.com/yt/press/pt-BR/statistics.html>, coconsultado em 13/10/15.

³⁷ Termo usado para denominar os produtores de conteúdo para a plataforma, esta se popularizou pela facilidade na postagens dos conteúdo, as poucas restrições aos gêneros deste, a interatividade com o publico, no Youtube é possível encontrar vídeos com os mais diversos assuntos, elaborados por grandes produtoras ou por uma só pessoa que dispõe de algum gravador de vídeo, comutador e acesso a internet.

se tornam embaixadores de diversas marcas e usam o espaço do seus vídeos para fazerem propagandas.

Uma proposta do *YouTube* é ser uma ferramenta que dê voz e imagem aqueles que não teriam esse espaço em mídias convencionais, outra questão é a aproximação entre o que produz e o que consomem os vídeos, além de criar uma empatia por ser uma pessoa comum que utiliza a ferramenta.

Quando iniciei o acesso a plataforma, como consumidora, percebi um esforço em abordar temas e produzir conteúdos que estivessem em sintonia com aquilo que os inscritos no canal pediam nos comentários, existe algumas restrições de conteúdos que a plataforma impõe, mas existe uma liberdade no assunto sobre o qual se pretende fazer um vídeo, muitos canais vão se especializando em abordar determinado tema.

Ao analisarmos as produtoras de conteúdos voltadas para cabelos crespos e cacheados, percebemos um crescente relacionamento entre estas e marcas especializadas em produtos cosméticos, a exemplo da marca Salon Line, ao criar uma linha #tô de Cacho³⁸, tem como embaixadoras diversas *youtubers* que tem canais sobre cabelos.

Nos últimos anos o acesso à internet vem crescendo no Brasil. Na última Pesquisa Brasileira de Mídia (2016)³⁹ desenvolvida pelo Ibope e publicada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, mostra que a Internet é o segundo meio de comunicação que as pessoas usam para buscar informações, onde 50% dos entrevistados a acessam todos os dias da semana.

Ao lançarmos em um site de busca a palavra *YouTube* somos direcionados a uma plataforma de compartilhamento de vídeo que hoje alcança mais de um bilhão de usuários ao redor do mundo, segundo estatísticas disponíveis na própria⁴⁰, tem superado a quantidade de público das TVs a cabo em todo o mundo principalmente nas faixa de idade que vai dos 18 aos 34 anos.

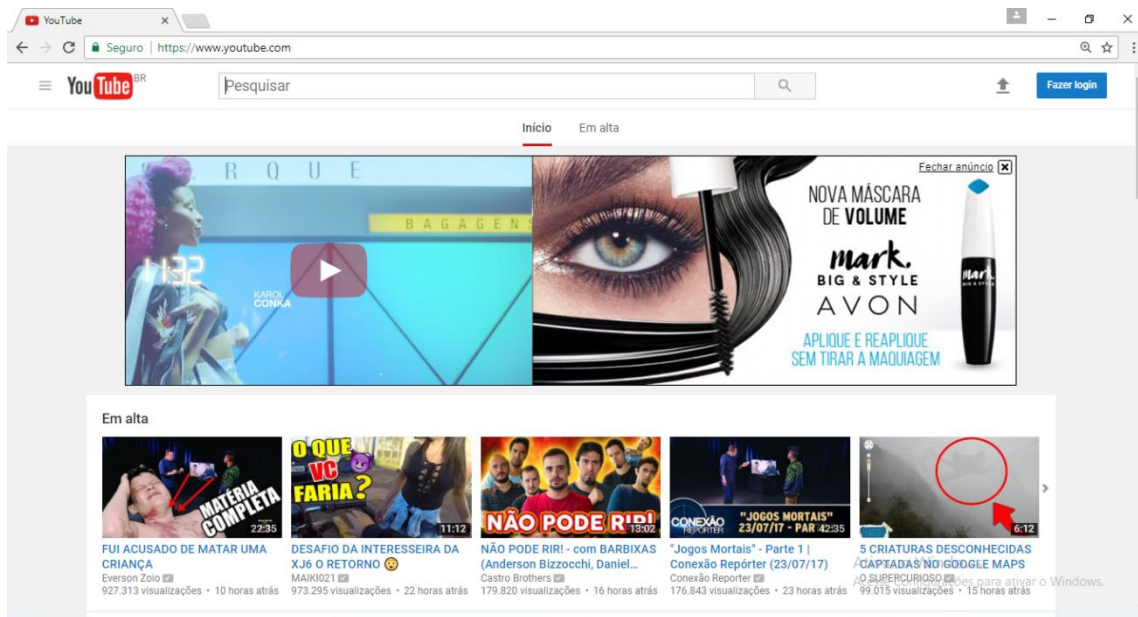
³⁸ Neste endereço eletrônico estão disponíveis diversas informações acerca da linha de produtos, embaixadora. <http://todecacho.com.br/>.

³⁹ Esse relatório é produzido Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>, acessado em 08/07/17.

⁴⁰Endereço para a pagina onde a plataforma disponibiliza informações acerca dos seus números e propostas , para serem acessadas pela imprensa <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/> , acessada em 25/07/17.

A plataforma se define do seguinte modo “Acreditamos que todos tem o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio das nossas histórias.”⁴¹As palavras liberdade e direito norteiam a missão da empresa que se propõe a ser um espaço democrático de expressão e acesso a informação de um ponto de vista de várias experiências distintas.

Imagem 12- Print Screen da tela inicial do *YouTube*



[Fonte: www.YouTube.com]

Através da barra pesquisa, situada acima do banner de propagandas é possível buscar um assunto, pessoa, musica, games, culinárias, entre diversos outros conteúdos e acessar gratuitamente os vídeos disponibilizados.

Alguns vídeos que tenham classificação indicativa recomendada só podem ser acessados a partir de um login feito na plataforma com uma conta do Google, ao fazer o login, além de acessar os vídeos automaticamente é criado um canal na plataforma onde é possível postar vídeos.

A plataforma tem investido nos criadores de conteúdo ofertando cursos e um espaço chamado *YouTube space* e também em versões digitais, onde eles podem aprimorar a qualidade dos vídeos tendo por objetivo um crescimento no público destes, aumentando o número de

⁴¹ Citação disponível em <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/> consultada 25/07/17.

inscritos, logo aumento na rentabilidade dos vídeos. Os *YouTube* space estão localizados em importantes cidades como Nova York, Tóquio, Los Angeles, Berlim, São Paulo, Londres.

Uso como ponto de partida os conteúdos produzidos e postados no *YouTube* por perceber que as outras plataformas digitais e redes sociais usadas pelos criadores de conteúdo orbitam em torno do canal do *YouTube*, são usadas para divulgar os novos vídeos, aproximar a criadora do seu público.

Entre as mais conhecidas plataformas digitais e redes sociais um dos poucos que rende valores diretamente ao criador é o canal no *YouTube*, através da monetização dos vídeos, acontece através das propagandas que são apresentadas no início de cada vídeo. Atualmente o *YouTube* desenvolveu a possibilidade do criador de conteúdo inserir propagandas que interrompem a execução do vídeo.

Após 5 segundos de execução da propaganda aparece a opção pular anúncio, assim o espectador tem a opção de ir direto para os vídeos, mas se a propaganda não for assistida até o final o criador de conteúdo nada recebe por ela.

Diversas são as formas como os produtores de conteúdo e empresas se relacionam, destacaremos aqui algumas, estas também são formas de trabalho que agregam rendimentos aos produtores de conteúdo. Uma delas é a participação em eventos da marca, propagandas, festas. Algumas marcas encomendam vídeos às criadoras de conteúdo, esse por vezes vem assinalado como publicidade, no vídeo ou no Box de informações, para que a audiência saiba que aquele conteúdo foi patrocinado pela marca.

Os vídeos não assinalados como publicidade já foram alvo de controvérsia. A desconfiança de que o criador de conteúdo pode produzir o vídeo falando de um produto que ele está sendo pago para falar. Por certo ele não falaria mal ou criticaria o produto.

Outro modo das empresas usarem os espaços dos vídeos são o envio dos *press kit*, caixa com produtos da marca, sejam eles lançamentos ou produtos que já fazem parte da linha da empresa, é uma oportunidade do criador de conteúdo apresentar o produto e se for de interesse do público criar outros vídeos falando especificamente deste, o que é chamado de resenhar⁴².

⁴² As resenhas são um tipo de vídeo muito comum, através das os produtores de conteúdo dão feedback dos produtos usados, influenciando os seus seguidores a adquirirem os mesmos, sendo assim patrocinados pela marca.

Ligar a câmera, gravar aquilo que está fazendo no cabelo, quais os produtos que estavam sendo usados, essa era a intenção inicial, ser um espaço de divulgação de conhecimentos autônomos, usar a liberdade que a plataforma do *YouTube* disponibilizava, a facilidade na produção do conteúdo que não exigia grandes produções, o equipamento mais simples de captação de áudio e vídeo já serviam.

A estratégia principal para alcançar outros inscritos é o compartilhamento dos vídeos, texto ou imagem produzida, publicidade, campanha para as marcas, essa divulgação é feita usando algumas estratégias. Uma delas é convidar as pessoas que estão assistindo o vídeo a compartilhá-lo com os amigos, no próprio *YouTube* existe uma seta localizada no canto direito do vídeo, que possibilita o compartilhamento dele em outras redes sociais.

A divulgação no *Facebook* também é um modo de dá visibilidade aos canais do *YouTube* e atrair novos seguidores, as “figuras públicas” uma das categorias que a rede social disponibiliza para a criação de uma página, usam o perfil para circular informações, fazer propagandas específicas na rede social. O *Instagram* é uma rede social que também tem sido usada como forma de divulgação dos trabalhos produzidos e aproximação com os seguidores, mas recentemente tenho acompanhado o surgimento dos *Instablogs*, fusão do *Instagram* com os blogs, por ser um espaço que possibilita a publicação de fotos, juntamente com texto ou pequenos vídeos promocionais.

As “colabs” ou colaborações é o termo dado para os vídeos que são feitos em parceria com outros produtores de conteúdos. Um canal com um número maior de inscritos faz um vídeo com um canal menor, com o objetivo que os inscritos em um canal conheçam o canal menor, se inscreva e este possa crescer.

Percebemos que este espaço é fortemente mercantilizado, repleto de publicidade que ocupam diversos espaços da página web como: o cabeçalho, aparecem antes da execução de um vídeo, durante a execução dos vídeos e diversas empresas tem investido na mídia digital.

Essa forma de uso da rede social vem sendo implementada, não só como meio de divulgação para criadores de conteúdos já consolidados, que já possuem um canal e algumas centenas de milhares de seguidores, como também pessoas que estão iniciando na “profissão” de criadores de conteúdo. O que salientamos aqui é a circularidade existente entre as redes sociais e as plataformas, percebi que as redes sociais como *Facebook* e *Instagram* são usadas

para divulgação dos conteúdos postados principalmente no *YouTube*, e os blogs servem como apoio escrito para o conteúdo dessa plataforma.

Principalmente o uso do blog se alterou muito desde o ano que iniciei a transição capilar. Este era a principal fonte de informações, onde eram postadas as dicas, receitas caseiras, produtos, técnicas de cuidado e penteados, mas atualmente vem caindo em desuso.

2.2- Ciberativismo e Ativismo de cabelo.

Hoje em dia temos à nossa disposição uma gama de produtos a serem utilizados para embelezar os cabelos, como também técnicas diversificadas. A Internet tem se tornado uma fonte de produção de conhecimento, demonstração de produtos e técnicas de cuidados para os cabelos.

Zago (2010) aponta que nos anos que seguiram ao surgimento das *webs* páginas, por volta dos anos de 1990, estas eram pouco atualizadas, não havendo novas postagens, mas com o crescimento do acesso a Internet e a diversificação dos produtores de conteúdos, vemos uma mudança neste panorâma:

Ao invés de serem lugares para se visitar, as páginas da web passaram a se tornar plataformas de interação, espaços abertos os quais permitem que qualquer um possa não só consumir como também produzir conteúdo (Zago, 2010, p.2).

Entrei em contato com o termo ativismo de cabelo⁴³ através dos blogs e redes sociais de blogueiras negras, este é um termo nativo que denota uma pratica política usando esse referencial estético, como já apontamos o cabelo crespo/cacheado tem servido como ponto de partida para se discutir e chamar atenção para como as relações étnico raciais se dão no Brasil.

Nos últimos anos o Brasil tem vivido um momento de efervescência política, a participação política tem crescido auxiliado pela popularização da Internet e surgimento das redes sociais, a partir do *Facebook* e *Twitter* muitas pessoas entraram em contato com ideais, pautas e reivindicações resultando em ruas ocupadas por grandes manifestações coordenadas

⁴³ O extrato a seguir exemplifica algumas ideias que circulam nos blogs acerca do Ativismo de Cabelo:

“O chamado ativismo de cabelo prega que as mulheres negras não tenham que alisar e maltratar seu cabelo para se encaixar em um determinado padrão de beleza, que é ilusório e cresce em cima da baixa autoestima das mulheres reais, ditando como elas devem ser e o que é ou não bonito.

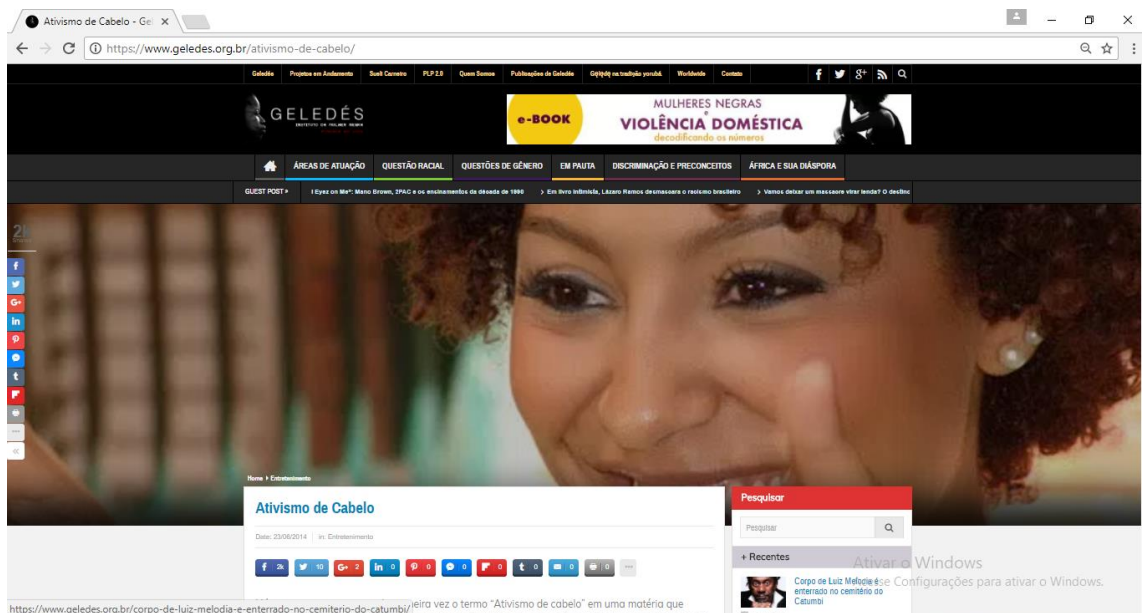
No ativismo de cabelo, percebe-se o cabelo crespo ou cacheado, não como um animal raivoso a ser domado, mas como ancestralidade e característica própria da mulher negra, que deve ser conservada e respeitada quebrando o modelo de “beleza” imposta pela sociedade e mídia que adoram um racismo estrutural.” Leia a matéria completa em: Ativismo de Cabelo - Geledés <http://www.geledes.org.br/ativismo-de-cabelo/#ixzz45R2vf1al> (acessado em 05/04/16)

por figuras desconhecidas. Esse cenário político que tem como característica a pulverização de causas e reivindicações que propiciou o fortalecimento de um movimento que surge com a intenção de chamar a atenção para uma questão estética, mas que vai tomando um caráter político quando são inseridas discussões como racismo e preconceito.

A transição capilar marca um ponto de virada na vida de muitas mulheres que passam por ela, padrões de beleza são desconstruídos provocando crises em suas autoimagens, muitas passam por situações de preconceito e racismo que por vezes ocorre no círculo mais estreito de convivência como: família, amigos, escola, trabalho, essa situação as desperta para questões que até então não faziam parte das suas vidas. Vimos esta situação exemplificada na fala de Mari Morena sobre a transição capilar (p. 29).

O uso do cabelo crespo/cacheado chama a atenção positiva e negativamente é recorrente que outras mulheres se aproximem para tirar dúvidas, pedir dicas ou até questionarem o uso. Essa curiosidade despertada pela presença de uma crespa/cacheada pode ser usada para conversar com essas mulheres sobre aceitação da estética africana, preconceito racial, feminismo negro, etc. Essa é uma das estratégias do “Ativismo de Cabelo”.

Imagem 13- Print Screen do Blog Geledés.



Fonte: [https://www.geledes.org.br/ativismo-de-cabelo/]

“Ativismo de Cabelo”⁴⁴

Publicado há 1 ano - em 23 de junho de 2014 » Atualizado às 10:08

Categoria » Variedades

Há um tempo eu escutei pela primeira vez o termo “Ativismo de cabelo” em uma matéria que questionava os padrões de beleza em uma sociedade cada vez mais narcisista, onde só existe um tipo de beleza que deve ser seguido por todas as pessoas, independentemente de sua raça e características próprias.

O chamado ativismo de cabelo prega que as mulheres negras não tenham que alisar e maltratar seu cabelo para se encaixar em um determinado padrão de beleza, que é ilusório e cresce em cima da baixa autoestima das mulheres reais, ditando como elas devem ser e o que é ou não bonito.

No ativismo de cabelo, percebe-se o cabelo crespo ou cacheado, não como um animal raivoso a ser domado, mas como ancestralidade e característica própria da mulher negra, que deve ser conservada e respeitada quebrando o modelo de “beleza” imposta pela sociedade e mídia que adoram um racismo estrutural.

Para ilustrar melhor o tema, vou contar uma pequena história. Eu sou negra, tenho o cabelo cacheado, minha mãe é negra e tem o cabelo crespo, crespo mesmo. Durante muitos anos a vi reclamando do cabelo, por que era feio, não podia soltar e então um belo dia ela apareceu com o cabelo alisado, eu cresci com o meu cabelo, cacheado sempre preso, raramente soltava, era muito “volumoso” não era “bonito”, não estava nos “padrões”, eu era criticada pelos meus colegas (sexo masculino) e também pelo meu próprio namorado, que se ofereceu pra pagar um alisamento químico pra mim, que não aceitei.

Nessa época comecei a pensar que as pessoas que me amavam deveriam me aceitar como sou não querer me mudar, que não tinha nada de errado com o meu cabelo cacheado, foi aí que resolvi mudar, que resolvi assumir quem eu sou assumir meus cachos, não iria alisar para satisfazer os outros e ao contrário do que pensei, fui muito elogiada.

A mulher negra não precisa ser escrava de chapinha, nem de negar sua beleza real para aderir padrões ilusórios de beleza. A mulher negra tem o direito de assumir sua identidade e ancestralidade e romper com esse racismo nosso de cada dia.

Dicas e cuidados para cabelos crespos

1) Fios hidratados

Se o cabelo não estiver hidratado, dificilmente você terá cachos sedosos e definidos. O truque é substituir o condicionador usado no banho por uma máscara de hidratação. “O condicionador limpa, mas não contribui tanto assim para a hidratação do fio. Além disso, é importante lavar bem e retirar todo o produto, porque qualquer resíduo pode se tornar um sebo e grudar no couro cabeludo, causando coceira e descamação”.

2) Nada de elástico

Quem prende o cabelo com elástico não sabe o crime que está cometendo contra os fios. “O cabelo crespo nasce em espiral e, com a tração causada pelo uso do elástico, acaba formando frizz e quebrando os fios”.

3) O difusor é seu melhor amigo

⁴⁴ Texto retirado integralmente do Blog Géledes, disponível em <http://www.geledes.org.br/ativismo-de-cabelo/#gs.d38b48dee2a742b88a9dbd9d483bc5db>. (Acessado 01/07/2015)

Nunca ouviu falar? É aquele acessório arredondado que deve ser acoplado no bico do secador. Segundo o cabeleireiro, ele é a melhor arma das mulheres para ajudar na hora de conseguir cachos definidos. “O difusor serve para definir as ondas, enquanto o secador tem um efeito mais ‘alisante’. O truque é não usá-lo com a temperatura muito alta. Lembre-se que é para definir as ondas, e não para tostar os fios”.

4) Invista em um leave in

“O cabelo crespo ou encaracolado perde água com muita facilidade”. Nesse caso, o leave in funciona como uma película protetora dos fios, mantendo-os hidratados por mais tempo.

5) Trate os fios com cuidado

É preciso ter cuidado até na hora de pentear o cabelo. “Se for desembaraçá-lo, faça-o apenas debaixo d’água e com algum creme para pentear, para não quebrar os fios. Além disso, evite usar prancha ou chapinha para alisá-lo, principalmente se o cabelo já tiver química por causa de relaxamentos”. E curta um estilo natural.

O texto acima foi extraído do blog Geledés: instituto da mulher negra, site conhecido pelas suas postagens voltadas para as vivências negras, discussões acerca do racismo, feminismo negro, direitos humanos, saúde. Este é um dos canais dessa organização civil surgida em 1988, com projetos nessas áreas mencionadas anteriormente.

Uma parte do corpo, nesse caso o cabelo, é usado para demonstrar não apenas um gosto pessoal, mas também filiação a uma causa, no âmbito mais geral seria a quebra de padrões de beleza imposto, e mais especificamente a situação de preconceito vivida pelos negro.

A comunicação mediada por computadores tem possibilitado novas formas de arranjo e organização social, os modos de reivindicação, protesto, manifestações tem sido grandes alterações por conta do trânsito de informações, vemos surgir assim, uma quantidade cada vez maior de causa e um variado repertório de ação possibilitada pela Internet.

Para Jungblut (2015), o ciberativismo é o termo que tem sido usado para nomear as manifestações de indivíduos ou grupos que propagam seus interesses e reivindicações através de campanhas que se tornam “virais” (p.13), este termo é usado pela velocidade com que essas campanhas se reproduzem e disseminam, alcançando um grande número de pessoas em algumas horas.

Por conta da multiplicidade de conteúdos postados, variadas possibilidades de organização e alcance que pode ter uma manifestação no ciberespaço, precisamos desenvolver métodos de apreensão dos diferentes repertórios de ação, precisam ser investigadas as

motivações que geram os engajamentos de agentes em causas no ciberespaço, para isso diversos estudos têm sido desenvolvidos, como Jungblut (2015), buscando relacionar o escopo teórico das ciências políticas com a análise dessas manifestações.

Orientado por esse interesse, Jungblut usa o termo ciberativismo “... para nomear a ação política que grupos e/ou indivíduos praticam no ciberespaço [...] o que é tratado por ‘ação política’ guarda correlação com sua correspondente *off-line*.” (p.14, 2015). Por fazer uma análise baseada na agência, o autor vai apontar para diferentes níveis de intencionalidade, características fundamentais no estudo da ação política.

A intencionalidade é relacionada com o grau de consciência empregado no momento da ação, assim a agência é possibilitada pelo contexto sociocultural, como mostra Jungblut a partir das reflexões de Ahearn (2001) estando a conscientização mais forte em alguns momentos ou surgida por alguma situação específica, perpassando assim os diversos espaços onde o sujeito humano está inserido. Assim o autor define agência como “...capacidade ou possibilidade de agir socialmente sobre uma dada situação, com graus diferenciados de intencionalidade conscientizada...” (p.16).

Participar fóruns de debates, administrar páginas no *Facebook*, criar e manter canais no *YouTube*, escrever e postar conteúdos em blogs são ações que exigem uma alta intencionalidade, demandando domínio dos assuntos publicados, moderação da comunidade, que significa permitir a entrada em grupos fechados e excluir membros que tenham condutas reprováveis.

Assim distingue ações com baixa intencionalidade conscientizada (p.17), que seriam se vincular a algum partido político, Ongs, causa etc, ao adicionar essas informações em um perfil em um nas redes sociais

Outras ações como compartilhar um conteúdo, publicar uma *hashtag*, não exige uma grande intencionalidade pode esta pautado por um interesse circunstancial, oportunizado por alguma situação que esteja ocorrendo que seja a motivação para uma campanha viral, seriam as ações, como aponta Jungblut que pode ser feita “... através de um simples *click* do mouse.” (p. 16)

Ao discutir sobre a possibilidade do uso de instrumentos teóricos e metodológicos dispostos pela Antropologia na reflexão acerca das atividades e atitudes desenvolvidas no ciberespaço, o autor aponta para essa ciência como voltada a lidar com o ordinário e o normal,

isso desde a sua fundação. Nas sociedades tradicionais o rito se ocuparia em organizar a vida, assim as novidades seriam eliminadas e a ordem se manteria (Jungblut, p. 20, 2015).

O autor sugere que as lacunas deixadas pela antropologia sejam sanadas por uma perspectiva interdisciplinar, buscando em outras áreas de conhecimentos os conceitos e ferramentas necessárias para analisar o complexo e contingente ciberespaço. Em sua análise, Jungblut utiliza o conceito de ciberacontecimento, cunhado por Aria (2008), este definiria os fatos que são difundidos massivamente no ciberespaço, circulando através de materiais audiovisuais.

Isso mostra um dos desafios para compreender esse fenômeno. A desordem que é intrínseca a ele nos esforçamos para pôr em ordem um conjunto de fatos, acontecimentos, eventos, comentários, vídeos, enfim, diferentes tipos de conteúdos que são postados na Internet e que tem diferentes níveis de repercussão, sendo que o modo como isso acontece impossibilita o seu acompanhamento global. Assim, quando fazemos pesquisa no ciberespaço acabamos por recortá-la de forma bem precisa no tempo e espaço, que a facilidade em excluir os conteúdos postados pode fazer com que algumas dessas informações que estão sendo usadas como fonte na pesquisa possam simplesmente desaparecer do dia para noite.

Não podemos fazer uma associação direta afirmando que todos que usam os seus cabelos crespos/cacheados estão fazendo isso como uma forma de militância. Muitas vlogueiras e blogueiras afirmam que usam os seus cabelos apenas por aceitá-los como eles são, sem que isso implique uma relação direta com uma luta política pelo direito dos negros.

Ao analisar as configurações dos movimentos sociais, sua forma de organização e atuação política, Warren-Scherer (2006) mostra que estes se integram em rede nessa era de globalização, extrapolando fronteiras auxiliado pelo uso da internet, redes sociais, e-mail, entre outras ferramentas. As ações desenvolvidas não se restringem ao mundo virtual, elas ocupam as praças e ruas em manifestações que visibilizam as suas causas quebrando também as barreiras entre o virtual e o real.

É na internet que muitas pessoas entram em contato com diversas causas e também compartilham seus posicionamentos, podendo muitas vezes se tornarem o organizador ou líder de alguma ação, já que não há uma clara hierarquia e os centros de poder são deslocados, permitindo o surgimento de movimentos sem líderes nos moldes da militância mais tradicionais.

Esse contexto social de globalização e multiculturalismo propicia novos tipos de ativismo com reivindicações cada vez mais transversais, tendo o protagonismo da sociedade civil como um dos grandes ganhos e isto acontece através do empoderamento desses sujeitos para que se tornem atores do seu tempo buscando superar contextos de exclusão.

O uso do cabelo como símbolo identitário já é uma conhecida estratégia utilizada pelo movimento negro. No artigo “*Usos e imagens sobre o Cabelo crespo das mulheres negras*” (2012) a autora Luane Bento dos Santos expõe que as mobilizações promovidas pelos negros americanos nos anos 60 na luta por direitos, tinham como fortes marcas os discursos, as marchas e também o uso cabelo “*Black Power*”, salienta que “*o cabelo crespo do negro foi um dos ‘significantes’ dessa trajetória de elaboração identitária*” (SANTOS, 2012, pg.6).

A identidade étnica organiza um coletivo de pessoas em torno de aspectos comuns, tendo por objetivo uma forma de estar no mundo, desenvolvendo projetos e ações políticas. Poderia ser confundida com outros tipos de identidades coletivas como a sindical por exemplo, mas um ponto que a distingue das demais é a suposição de uma origem comum a partir um lugar que une os indivíduos que compartilham do mesmo conteúdo culturais.

O contato entre as culturas é uma questão que está sempre colocada. Uma forma de olhar os grupos étnicos que provocou uma revolução na forma como estes viam sendo estudados foi o trabalho de Frederik Barth (1998), diferentemente das questões que eram postas onde buscava perceber os fatores de contraste dos grupos que terminavam por isolá-los, Barth observa as fronteiras, é neste lugar que as características culturais se afirmam em um processo de identificação contextual, o fenômeno étnico não é visto mais isolado, mas dentro das relações.

Os sinais ou signos diacríticos marcam as diferenças, garantem a distinção entre os grupos, são acionados em face do contato, orientando as atitudes dos indivíduos a partir do seu conteúdo étnico. Esses códigos orientam as diversas relações, mas essas não são estanques, vão se alterando com o passar do tempo. A penetração de estrangeiros dentro do grupo e a interdependência entre os grupos vizinhos não é vista como um fator que pode levar ao desaparecimento de algum deles, mas propicia sua perpetuação.

As análises observam os traços diacríticos que serão acionados, dentro das relações pois estes necessitam ser comparáveis dentro da sociedade mais ampla, portanto, a escolha deles não é arbitrária. Assim, percebemos que a construção identitária ocorre dentro de certos contexto histórico, social e cultural.

O cabelo crespo/cacheado tem funcionado como um sinal diacrítico marcando diferença entre grupos da nossa sociedade, ao mesmo tempo que aponta para uma forma de perceber o contexto que é diferenciada, estando mais atento a situação do negro. Mas esse sinal está em um processo de disputa, onde muitas ativistas afirmam que o cabelo cacheado está contido no cabelo crespo e não assumir o cabelo como sendo crespo seria uma forma de negar a negritude, assim o processo de construção da identidade ocorre dentro desses conflitos.

Dentro do contexto da globalização, as identidades vão se tornando híbridas. Isto ocorre através do processo de “tradução” (Hall, 2014, p. 52). As diferentes culturais são postas em questão, o indivíduo a partir do seu conteúdo identitário mais enraizado vai dando sentido ao mundo cultural que o rodeia. As culturas híbridas são “o produto de várias histórias e culturas interconectadas” (Hall, 2014, p. 52). Muitas vezes esses contextos de contatos com diferentes grupos culturais propiciam o acirramento de posições em torno de suas identidades étnicas. Onde as identidades assumem um caráter posicional dentro da estrutura, sendo sempre posta em negociação.

A globalização favorece o descentramento das identidades, no século XX, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e dos sistemas de transporte favorece a compressão das distâncias e do tempo. Hall mostra que uma das características da globalização é a “‘compressão do espaço-tempo’ - a aceleração dos processos globais, de forma que o mundo é menor e as distancias mais curtas, os eventos em um determinado lugar tem um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (p.40).

Esse mundo interligado altera a forma como os indivíduos o percebem, pois o fluxo entre as diferentes fronteiras estão facilitados e a mobilidade cresceu, levando as pessoas a estarem em contato com diferentes culturas e a partir daí desenvolverem forma de convivência com estas, alterando suas identidades. Sobre esse efeito da globalização auxiliado pelas migrações e a comunicação de massa sobre as identidades Hall (2014) demonstra:

“Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e ‘fechadas’ de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificações, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. ” (pg. 51).

Arjun Appadurai (2004) vai mostrar a partir das “etnopaisagens globais” que as identidades estariam perpassadas por uma tensão entre o global e o local, onde os indivíduos estão distantes do seu lugar, este diferente do espaço, se relaciona com um espaço físico, este construído por significados que se vinculam a identidade dos indivíduos. Ao mesmo tempo que

o indivíduo está ligado a um lugar que forma a sua identidade, as migrações e os meios de comunicação de massa os colocam em contato com outras possibilidades de vida, provocando assim tensionamentos, e são estes que se impõe como desafios a serem apreendidos pelos antropólogos, onde o autor aponta como proposta metodológica uma *etnografia cosmopolita* (p. 75) articular as “vidas imaginadas” e os “mundos desterritorializados”.

Ao invés da Identidade que conseguiam representar a todos os indivíduos de uma nação, surgem novas identidades favorecidas pelo panorama da globalização, que permitem, através de ferramentas como a Internet, o encurtamento das distâncias globais, aproximando pessoas por interesses compartilhados. Por este contexto acima apresentado, percebemos que a transição capilar propicia a formação de redes de solidariedade, um descentramento da identidade anterior pondo o sujeito em contato com outras identificações e discursos se construindo a partir da apreensão desses conteúdos.

2.3- Pesquisa no Ciberespaço: métodos e desafios.

Segundo pesquisas recentes desenvolvidas pelo governo brasileiro através da Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM)⁴⁵ no ano de 2015, quase metade da população faz uso da Internet. As pessoas ficam conectadas cerca de 4h59m por dia durante a semana e aos fins de semana 4h24m, o tempo gasto na Internet ultrapassa o tempo gasto em média diante dos televisores.

O tempo gasto na internet e seus modos de uso tem sido um dos fatores fundamentais para que as pessoas vivenciem distintas experiências. Os estudos científicos das diferentes áreas buscaram compreender como tem se dado o comportamento de pessoas e grupos nesses meios, antes da criação de metodologias específicas de coleta e análise desses dados, muitas pesquisas já vinham sendo feitas usando como referencial a pesquisa qualitativa.

No ano de 2010, Robert V. Kozinets publica um livro chamado Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online, buscando difundir metodologias a serem empregadas em análises que tinham como objeto ou que de alguma forma se voltava para as relações que eram mediadas pelo uso de computadores, esta obra foi lançada no Brasil no ano de 2014.

É interessante ressaltar que diversos termos foram criados para definir as análises produzidas a partir da internet como: “redenografia”, “etnografia de rede”, “etnografia digital”, entre outras. Uma primeira definição apresentada pelo autor para o termo Netnografia é

⁴⁵ Pesquisa disponível no link: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>, consultada em 19/05/16.

“abordagem da etnografia aplicada ao estudo de culturas e comunidades online” (Kozinets, pg. 14, 2014).

Os trabalhos que antecederam aos de Kozinets ainda estabeleciam uma separação entre a vida “real” e a “virtual”, separação que se mostra inexistente pelos estudos atuais, pois há uma intensa relação, para não dizer interdependência entre esses espaços. As primeiras experiências de pesquisa na web presumiam que as comunidades eram formadas por pessoas que não se conheciam ou manteriam o sigilo sobre suas identidades.

Para o autor, a Netnografia permite uma análise dos grupos organizados em rede que participam dessa cultura online. No seu trabalho, demonstra como podem ser aplicadas essas e outras metodologias qualitativas, e quais são os tipos de pesquisa que são favorecidas por essas. Kozinets reforça que no contexto atual não há uma separação entre “real” e “virtual”, ambos se influenciam mutuamente.

Simões (2012), ao estudar a cultura hip-hop em Portugal propõe a *Etnografia Multi-Situada* como prática metodológica por perceber a impossibilidade de captar apenas a manifestação dos seus participantes pelas ruas da cidade. Em todo tempo, a Internet estava presente nos diálogos estabelecidos com estes, seja como ferramenta para produção de músicas, seja como espaço de interação com outros participantes, era o local onde os conhecimentos, modos de fazer, iam sendo compartilhados.

Por essa característica do seu objeto de estudo, uma apreensão etnográfica que se restringisse apenas ao contexto das ruas não captaria todas as nuances, sendo necessário o uso de um método chamado *Etnografia Multi-Situada*, que tem como objetivo uma análise ampla das relações que o objeto estabelece entre o mundo “real” e “virtual”.

A prática da *Etnografia Multi-Situada* tem:

...o propósito de cobrir diferentes cenários onde se desenrolam variadas práticas significativas, mas também com o objetivo de dar conta da mobilidade do objeto em questão. O terreno de observação ‘virtual’ veio a introduzir uma complexidade adicional ao processo de observação (Simões, 2012, pg. 814).

A *Etnografia Multi-Situada* é um exemplo de possibilidade metodológica para o mapeamento dos espaços dentro da cidade, podendo ser observada as práticas interativas entre estes. Analisando o espaço da Internet localizando onde estão esses grupos, como as suas relações são estabelecidas, quais canais são usados para produzir conhecimento, quais possuem mais visibilidades.

Marcon (2012) ao analisar a produção, consumo e circulação do Kuduro, estilo de música e dança de origem angolana em Portugal, enfatiza as relações entre os modos como o online e o offline se cruzam, percebendo que a produção e circulação se dá tanto nas interações face-a-face quanto no virtual.

CAPÍTULO 3- CABELOS AFROS, NATURAIS, CRESPOS/CACHEADOS: DISPUTAS EM TORNO DO SIGNIFICADO DO CABELO NA TRANSIÇÃO CAPILAR.

“... Porque o cabelo não é um elemento neutro no conjunto corporal. Ele é maleável, visível, passível de alterações e transformado pela cultura em uma marca de pertencimento étnico racial.” (Gomes, p.7, 2012).

Abrimos esse capítulo com uma citação do texto “Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra” (2012) da antropóloga Nilma Lino Gomes, a autora aponta para a possibilidade de uma análise focada nos cabelos, buscando perceber quais os sentidos atribuídos e como estes foram socialmente construídos.

A variedade de tipos de cabelo é imensa, cada indivíduo possui diferentes fios em sua cabeça com distinta estrutura, resistência, aspectos físicos. Para dar-lhes o formato desejado foram surgindo os produtos de cuidado específico, acessórios e as lojas especializadas onde estes são comercializados.

Nesta seção buscarei apresentar as pesquisas que deram centralidade na análise aos cabelos, o tipo que foi dado ênfase referem-se ao do fenótipo negro, destes estudos destacamos os diversos termos usados para designá-lo como: cabelos crespos, naturais, cabelos de axé, cacheados, étnicos, afro, cabelo ruim.

Perscrutaremos os argumentos usados para compreender esse símbolo, os métodos e espaços privilegiados na análise, as bibliografias que fundamentam as reflexões, construindo assim um breve estado da arte do tema que estamos desenvolvendo nessa pesquisa. O nosso interesse é mapear, além dos termos usados, os significados dados a estes. Percebemos que uma questão central nesses estudos é o uso do cabelo como forma de expressão e reafirmação da identidade negra.

O disparador da maioria das análises que centram seu foco nos cabelos crespos/cacheados é o esforço em compreender os significados em torno das modificações capilares e como estas expressam as identificações, por ser uma fibra passível de ter a sua estrutura alterada diversos produtos e equipamentos foram desenvolvidos para modelá-los e transformá-los, como mostramos no primeiro capítulo.

A pesquisa da socióloga Ângela Figueiredo (2002), a partir de uma preocupação com a construção da identidade negra e as práticas de manipulação capilar, destaca o consumo de itens

de beleza pela população negra, a expansão, no Brasil, das fábricas que os produzem, elaborando uma análise baseada em bibliografias disponíveis e pesquisas de órgãos oficiais do governo, além do trabalho de campo produzido na capital baiana, Salvador, buscando compreender o significado social dos cabelos crespos.

A pesquisadora, ao analisar a questão estética e as práticas de consumo da população negra, tipifica os profissionais que com penteados e químicas de transformação modificam os cabelos crespos, percebendo que, nas diversas técnicas de intervenção capilar há uma busca por um aspecto “natural” evitando que o cabelo tivesse um aspecto modificado que o caracterizaria como artificial. Essa naturalidade também está ligada ao uso de produtos orgânicos e fibras naturais na composição dos penteados. Percebemos que na análise de Figueiredo a naturalidade não está ligado ao biológico, mas à aparência dos cabelos.

As entrevistas realizadas por Figueiredo com mulheres mostrou que, dentre as características físicas, o cabelo é o objeto privilegiado das modificações e estas podem se dá através de apliques com fibras sintéticas ou fios naturais, tranças, penteados, alisamentos e permanentes, nesta pesquisa há um destaque para a forma como os militantes do movimento negro percebem essas modificações, há um repúdio as intervenções que descaracterizam esse cabelo crespo, considerado como representativo de uma negritude.

Dando ênfase aos modos de classificação racial no Brasil, Figueiredo mostra: “Mas é principalmente a cor da pele e a textura do cabelo que vão definir o lugar a ser ocupado no inteiro dessa escala classificatória” (p. 6, 2002), assim os caracteres fenotípicos influenciam na forma de classificação, distinguindo-se de outras realidades, como a americana, que esta se dá pelas relações de parentesco e filiação.

O uso do cabelo, que nesta pesquisa é chamado de afro, marcaria uma tentativa de valorização dessa estética frente ao discurso vigente onde tudo que se relaciona ao negro é considerado feio, sujo, indesejável (pg.7). Isso por que a sociedade seguiria um padrão de beleza europeu, branco, que a divide em duas, sendo este último mais valorizado que o primeiro. A autora ressalta que para o movimento negro propõe que através da valorização da estética de algum modo se esteja assumindo uma identidade étnica negra. Como fica explícito na citação que segue,

Como em outros âmbitos das relações raciais, historicamente os negros tem sido vitimizados no mercado da aparência ou no mundo da beleza, esfera que tem sido marcada pela construção de estereótipos negativos associados ao fenótipo negro considerados feios. (pg. 12, 2002)

O texto deu ênfase ao crescimento na capacidade de consumo da população negra e como o mercado se movimentou para criar itens que agradassem cada vez mais esse público, marcado também pelo surgimento da revista *Raça*, publicação voltada ao público negro trazendo assuntos como beleza e comportamento, os produtos para os cabelos eram os maiores anunciantes. Esta revista deu ainda mais visibilidade a esse mercado consumidor, mas a autora mostra que não foi possível confirmar a hipótese levantada no início do texto que os negros gastavam mais que os brancos em itens de embelezamento. Esta análise guarda relações com diversas variáveis não só com a renda, mas também com o nível de escolaridade e classe social.

Com foco no processo de construção da identidade e o uso dos cabelos crespo como um dos símbolos dessa, a pesquisa da antropóloga Nilma Lino Gomes está registrada no seu livro “Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”⁴⁶, fruto das análises produzidas no doutorado em antropologia social pela Universidade de São Paulo (USP). A citada obra não está disponível, mas as análises produzidas nela são fundamentais para a compreensão sobre identidade e estética no Brasil. Usamos o artigo “Corpo e cabelo como símbolo da identidade negra”⁴⁷ uma versão sintética do livro, para nos aproximarmos das suas reflexões acerca do tema.

Os trabalhos da antropóloga Nilma Lino Gomes também são referências nos estudos sobre identidade e estética negra, realizou a pesquisa em salões de beleza étnicos e buscou compreender o antagonismo que o cabelo afro centraliza, sendo esse percebido socialmente como feio e indesejado, serve como símbolo de afirmação identitária e da beleza negra.

A pesquisa de campo foi realizada em salões de beleza afro na cidade de Belo Horizonte. Lançou mão também de entrevistas com homens e mulheres negras, militantes de movimentos negro, buscando perceber como a construção de uma identidade negra passa por esses suportes físico, o corpo e o cabelo, tornando-os referentes simbólicos, este último, objeto privilegiado de modificações para se aproximarem do padrão branco através do uso de químicas de transformação.

No contexto brasileiro, a construção da identidade negra é marcada pelo racismo e pelas ambiguidades de um país que por muito tempo endossou o discurso de ser o reduto da democracia racial, esta identidade vai sendo produzida em um duplo movimento, o de dentro e

⁴⁶ O livro foi lançado pela editora Autentica no ano de 2007, tendo uma reimpressão, mas hoje se encontra esgotado.

⁴⁷ Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1567>

o de fora, a forma como os negros se veem e como são vistos, assim para autora no cabelo e o corpo negro estão escritos os dilemas desse processo, tanto no âmbito individual, como no social. (p. 3, 2012)

Em um cenário de dominação política, econômica, cultural, os grupos dominados buscam estratégias para sobreviverem neste, assim os símbolos identitários exercem uma importante função como marcadores da diferença, não somente aspectos físicos possibilitam a auto-identificação e a identificação externa da identidade étnico-racial, aqui no Brasil estes aspectos possuem um forte peso e são acrescidos a estes distintivos sociais como educação e classe social.

Um dos adjetivos mencionados de modo recorrente para o tipo de cabelo crespo/cacheado é cabelo “ruim”. Como boa parte da pesquisa de Gomes foi desenvolvida em salões de beleza especializados nesse tipo de cabelo, ela relata a insatisfação de mulheres e homens com os seus cabelos,

O cabelo do negro visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (pg. 4)

Assim vemos o quanto todo esse processo que envolve as modificações capilares sintetiza tensões existentes, dilemas sociais, como o racismo, ideais de beleza e feiura, expressando também como se dão as relações interétnicas no Brasil.

Nesta dissertação, temos uma especial preocupação com os termos que são usados para adjetivar os cabelos, pois eles expressam os sentidos atribuídos que são construídos a partir de processos que, na maioria das vezes, são conflituosos.

O livro-catalogo “Cabelos de axé: identidade e resistência” publicado no ano de 2004, pela SENAC editora, de autoria do antropólogo Raul Lody tem por objetivo mostrar a força de uma cultura afro brasileira, explicitada nos símbolos e penteados. Partido de uma pesquisa bibliográfica, iconográfica e de relatos de cabeleireiros, o autor inventaria técnicas, tipos de penteados, materiais usados nesses e também os significados a estes que ele denomina como “cabelo de axé”.

Lody utiliza em sua análise pesquisas e documentos produzidos acerca dos aspectos estéticos de povos africanos e afro brasileiros, relatos de cabeleireiro que tem como foco o público negro, usando também imagens produzidas por artistas que viajaram em expedições pelo Brasil e continente Africano registrando as características exóticas que chamavam a atenção da metrópole colonizadora além de ensaios fotográficos produzidos mais recentemente. Realizou suas pesquisas tendo como foco aspectos religiosos e culturais de matriz africana no Brasil, busca através dos penteados mostrar como esses centralizam diversos simbolismos para o povo negro, como pertencimento a um determinado grupo, estado civil, afirmação étnica e racial, história e memória ancestral (pg.13).

O autor promove um rápido percurso na história do penteado, indo da pré-história a revolução industrial momento de profundas modificações sociais e estéticas, avançando pelo século XIX, além de destacar os penteados e adornos dos indígenas sul americanos.

Enfatiza a constituição do continente africano, as modificações geopolíticas ocasionadas pelos processos de colonização, além de mostrar rapidamente como se deu algumas independências no continente Africano. Nesta secção o autor se esforça para desconstruir a visão de uma África como culturalmente homogênea.

Os documentos usados como base no livro “Cabelos de Axé” são pinturas e fotografias produzidas dentro do contexto da colonização, as expedições que fizeram esses registros eram financiadas e apoiadas pela metrópole (p. 49), expedições como a que trouxe o pintor Debret para o Brasil no século XVI, esses materiais estão sobre a guarda do Ministério Ultramar, situado em Portugal.

As páginas estão repletas de imagens de cabelos, rostos e corpos negros registrados pelos viajantes que em missões pelas colônias tinham por objetivo catalogar os tipos humanos, fauna e flora, além dos aspectos sociais. Há um tom de naturalidade e obviedade em todo o discurso, como se dentro do contexto de colonização, os registro feito pelas expedições fossem fidedignos. Trechos como este “Rugendas, Florence e Debret olharam com sentimento e sensibilidade antropológica para os tipos humanos, detidamente para os africanos que começaram a chegar ao Brasil no século XVI” (p.49).

Percebo uma leitura bastante influenciada pelas produções de Gilberto Freyre, se preocupando em destacar os aspectos africanos trazidos para o Brasil que “contribuíram” para a formação do povo brasileiro, refere-se as festas e religiosidade dos povos africanos como algo

que foi pacificamente incorporado a sociedade (p.50), não são relatados os conflitos e opressões sofridas pelo povo negro por conta dos seus aspectos culturais.

Para Lody, a concepção de beleza no Brasil carrega forte influencias do que ele chama cultura africana, “... É no que Rugendas e Debret olharam e deixaram como legado à memória africana que encontramos as raízes dos padrões de beleza hoje considerados genuinamente brasileiro” (p. 50), mas sabemos que é um desafio dar contornos precisos do que seria uma cultura africana e ainda maior falar desse padrão de beleza sem problematiza-lo, o autor faz essa afirmação ao mencionar o empenho desses artistas em retratar os corpos e a estética desses africanos que cá estavam, continuando a afirmar que esses povos juntamente com os portugueses, indígenas e imigrantes formaram o Brasil.

Os cabelos e a cabeça são um espaço do corpo muito importante em diversas religiões, no candomblé raspar a cabeça marca um momento crucial no ritual de iniciação, Raul Lody mostra que esse marca a passagem do noviço para se integrar em outras atividades, assumindo o papel de iniciado. O uso dos turbantes serve para proteger esse espaço, a cabeça, que se torna a morada do orixá.

A cabeça é mimese do mundo simbolizado, onde estão os elementos da natureza e, depois de fixados, os princípios geradores do axé do corpo individual que, conjugado com o eu coletivo do terreiro, ampliarão cada vez mais os vínculos sagrados, éticos, morais, sociais e culturais do individuo com o grupo. (2004, p. 69).

Apona como os negros foram se organizando para lutar por direito e visibilidade dentro da sociedade, mostra os sinais e emblemas que marcam essas disputas a exemplo do uso dos cabelos Black Power, esses demarcam afiliação a ideias e propósitos. A citação a seguir sintetiza o que o antropólogo Raul Lody tentou apresentar nessa obra a respeito dos cabelos:

Assumir os cabelos como distintivos raciais/étnicos é uma atitude que acompanha os processos de direito cultural e do direito à cidadania. Os cabelos coroam cabeças e emolduram rostos, identificando pessoas nas lidas cotidianas, construindo personagens para as festas ou ainda rituais religiosos, integrando e construindo imagens que identificam papeis sociais de homens e mulheres. (Lody, 2004, pg. 126)

Vemos assim que, no esforço de mostrar aspectos da cultura afro brasileira, pontualmente dos cabelos e adornos de cabeça, como estes carregam significados, constroem uma ideia de beleza afro brasileira, a partir de leituras de outros trabalhos produzidos no contexto brasileiro vemos muitas das concepções apontadas por Lody são colocadas em cheque, principalmente com relação à aceitação social dessa beleza e conseqüentemente dos cabelos.

Alguns estudos produzidos recentemente no Brasil sobre o uso de cabelos cacheados e crespos, a relação destes com uma estética africana. Além disso, ilustram como as mulheres, principalmente, buscam suavizar esta característica fenotípica alisando os cabelos. (PAULA 2012, SANTOS 2012, QUINTÃO 2013).

As pesquisas desenvolvidas na dissertação de mestrado de Adriana M. Penna Quintão (2013) demonstram, através de uma análise etnográfica, os rituais de permanente afro e alisamento capilar que mulheres negras e brancas se submetem, na busca de uma autoimagem que esteja inserida nos padrões estabelecidos pela mídia e no que é entendido como um belo cabelo.

...O que ambos os discursos para negras e brancas têm em comum é o da disciplinarização do cabelo, almejando uma imagem 'natural', porém 'controlada' para ambas as etnias. O cabelo cacheado- com cachos grandes e 'comportados'- é percebido como 'natural' para mulheres negras, enquanto o cabelo liso- mas com algum movimento- é percebido como 'natural' para as brancas. Para alcançar tais imagens 'naturais', as mulheres se submetem a verdadeiros rituais, não medindo esforços para alcançar seus ideais de beleza, sacrificando assim seus orçamentos e até mesmo sua saúde e bem-estar (Quintão, 2013, 24).

Ainda perdura, dentro da nossa sociedade, a formas de ver os cabelos taxando-os como “bom” e “ruim”, como aponta a pesquisa feita por Quintão (2013). O referido estudo explora aquilo que foi construído socialmente ao longo das décadas: que o cabelo “bom” é aquele que se aproxima da textura dos cabelos das pessoas brancas, que na sua maioria são lisos, e o cabelo “ruim” são os que possuem características do cabelo afro com textura crespa e encaracolada.

Para fugir desses títulos de dona de um cabelo “ruim”, “indomável”, “feio”, “rebelde”, é necessário que o cabelo seja domado, isto é, o mais liso possível. É com esse entendimento que muitas mulheres recorrem às técnicas de alisamento, usando produtos com variadas formulações, para obtenção do efeito “natural” desejado. Adequada a esse pensamento, a indústria cosmética e os salões especializados oferecem uma infinidade de produtos e técnicas para obtenção desse efeito.

3.1- Feminismo: aspectos históricos e teóricos.

Nesta tópicos nos esforçaremos para articular as reflexões da teoria feministas com os conceitos nativos, buscando elucidar as questões que foram sendo colocadas no decorrer dessa pesquisa. Para melhor apreender tais questões foi necessário emprendermos uma reflexão partindo do aporte teórico que as discussões acerca de gênero possibilitam.

À primeira vista podemos estar tentados a relacionar diretamente a teoria feministas pesquisas que tem como interlocutores a experiência de mulheres, mas essa é uma visão muito simplista e datada deste arcabouço. De fato os primeiros estudos orientados por esse projeto político que busca a igualdade de direitos para as mulheres (Segato, p. 3, 1998.), inicialmente as ocidentais, buscou definir quem seria esse sujeito impulsionador da luta, assim procurou definir aspectos que generalizassem as experiências das mulheres na sociedade.

A produção acadêmica acerca do papel da mulher na sociedade, do patriarcado, das relações entre os sexos, das estruturas sociais, estava atrelada a uma luta política que ganhou maior visibilidade com o movimento sufragista. Uma pergunta disparadora é: onde estão as mulheres? Os mais diversos espaços sociais sempre foram ocupados pelos homens que governavam, eram os artistas renomados, cientistas, integravam as forças militares, às mulheres estavam reservados o espaço domésticos, privados.

Algo relevante que Rodal (2015) aponta é que a revolução promovida pelas mulheres não foi silenciosa, como alguns afirmam, mas sim silenciada, através de múltiplas estratégias, por vezes camufladas e reproduzidas na educação (p.14). O voto, a capacidade de eleger representantes no sistema político, é uma das principais formas de exercer a cidadania, por isso a luta pelo direito de expressar a vontade política foi uma das primeiras bandeiras do feminismo.

O Iluminismo marca um momento de modificações profundas no contexto social, é influenciado pelas concepções desse movimento que surge a ideia de cidadania, pondo, os participantes dessa como “iguais perante a lei”, isso altera o modo como as relações sociais vão se dá, cabendo definir quem é cidadão, quais os critérios para obtê-la e exercê-la.

Asunción Rodal ao historicizar o Feminismo, mostra que a palavra surge no ano de 1837, diante das mudanças sociais que passam a definir o que seria cidadania. Como ela mostra, a luta se dava pela necessidade das mulheres de obterem os mesmos direitos civis e políticos dos homens, assim dariam os primeiros passos em direção à justiça social. (p. 14)

Outra forma de apagar as produções das mulheres foi o reforço da crença que elas eram biologicamente dotadas para desempenhar certos papéis e outros não. Seriam aptas a reproduzir, cuidar dos filhos e da família, mas não disporiam de habilidades para estarem integradas no mercado de trabalho formal e lhes faltavam faculdades que as dotassem de um espírito racional.

Desse modo, as mulheres estavam relacionadas à natureza, pela possibilidade reprodutiva, e os homens a cultura, pela habilidade em usar a capacidade racional para produzir conhecimento, administrar negócios, exercer cargos políticos. Mas não eram todos os homens que podiam acessar a condição de cidadão. Apenas brancos, cristãos, heterossexuais, escolarizados, com recursos econômicos, os outros homens também precisaram lutar e reivindicar o acesso a direitos. A exemplo do Movimento por Direito civis, que teve como líderes nestas lutas homens negros, e o Movimento Gay, que por seus desdobramentos atuais abrange pessoas de sexualidades tidas como desviantes.

Convencionou-se dividir o movimento Feminista em ondas. Essas divisões compreendem períodos histórico onde as reivindicações organizavam as mulheres em lutas. A primeira onda do Feminismo é marcada pelo movimento sufragista no século XIX, onde as mulheres se organizaram em torno da luta pelo direito ao voto, condição restrita aos cidadãos, nesse caso, os homens, e não todos. Essa luta resultou na abertura de escola para mulheres, centros de reuniões, e conquistas para mulheres tanto da classe burguesa quanto trabalhadoras. No século XX os ganhos dessa primeira onda começam a se evidenciar com o exercício do voto pelas mulheres e a representação política.

A segunda onda tem seu início nos anos 70, como marca Rodal (2015) não mais se fala em Feminismo no singular, mas sim Feminismos, pois o sujeito desse movimento começa a ser questionado, a categoria mulher, no singular, não consegue abranger todas as experiências vividas, assim a variedade de vivências começa a tensionar as pautas do movimento.

A obra “O segundo sexo”⁴⁸ da filósofa francesa Simone Beauvoir, marco no esforço de desnaturalizar os papéis de gênero, mostra que o “ser mulher” e as atribuições que isso implica não é algo natural, mas aprendido socialmente.

O esforço em desnaturalizar a condição da mulher, as diferentes experiências vividas por elas, os modos de perceber o ativismo, a luta feminista, as inclinações políticas que

⁴⁸ A primeira edição do livro foi lançada no ano de 1949, momento posterior a II guerra mundial,

orientam, provocam o surgimento de várias vertentes dentro do movimento, cada um com especificidades nas pautas, repertórios de ação e filiação política.

Apresentamos como exemplo o feminismo liberal e o radical. O primeiro buscava mudanças na legislação com relação ao aborto, trabalho, movimento que teve força nos Estados Unidos e propiciou a criação de varias organizações em torno dessas bandeiras (Rodal, p. 29, 2015).

Um outro é o feminismo de radical, ligado ao movimento da nova esquerda, engajado nas lutas antirracista, pacifista, se desenvolveu entre os anos de 1967 e 1975, posicionando-se contrário as políticas liberais, que não eram capazes de acabar com as injustiças sociais, tendo também um caráter contracultural.

Outras vozes também começam a lutar por espaço como as mulheres lésbicas, muito silenciadas dentro do movimento que tinha por referência as mulheres heterossexuais e as mulheres negras que as suas experiências marcadas por processos de colonização e diáspora também passam a reivindicar com mais força as suas pautas.

Asunción Rodal (2015) marca a terceira onda do feminismo como inserida na pós-modernidade global e integrada pela rede mundial de computadores, o acesso a estes e a internet, revoluciona todos os movimentos sociais, e os Feminismos também, que passam a dispor do ciberespaço, como um local de ação política. (p.32)

No que diz respeito ao movimento feminista, estudos defendem que sua criação e sua articulação em cenários institucionais de direitos da mulher vieram à tona a partir da década de 1970, com os chamados “Novos Movimentos Sociais”. Nesse momento foi construído um espaço de discussão internacional através da Organização das Nações Unidas – ONU – a fim de discutir os motivos pelos quais são colocados obstáculos que travancam o desenvolvimento das mulheres na sociedade, influenciando na realização de conferências voltadas para a temática.

Na América Latina e no Brasil, especificamente com o período de redemocratização e abertura política, a partir do final da década de 1980 e início de 1990 é possível perceber a propagação dos espaços de discussão e atuação desse movimento através da articulação em redes, principalmente com a sociedade civil (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000). Diante disso, o movimento feminista teve como objetivo central a extinção do poder regulador baseado no patriarcado, além de reunir um conjunto de questões que envolvem a luta pela

igualdade de gênero e propor um projeto de sociedade alternativa através dos princípios de igualdade e justiça social (DESCARRIES, 2002).

Seria bastante pretencioso tentar dar conta de todas as discussões que atravessam a Teoria e movimento Feminista e as análises que partem do gênero, nos limitaremos aqui a aspectos gerais, que nos auxiliara a compreender o pano de fundo da discussão e o uso de alguns conceitos que são herdeiros dessa discussão e nos auxiliam a compreender a transição capilar, como percebemos a partir da etnografia produzida é um momento que desafia a auto percepção colocando em jogo questões raciais e a construção do ser mulher passando por aspectos estéticos.

No esforço de compreender o gênero, enquanto categoria analítica, a intelectual feminista Joan Scott no texto “Gênero uma categoria útil para análise histórica” (1995), mostra que esta serviria para explicitar a dimensão social imbuída nas diferenças sexuais, um esforço em problematizar as diferenças que muitas vezes colocadas como determinadas biologicamente, isso em uma análise histórica dos papéis de gênero, que não enfocaria nas mulheres, mas que buscaria perceber como as relações entre homens e mulheres se davam e como estas se reproduziam socialmente.

A autora conclui que, a intersecção entre raça, classe e gênero como categorias analíticas que “reformariam” essa forma de narrar a história, composta pela fala dos oprimidos e as desigualdades de poder, levaria a uma mudança radical na forma como as análises vem sendo produzidas, e não alteraria apenas esse campo de saber, todos de algum modo se modificariam com esta inclusão.

É importante apontar que, essas análises que estamos refletindo não têm como fim apenas a produção de um conhecimento acadêmico, mas há uma proposta política que a partir desse seja possível equipar os sujeitos com instrumentos que possibilitem a reflexão e alteração da realidade vivida.

3.2- Raça e racimos: conceitos fundamentais para a compreensão das relações sociais no Brasil.

As desigualdades entre as raças foi um dos fatores que justificaram as colonizações das Américas, África, a Ásia e Oceania pelas nações europeias, que se consideravam superiores por seus padrões de organização social e política e justificado pelo conteúdo biológico uma das razões para esse desenvolvimento.

Steve Fenton (2005) demonstra um percurso histórico do termo raça a partir do *Oxford Reference Dictionary*, primeiramente visto no sentido de “criação”, pessoas vindas de um ancestral comum ou família original, isto no século XVI, relacionava-se as pessoas de uma determinada localidade como advindos de uma mesma raça, mas no final do século XIX e início do XX orientava a hierarquização dentro do gênero humana, baseado em estudos científicos tendo como resultados hierarquizações das capacidades, em 1950 o termo entra em declínio e em seguida vai sendo abandonado, isso por conta do seu conteúdo discriminador.

Surgido nas ciências naturais para classificar plantas e animais, o conceito de raça se referia aos espécimes que possuíam um ancestral comum, a primeira classificação baseada nesse conceito foi feita pelo naturalista Carl Vonn Linné, separando assim as plantas em 24 raças/espécies distintas.

O conceito recebeu um significado social definindo uma linhagem de um grupo de pessoas que possuíam um ancestral comum, no século XVI esse passa a ser extensivo as pessoas pertencentes a determinada classe social, como ocorreu na França no momento do conflito entre os francos e os gauleses (Munanga, p. 17, 2000).

Este conceito começa a ser usado para diferenciar grupos humanos por volta do século XVII, tendo como critério para esses, aspectos físicos, como a cor da pele, surgindo uma divisão em três grupos levando em conta essa característica, a raça branca, negra e amarela, assim conceito de raça deixa de operar apenas no campo da biologia, marcando hierarquias sociais e relações de sujeição advindas das características morais, físicas e intelectuais atribuídas aos grupos por conta da herança biológica.

O esforço em diferenciar as pessoas pertencentes a determinada raça esteve relacionada com a busca pela “pureza do sangue”, isso garantiria a perpetuação dos caracteres fenotípicos, intelectuais e morais, servindo também para justificar a hereditariedade como critério de manutenção das classes sociais e das relações de sujeição de classes compostas por raças tidas como inferiores a classes superiores.

O Iluminismo foi um movimento intelectual fundamental para o avanço das reflexões acerca das diferenças humanas e conseqüentemente da diversidade de raças, buscando se afastar das explicações religiosas e impulsionados pelos diferentes tipos humano que vinham sendo “descobertos” com a exploração de territórios e a colonização deste, um tipo humano foi privilegiado, a saber, o branco europeu, sendo esse o sujeito do Iluminismo.

O sujeito do Iluminismo era constituído por uma essência, o “eu”, que já nascia com ele, dotando-o de racionalidade, esse indivíduo surge historicamente no século XVI

impulsionado por movimentos como: Humanismo renascentistas que pôs o homem no centro do universo, o Iluminismo “centrado na imagem do homem racional científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida” (Hall, 2014, p.18) e na esfera religiosa a Reforma Protestante que trouxe uma concepção de culto e adoração acessível a todos, não necessitando da mediação da Igreja Católica; na filosofia as Postulações de René Descarte, propondo um método de análise do mundo e o reforço a inteligência nas proposituras de John Locke, propiciam juntos o surgimento desse.

Sendo este o momento das grandes navegações e da descoberta de novos povos em terras longínquas, esse sujeito do Iluminismo se torna a referência de humanidade ideal, as populações recém descobertas são vistas como representantes de um momento de infância da humanidade, assim sendo, para que atingissem os padrões de civilidade era necessário que a cultura europeia fosse imposta, esta propiciaria o avanço moral e social desses povos atrasados.

O conceito de raça foi usado para fundamentar a dominação e exploração da população negra pelos brancos europeus. Os caracteres biológicos eram tidos como determinantes dos aspectos morais, intelectuais, além dos físicos, assim, os negros eram vistos como não humanos, bestializados, movido pelas emoções, sexuais, desprovidos de alma. Essas e outras características estariam inscritas em seu sangue, por isso toda espécie estaria fadada a nascer com essas características, por sua condição esses podiam ser dominados e escravizados sem nenhum receio, essa visão sustentou o regime escravocrata.

Franz Fanon (2008) mostra que as imagens construídas do colonizador e do colonizado terminam por alienar o segundo da sua condição dentro dessa relação, por está derrotado e explorado, recebendo toda a carga negativa que essa construção o impõe, este termina por internalizar essas ideias e por muitas vezes naturaliza a tutela que a raça branca exerceu sobre eles, que os levaria ao patamar ideal que é possuir as características do sujeito branco.

Além de justificar as relações de sujeição e exploração, estudiosos das raças afirmavam que a mistura entre elas produziria de seres inférteis, em todos os sentidos, assim como foi constatado através do cruzamento entre animais e plantas de raças distintas, desse modo aumentar o quantitativo da raça desejada, no caso a branca, representante desse sujeito civilizado ideal, poderia salvar os miscigenados da degeneração principalmente intelectual e moral, já que cada raça contribuía com seu quinhão para a formação desse ser miscigenado, fossem essas características positivas e reforçáveis ou negativas.

As reflexões acerca da relação entre miscigenação e infertilidade vem dos estudos biológicos dos cruzamentos entre espécies distintas, a “teoria científica” de Joseph A. Gobineau foi aplicada para o contexto social, sendo compreendida como a psicóloga Iray Carone (2002) nos mostra se referindo a composição da população brasileira,

O racismo de Gobineau estava fundado na visão poligenista da humanidade e condenava o cruzamento inter-racial, que tem como consequências a perda da pureza do sangue da raça branca e superior e a produção de seres inférteis e incapazes - os sem-raça - que viriam a comprometer o potencial civilizatório de nosso povo. O mestiço seria o mulato, equivalente ao mulo, animal híbrido derivado do cruzamento do jumento com égua ou do cavalo com a jumenta. (p. 14)

Duas correntes aglutinavam os pesquisadores que buscavam refletir acerca da origem da humanidade: visão monogenista (até meados do sec. XIX) influenciada por uma visão religiosa do surgimento da humanidade toda ela originaria de um único ancestral. A degeneração em relação ao pai fundador da humanidade, no caso adão, explicaria a diversidade humana.

O desenvolvimento das ciências biológicas propiciou o surgimento de outra corrente, a poligenista, que buscava compreender como a humanidade surgiu, haveriam “vários centros de criação” (Schwarcz, 1993, pg. 48), que justificaria a existência das várias raças, se opondo aos dogmas religiosos e sendo reforçado pelo surgimento de disciplinas científicas como a frenologia e antropometria.

O uso de medidas corporais para estabelecer diferenças, aptidões, inclinação a violência e a criminalidade começam a ser usadas em meados do século XIX, precisamos destacar que são as minorias os alvos privilegiados dessas pesquisas, medições, tinham os resultados destas vinculados a características negativas.

Das relações conflituosas entre populações de raças distintas e as consequências sociais dessa, surge o racismo que é definido por Munanga como “uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”. (2004, p. 24) foi esse tipo de crença que sustentou por tantos anos o sistema escravocrata e deixou sua marca em diversos países e também no Brasil.

Com o avanço das pesquisas científicas acerca das raças no século XX, fica clara, a impossibilidade de definir, através da carga genética, os diferentes tipos humanos, indivíduos

de “raças” distintas podem ser geneticamente mais assemelhados do que pertencentes a mesma raça, como afirma Munanga (2000),

... com os progressos realizados na própria ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram a conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito alias cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-las em raças estanques. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem (pg. 21).

Mesmo com a inoperância científica do conceito de raça, ele continua atuando no âmbito social na separação entre os seres humanos que possuem características morfológicas distintas, Munanga (2000) aponta, que apesar do conceito surgir nas ciências biológicas, passa a ser usado socialmente para hierarquizar e justificar relações de abuso e exploração dos seres considerados racialmente inferiores, estes no geral a população que foi colonizada pelos europeus descobridores das novas terras.

Entendemos o conceito de raça como um esquema que opera político e socialmente baseado em aspectos biológicos, mas constantemente negociados e renegociados (Schwarz, p. 47, 1993) . Conhecer as conjunturas sociais do momento onde o conceito de raça começar a usar aplicado ao social, nos ajuda a entender por que até hoje ele opera separando os indivíduos.

A noção de raça em seu sentido biológico, pressupondo uma heterogeneidade entre os diferentes não consegue sustentar-se como definido as diferentes etnias, já que de fato as diferenças são muito mais fenotípicas do que um conteúdo biológico exclusivo, Cunha (2009) mostra como ela foi substituída pela noção de cultura, esta aprendida socialmente, mas sendo diversa em cada lugar.

A etnicidade não está centrada em aspectos essencialistas como a biologia, ou uma cultura estanque, como mostra Manuela Carneiro da Cunha (2009), a cultura está sempre se modificando pois está sempre em contraste com outra, utilizando símbolos e sinais diacríticos, como a língua que demarca a sua diferença e media a sua relação com a sociedades, para Cunha “a etnicidade pode ser mais bem entendida se vista em situação como uma forma de organização política” (p.244) a partir das retóricas produzidas os grupos acionam dentro da arena política a sua condição muitas vezes de minoria e que necessita de acesso a meios que propiciem sua sobrevivência em sociedades.

No Brasil as primeiras teorias que se refletiam sobre a formação da Nação mostravam sua preocupação com a miscigenação como um fator que poderia dificultar o desenvolvimento,

no século XIX buscava uma pureza racial, já que a mescla de indivíduos com padrões genéticos distintos causaria a degeneração.

A impossibilidade na existência de uma raça pura, já que em todos os lugares pessoas com diferenças fenotípicas estão em contato e as estratégias de manter um afastamento baseado nelas se mostram falhas, os teóricos vão buscar repensar a questão da mistura e o desenvolvimento do Brasil, onde nos anos 30 autores como Gilberto Freyre vão ressaltar a Democracia racial existente no país. (Shwarcz, 1999)

Para compreendermos melhor essa discussão que estamos levantando vale situá-la historicamente; como é conhecido, as terras brasileira teriam sido descobertas no ano de 1500 por uma esquadra portuguesa e trinta anos após esse fato é iniciado um processo de colonização da nação descobridora nessa terra, já se encontravam uma vasta população indígena e com a introdução da exploração econômica dos recursos disponíveis e da agricultura, o regime adotado foi o da escravidão, tanto da população indígena nativa, quanto populações trazidas de regiões do continente africano foram usados como mão de obra escrava, esse sistema durou pouco mais de 300 anos, até 1888 quando a Lei Áurea foi assinada libertando a população negra escravizada.

Assim no período pré e pós abolicionistas as consequências da miscigenação eram uma preocupação constante, diversos intelectuais, a exemplo de Nina Rodrigues, buscavam formas de solucionar os “problemas” que a hibridizariam, acreditava-se que os humanos nascidos de cruzamentos entre raças diferentes teriam os mesmos problemas que os animais híbridos apresentavam, a exemplo da infertilidade, os teóricos afirmavam que a miscigenação provocava a degeneração moral, social, intelectual dos mestiços, por conta disso a evolução da sociedade brasileira seria comprometida.

Uma das soluções apontadas era que a raça mais evoluída deveria tutelar as outras, que estariam em estágios inferiores, assim o branqueamento da população brasileira seria uma alternativa que salvaria a nação da estagnação ou até involução, essa preocupação tinha como base intelectual a teoria positivista de Augusto Comte, baseada na “Lei dos três estádios”.

Na visão liberal, que pretendia industrializar o Brasil, a imigração de mão de obra europeia seria a solução para desenvolver o país economicamente, moralmente e socialmente, soma-se a isso toda a situação de abandono e falta de expectativa que a população negra passa

a conviver, já que a libertação da escravidão não veio junto com nenhuma medida de integração social, o negro continuava aliado da vida pública e civil.

Alguns intelectuais sugeriam que a extradição de ex-escravos para a África seria uma das soluções, para outros estes deveriam continuar escravizados ao passo que sucumbiriam e os imigrantes europeus seriam a força de desenvolvimento econômico e social brasileiro. De todo modo o objetivo era a erradicação desse contingente populacional. As explicações científicas e seu arcabouço teórico racializaram as relações entre os diferentes grupos humanos, criando hierarquia entre eles.

Para integrar-se a sociedade uma estratégia usada pela população negra foi o esforço em se branquear, provocando assim o que Carone (2002) aponta como um discurso da elite branca brasileira que este esforço ocorreria por inveja, imitação e falta de identidade étnica (pg.17), não sendo colocado a condição de exclusão e a falta de meios para integração a sociedade como termos nessa relação.

Outra teoria que exerceu um forte peso na sociedade brasileira é que a miscigenação da forma como se deu aqui nos levou a sermos uma nação da perfeita convivência entre as diferentes raças ou o mito da democracia racial, colocava o Brasil como uma nação onde as diferenças raciais se amalgamavam de forma pacífica e corroboravam para o desenvolvimento dela, este foi duramente atacado pelo movimento negro brasileiro nos anos 80, por ser um dos discursos mais alienantes do modo como de fato se dão as relações raciais no país, ainda hoje, apesar de muitos esforços em desconstruí-lo, é um discurso muito aceito socialmente que exerce uma grande força.

A visão poligenista da humanidade condenava o Brasil, já que a mistura entre diferentes raças ocasionaria a degeneração, mas pelas características específicas da composição social brasileira foi preciso encontrar meios de salvar essa nação que já nascia condenada. Assim a expectativa no embranquecimento da população a partir de uma série de medidas como a imigração de europeus e um amplo sistema de classificação racial possibilitaria trilhar o percurso e alcançar os níveis civilizatórios.

Esses aspectos gerais são fundamentais para percebermos como os países que surgiram de sistemas escravocratas são fortemente marcados por esse, por isso é fundamental na análise que estamos propondo aqui destacar como se deu o desenvolvimento da nação brasileira e como este foi fortemente marcado pelo sistema escravocrata.

Por que é tão importante para os estudos brasileiros o conceito de raça? Desde a formação de um Estado brasileiro e os esforços na construção de sua identidade nacional o conceito de raça tem sido fundamental, já que as identidades europeias eram marcadas pelo esforço de serem compostas por raças pura.

Os argumentos postos em “Casa Grande e senzala” colocavam o negro como co-fundador da nação brasileira responsável por diversos itens culturais compositórios da nação, mas não estava colocado os direitos civis para estes, como sabemos, estavam distanciados de qualquer processo de integração social, ao passo que o branco europeu continuava a ocupar os mais diversos espaços sociais. (Pinto e Ferreira, 2014, pg. 260)

O fenômeno do racismo no Brasil e as discussões raciais são complexas e multifacetadas este se manifesta em forma de brincadeiras, piadas, chacotas, a uma capa de respeito as diferenças que cobre as ofensas e discriminações, dissolvendo estas, impossibilitando uma verificação objetiva da ocorrência desses fatos é o que tem sido chamado de *racismo cordial*.

O Brasil seria o país da harmonia entre os indivíduos devida a dupla mestiçagem entre as três raças formadoras, como mostra Munanga (2004) essa estaria fundada nos caracteres biológicos e culturais. Mas acarreta em manutenção da elite branca no poder por conta da não conscientização dos grupos das suas desigualdades em relação aos dominantes, esse discurso propicia a manutenção da estrutura escravocrata. A existência das desigualdades muitas vezes é posta como uma dificuldade no acesso a educação e renda mascarando o seu conteúdo racial.

Outro fator que reforça a perpetuação do mito da democracia racial foi a inexistência de políticas segregacionista, pelo menos no âmbito legal, a exemplo do que ocorreu nos Estados Unidos e na África do Sul. Assim a discriminação racial seria algo individual, raça e cor são assuntos que não são sequer mencionados, tocar nesses temas seria deselegante e grosseiro.

As palavras preto e negro tem muitas vezes um sentido pejorativo, por ser esse o uso comum dado a elas, em diversas situações o modo de ofender alguém é chama-la por essas palavras, mas o movimento negro vem lutando para ressignificar esse termo que ele seja revestido de uma conotação positiva que denote orgulho racial.

Vemos então que os esforços pelo branqueamento da população brasileira foi um movimento refletido, planejado e executado pelas autoridades e que até hoje possui reflexos sociais.

Assim quando discutimos sobre beleza e estética temos que ter em vista essa especificidade do contexto que levou e ainda leva muito negros a rechaçarem suas características como vimos nos estudos aqui citados, o cabelo é o espaço prioritário de

transformação, buscando assim um cabelo o mais liso possível, pois essa textura capilar está associada a estética branca, aceita e desejada.

A alienação imposta pelo sistema colonial, desumanização dos colonizados, que ainda imprime suas marcas, a negação das práticas racistas e o ideal de branqueamento imposto, colaboram para um sistema que culpabiliza a população negra da sua condição e não a permite refletir acerca das origens dessa, a estratégia para sobreviver é se deixar absolver, resistir é um ato que exige muita coragem, é luta contra o sistema dominante.

Percebemos então que o processo de colonização, que usou as ditas diferenças raciais para justificar as suas atitudes de exploração, marcaram profundamente as sociedades onde este ocorreu, assim precisamos em nossas análises incluir os processos de colonização como parte das relações sociais analisadas, apesar de parecer algo que já está dado, apenas muito recentemente os estudos começaram a dar foco ao processo de colonização e as marcas deixadas nas sociedades.

A qualquer população que não os brancos europeus, homens, heterossexuais, cristãos, foram negado direitos e acesso aos espaços sociais, vemos a população negra que foi escravizada lançada em uma situação de exploração e precarização, indígenas até hoje invisibilizados e tutelados pelo estado por ainda vigora uma ideia de incapacidade atribuído a eles desde o princípio da formação do Estado Brasileiro e as mulheres que a duras custas buscavam vez, voz, direitos e ocupar espaços que por tantos anos lhes foram negados.

A forma como as relações de gênero se dão são muitas vezes invisibilizadas, a análise que estamos produzindo está diretamente ligada a ideais de beleza e aspecto físico, voltamos a nossa atenção ao perceber como essa relação social de gênero marca os ideais estéticos e de beleza criados, por isso o uso das análises feministas descoloniais podem nos auxiliar na reflexão sobre a transição capilar e os termos que são dados a este cabelo que aqui estamos analisando.

No texto “Rumo a um feminismo descolonial” (2014) Maria Lugones, que se coloca como teórica da resistência, propõe uma análise desses contextos colonizados na busca de como se dão as estratégias de resistência diante das imposições da colonialidade de gênero, apresenta esta etapa que se inicia a partir do século XVI como modernidade, um primeiro momento colonial, instante dos grandes descobrimentos e com o desenvolvimento industrial surge a modernidade capitalista.

Aponta que “a modernidade organiza o mundo ontologicamente em termos de categorias homogêneas, atômicas e separáveis” (Lugones, 2014, p. 235) a autora vai enfatizar os pares que se estabelecem dentro dessas relações, como a que se dá entre colonizador e colonizado, esta passa pela desumanização dos últimos visto como selvagens, incontroláveis sexualmente, ao passo que o homem branco colonizador representava a racionalidade, iluminação, como já mencionamos acima, o perfeito sujeito do iluminismo, ao que ela acrescenta as mulheres brancas burguesas eram vistas como apenas reprodutoras da raça, e as mulheres escravas, indígenas, outras que não as brancas, não eram vistas como mulheres, no sentido mais amplo, esta categoria se aplicava apenas as brancas, estariam assim em uma categoria intangível (p. 939).

Lugones mostra que esse contexto colonial é marcado pelas diferenças de raça, classe e gênero, assim propõe que a intersecção entre esses componham as análises, apontando para os lugares sociais que os indivíduos ocupam, utilizando o conceito proposto por Aníbal Quijano de colonialidade do poder para compreender as estruturas de exploração e dominação do gênero, da linguagem do corpo e do poder (apud in Lugones, 2014) é desse estudo que derivam as análises de Lugones.

A proposta da autora é um feminismo descolonial (p. 941) tendo como primeiro objetivo perceber como as relações estão marcadas pela colonialidade e apresentá-las, por muito tempo as análises partiram de um momento pós-colonização, não apontando que antes desse haviam sociedades estabelecidas, com suas próprias cosmologias, ontologias, linguagem, instituições que foram encontrando suas formas de resistir a violência imposta pelo sistema colonial, para autora essas resistências estão expressas nas práticas cotidianas, assim conhecer essas mulheres, estando atentas a essas questões nos faz dar um passo em direção a essa proposta de feminismo.

Por muito tempo o Feminismo fez um esforço de dar voz às mulheres, mas estas eram posta sob uma categoria homogeneia, nos anos 80 a intelectual brasileira Lélia Gonzalez levanta a impossibilidade de pôr todas as experiências do ser mulher debaixo de uma única categoria, já que, as experiências vivenciadas dentro de diferentes interseções como raça, classe social, escolaridade ocasionam diferentes trajetórias, assim as mulheres negras, indígenas, brancas, colonizadas, não colonizadas teriam vivido situações distintas, que precisavam ser explicitadas.

Gonzalez é uma das primeiras teóricas a questionar os saberes produzidos e as lógicas de exclusão de vozes oprimidas dentro do Feminismo, demonstra que as pesquisas desenvolvidas dentro das ciências sociais sobre a população negra, em especial as mulheres

negras, punham seu foco nas relações socioeconômicas visando elucidar as relações raciais, mas diversas outras questões eram deixadas de fora, a exemplo das sexuais e afetivas, assim as pesquisadoras negras precisavam ir além do que já estava elaborado, trazendo reflexões que partiriam das suas vivências. Nesse esforço a autora enfatiza a linguagem herdada da cultura escravizada usando-as em seus trabalhos, fugindo da linguagem considerada norma na escrita de textos acadêmicos e mostrando desde este ponto o lugar da sua fala.

A relação de Lélia Gonzalez com intelectuais e ativistas do Caribe, América do Norte e parte da África traz riqueza as suas reflexões, a autora vai mostrar que no Brasil como em outros países da América latina o racismo se dá de forma velada, em oposição ao racismo explícito em outras realidades (p. 70, 1988). Daí surge à proposta de uma nova epistemologia que se afaste das produções europeias e passe a refletir sobre *amefricanidade* termo cunhado por ela para as estratégias de resistência a colonização tomadas pelas populações negras e indígenas.

A autora dá destaque à desumanização dos sujeitos colonizados que se dava principalmente pelo racismo justificado pelas hierarquias estabelecidas, apagando a história pré-colonial dessas populações, suas instituições, cosmologias, técnicas, fazendo com que estes sejam reconhecidos como seres puramente emocionais, conseqüentemente incapazes de narra a sua história, sendo o relato acerca da humanidade, redigido por homens brancos e europeus.

O trabalho de Gonzalez busca compreender o que é ser mulher negra na sociedade brasileira, percebendo quais são os estereótipos construído a partir do gênero codificado pelo racismo, aponta assim três tipos: a mãe preta, a mulata e a doméstica, mostra que o “tornar-se negra” é uma construção que vai ocorrendo mediante as experiências vividas pelas mulheres, essas vão percebendo como se dão as relações inter-raciais, compreendendo que a negritude não é algo natural.

Partindo desse entendimento ela promove uma crítica ao Feminismo que até então colocava todas as experiências sobre o ser mulher, sem se atentar que diferentes constructos sociais modificam as histórias de vida, a raça, a classe, a sexualidade entre outros as afetam de maneiras diferentes, produzindo assim mulheres no plural e não uma única mulher universal.

A quebra da concepção da universalidade da categoria mulher, do esforço de não por todas as trajetórias e histórias em um modelo único aplicável a todas as realidades possibilita o uso da categoria cunhada por Gonzalez a *Amefricanidade*, o foco se desloca dessa história única

e universal para priorizar as vivências e estratégias dos excluídos e invisibilizados, as populações negras e indígenas.

Ao analisar os sentidos de beleza socialmente construído partindo do processo de transição capilar, as falas mais recorrentes é o sofrimento e baixa autoestima provocados pelo rechaço as características fenotípicas dos negros, que seriam a cor da pele, os cabelos crespos/cacheados, o formato do nariz, da boca, do corpo, características que são consideradas feias, apenas valorizadas no que Lélia Gonzáles chama de Mulata tipo exportação, um corpo feminino que possui essa estética, sendo hipersexualizado e apenas desejado para o ato sexual e entretenimento, a exemplo da imagem veiculadas tanto no Brasil quanto no exterior das dançarinas de samba.

A questão de “assumir os cabelos”, termo tão usado no processo de transição capilar, coloca muitas mulheres em um momento limiar com relação a sua identificação étnica e racial, a transição capilar pode propiciar a crítica do lugar social que se ocupa e do sistema em que se está inserido.

Na minha trajetória nunca havia sido chamada de negra, ao usar o cabelo crespo/cacheado, passo a ser chamada assim e perceber uma série de questões que isso implica, passo a ser confrontada com a ideia de beleza e como o uso desse cabelo não fazia parte dela, perceber quais são os tipos de chacotas relacionadas a essa estética, quais são os estereótipos que ser negro e esse cabelo carregam, para exemplificar, uma dúvida recorrente é se os cabelos “naturais” ficam “assim” por conta da lavagem, ou se há mais dificuldades em lava-los do que um cabelo liso, essa preocupação com a higienização reforça a ideia de sujeira que justificaria o afastamento das pessoas negra, ainda estão no imaginário.

No contexto de pesquisa nos chama a atenção à preocupação das mulheres com relação ao crescimento dos cabelos, a partir da etnografia produzida em Maputo, capital de Moçambique no continente africano, pela antropóloga Denise Ferreira da Costa Cruz (2012) analisa a relação das mulheres com os seus cabelos, percebe que diferente do Brasil, a beleza, para elas, não está apenas no cabelo, mas sim na cabeça como um todo, a partir de pares de oposição cabelo que *cresce/não cresce, leve/pesado*, a autoravai perceber como os sentidos a respeito desses vão sendo construídos.

Um momento crucial para quem está vivenciando a transição capilar é o “Big Chop” desafia as concepções de beleza feminina composta também pelos cabelos longos, com balanço,

apontamos isso no relato no primeiro capítulo. Muitas mulheres optam por esperar o cabelo crescer com as duas texturas, até um comprimento que estas se sintam confortáveis, assim vão lidando com as duas texturas, para somente depois cortar a parte com química, outras optam por cortar todo o cabelo, ficando com um comprimento bem curto, ou até mesmo raspar a cabeça, ato considerado corajoso, já que a maioria delas não o fazem, a ausência de cabelo as afastaria de uma beleza feminina ideal.

A relação entre o comprimento dos cabelos, beleza e feminilidade são analisadas trabalho de Denise Cruz (2012) ao apresentar um quadro de William Blake, pintura que retrata imagens femininas do que seriam as três raças principais, a mulher negra está retratada com os seus cabelos curtos e todas as partes do seu corpo expostas, enquanto a indígena e a branca possuem longas cabeleiras, esta última tem algumas partes do corpo coberta pelos cabelos.

São recorrentes os comentários nas redes sociais acerca do crescimento dos cabelos, uma prática comum é publicar o acompanhamento do crescimento destes, principalmente após o grande corte, com fotos retiradas mensalmente, muitas mulheres demonstram uma preocupação em ter cabelos crespos por estes pela própria estrutura do fio “crescerem para cima” e não “para baixo” fator que permitiria que os cabelos balançassem ou alcançassem um comprimento desejado.

Este é um dos pontos que marcam os conflitos entre as que possuem cabelos crespos e cacheados, onde o cabelo crespo seria indesejado por ter essa característica volumoso, não domado, e os cabelos cacheados crescendo para baixo balançam e ficam compridos. Isso é posto como uma questão durante a transição capilar por ser este um momento de redescoberta ou às vezes descoberta da estrutura do cabelo, já que muitas mulheres começam a usar química de transformação na infância, durante a adolescência a textura dos cabelos se alteram e no momento da transição capilar é surpreendente conhecer a estrutura do cabelo.

O estudo da antropóloga Robin Sheriff (2001) revela uma relação entre os traços fenotípicos os deslocamentos e acionamento de categorias de classificação racial na sua pesquisa etnográfica em um morro carioca buscou perceber como as pessoas acionam as categorias de classificação racial no seu cotidiano, se afastando dos esforços puramente taxonômicos que nortearam os primeiros estudos sobre raça no Brasil, o trecho abaixo mostra claramente como se dá essa relação:

“Enquanto Rosa e eu conversávamos, uma amiga dela entrou e começou a fazer café no fogão a uma boa distancia de nós. A amiga de Rosa é uma mulher na casa dos 20 anos, de pele muito clara, o que teria chamado de ‘puxada para branca’. Estava com um lenço na cabeça, cobrindo o cabelo. Rosa continuou: ‘como ela, como a cor dela. Mas o cabelo... mostra seu cabelo, o cabelo é duro’. A amiga de rosa tirou o lenço da cabeça e me mostrou seu cabelo, depois colocou-o de volta. Perguntei: ‘então, uma pessoa clara com cabelo duro é...’ ‘É negra”, disse Rosa terminando minha frase. Falando com a amiga, Rosa perguntou: ‘Não é? Você é branca?’ ‘Não’, respondeu a amiga” (pg. 229)

A situação relatada nesse extrato mostra como o aspecto do cabelo influencia na forma como a pessoa é classificada, não sendo apenas a cor da pele que o define, vivi situações semelhantes, até começar a usar o meu cabelo afro nunca havia sido chamada ou identificada como negra sempre foi morena clara e outros termos que visam suavizar o impacto que a palavra negro provoca, como Sheriff também percebe no seu estudo, em diferentes situações, relações e contextos os termos utilizados para classificar as pessoas são alterados.

Como já mencionamos o uso de produtos químicos para alterar a estrutura dos fios provocam diversos problemas, um deles é o rompimento e quebra desses, uma das razões para a perda no comprimento, a prática do alisamento para muitas mulheres é algo que as fazem se sentirem bonitas e para que o cabelo tenha balanço e comprimento, assim percebemos outro significado dado aos cabelos, um belo cabelo precisaria ser longo e com balanço, como Cruz (2012) mostra em seu texto, precisa crescer para baixo e não para cima, característica do crescimento dos cabelos crespos que originam o penteado Black Power.

Essas questões que apontamos aqui mostra como se faz necessária uma análise sobre as relações raciais e de gênero no Brasil, muitas já foram produzidas dando foco a vários contextos, como o familiar e doméstico, escolaridade, trabalho, mas ainda há alguns que precisam ser mais bem explorados, no nosso caso a relação dos ideais de beleza e a estética negra.

Uma questão que tentei compreender foi uso de variados termos para definir esse cabelo, os termos nativos comuns são “cabelo natural”, “cabelo crespo”, “cabelo cacheado”, “cabelo afro”. O primeiro refere-se a um suposto estado de natureza, por ser o cabelo que nasce sem utilização de química de transformação da estrutura do fio, mas esse cabelo é cuidado com vários tipos de cremes e produtos, industrializados ou não, formas de texturizá-los que de alguma forma modifica a sua aparência, mesmo que os efeitos obtidos não durem muito tempo como no caso do uso das químicas de transformação. O segundo e terceiro termos estão relacionados à aparência do cabelo, ondulado, espiralado ou encrespado, mas esses termos

também denotam uma disputa, onde os cabelos crespos seriam os mais próximos dos africanos, então quem os possui teriam mais legitimidade ao se assumirem como negros, já que as possuidoras do cabelo cacheado não seriam alvo de tanto preconceito por conta desse formato está mais próximo do cabelo que é considerado como “bom”. Já o termo “cabelo afro” é mais englobante, reunindo os vários tipos de cabelos que as pessoas que tem herança negra em sua carga genética podem possuir, usando tanto em trabalho acadêmico quanto na fala das criadoras de conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação o maior interesse foi apresentar um campo de estudo fértil a reflexões diversas que a transição capilar e os cabelos, como objeto da análise, oportunizam, há também diversos temas que uma análise no ciberespaço nos propicia.

O alcance da Internet e as redes sociais permitiram que as pessoas entrassem em contato com as várias possibilidades do se identificarem, assim as identidades deixam de ser percebidas como fixas, monolíticas, genérica, ligadas a um referente externo como a Nação, para uma identidade mais específica e que liga as pessoas a grupos cada vez menores, se apresentam mais fluidas, onde as conexões são feitas baseadas em gosto, interesses e na auto percepção.

No primeiro capítulo o objetivo foi apresentar o campo onde se inseriram as reflexões presentes nesta, foi a partir de uma mudança estética que fui percebendo que ali muitos sentidos estavam sendo negociados para além de apenas uma mudança no visual. Dei ênfase aos conteúdos produzidos em dois canais da plataforma *YouTube* como disparadores de outras questões pertinentes do campo.

O ciberespaço e as formas de abordar metodologicamente os conteúdos produzidos e disponibilizados nele foram o objeto do texto no segundo capítulo, as interações virtuais estão formando, juntamente com a face a face às relações do cotidiano, assim, de alguma forma todos os fenômenos sociais estão sendo impactados pelo crescimento no acesso a internet e as tecnologias de comunicação.

Para produzir um texto abordando essas questões, fiz um esforço de me aproximar de da Etnografia não só como metodologia, mas como forma narrativa de se apropriar e falar sobre os fenômenos observados, perceber durante o processo, o quanto a minha relação com o tema marca essa escrita e quanto este trabalho alterou a minha forma de perceber a prática antropológica e os diferentes modos de se posicionar diante dos fatos vivenciados.

A articulação entre a teoria e a observação é um passo fundamental na análise, no terceiro capítulo destaco a relação que existe entre o uso do cabelo e o sistema de classificação racial brasileiro e as relações de gênero.

Destaco dessa reflexão produzida a ênfase na auto aceitação, esta vindo pelo “assumir” os cabelos e o corpo, reforçando uma ideia de beleza particularizada e contraria ao discurso

publicitário, uma beleza branca, ao passo que não centraliza essa questão em seu conteúdo racial diretamente.

Nem todas que usam seus “cabelos naturais” se enxergam como negra ou vinculam esse uso a uma aceitação racial, como todo símbolo diacrítico os cabelos estão em disputas em torno dos seus sentidos, significados e quem são aqueles que tem legitimidade para porta-lo, a exemplo da disputas entre os cabelos crespos e cacheados, onde os crespos seriam considerados mais representativos dos negros vinculados a luta política, por ainda não serem bem aceitos, ao passo que o aspecto cacheado é mais bem aceito

Definição é um termo usado para qualificar o cabelo que possui cachos, nem todo cabelo “natural” formam espirais, os cabelos crespos não definem cachos apenas com o ato de pentear, como os cabelos cacheados, então desde o início da transição as mulheres de cabelos crespos recorrem a técnicas como as texturizações para que seus cabelos aparentem ter cachos, isso provoca críticas com relação a aceitação da textura crespa e valorização de um cabelo “natural” em detrimento de outro.

Essa valorização seria evidenciada pela quantidade de curtidas que mulheres de cabelos cacheados recebem em fotos postadas, os canais mais acessados no *YouTube* são o de mulheres cacheadas, estas são as garotas propagandas dos produtos cosméticos, enquanto as de cabelos crespos estão em menor quantidade nessas propagandas e em alguns casos elas nem estão.

A transição capilar e a afirmação passando pelo estético tem como uma de suas expressões o Ativismo de cabelo, usar o incomodo e a curiosidade que esses cabelos provocam para conversar sobre aceitação da estética e da beleza diferente da considerada “padrão”.

Me propus a analisar esse movimento na perspectiva da intersecção raça e gênero, por está perpassado pelo modo como se dão as relações raciais e de gênero no Brasil, não apenas dizendo respeito as mulheres negras, mas desvelando as concepções de branquitude e apontado que as relações de gênero vão muito além de ser assuntos relacionados apenas as mulheres, mas denotam um tipo de relação social.

Nos relatos coletados nessa pesquisa percebi uma busca pela autonomia e liberdade das mulheres, essa passa pela possibilidade de uso dos seus cabelos e isso se estende para o corpo, do modo como esta desejar, os corpos são de modo direto moldado dentro de normas sociais, a exemplo das regras de etiqueta, as mulheres dentro de uma sociedade marcada pelo patriarcado,

machismo, pelo racismo, sofrem diversas opressões diariamente e buscam formas de resistir a essas.

O esforço em dar visibilidade ao trabalho produzido por mulheres deve ser uma constante, já que vivemos até pouco tempo um processo de silenciamento e apagamento dessas produções que começavam no acesso restrito a espaços de formação e exposição dessas produções.

A forma como as relações de gênero se dão ainda é muitas vezes invisibilizadas, a análise que estamos produzindo está diretamente ligada a ideais de beleza e aspecto físico, voltamos a nossa atenção ao perceber como essa relação social de gênero marca os ideais estéticos e de beleza criados, por isso o uso das análises feministas descoloniais podem nos auxiliar na reflexão sobre a transição capilar e os termos que são dados a este cabelo que aqui estamos analisando.

A ênfase no Aprendizado, em sentido amplo, se dá pela fala recorrente das mulheres que passaram pelo processo de transição, que não gostavam dos seus cabelos e os mantinham alisados, afirmarem que essa opção era tomada por desconhecerem formas de cuidados e produtos adequados para esse tipo de cabelo marcado pelas ondas e espirais.

Esse conhecimento passa direto pelo consumo de conhecimento, postados no ciberespaço, compartilhamento de experiências e também o consumo dos produtos cosméticos adequados que impulsionam um crescimento cada vez maior da indústria cosmética voltada para esse segmento.

O foco destas mulheres é um constante aprendizado de técnicas, penteados, acessórios que se adaptem a esses cabelos e o novo visual, os cuidados com o cabelo alteram as percepções sobre si mesmas e sobre o contexto em que vivem.

Esse retorno ao cabelo dito natural não é apenas um movimento estético, percebemos através dos dados iniciais que esse momento propicia uma revisão e reconstrução dos sentidos atribuídos ao cabelo, a identificação racial, a noção de beleza e a forma como as mulheres negras se veem, são vistas e neste jogo elas vão construindo sua identidade.

Percebo que podemos aprofundar a discussão encaminhando as reflexões para a questão do colorismo, no que se refere a raça e a presença masculina no que diz respeito ao gênero.

Existem homens que possuem canais no *YouTube* com conteúdos a cerca dos cabelos, mas esses são em pequeno número, além de todas as campanhas de marketing, o conteúdo acerca dos cabelos no ciberespaço se voltarem para as mulheres.

Depreendi outros termos que também vão surgindo relacionados aos cabelos como *Geração Tombamento*, caracterizada por homens e mulheres negros que tem lutando pela aceitação da estética, fazendo uso de roupas coloridas, cabelos e maquiagem, proclamando alegria e empoderamento ao celebrar as características negras.

Me desperta para uma reflexão a cerca desse empoderamento através do recurso estético, percebendo os adereços como modo de marcar e ocupar os diversos espaços comunicando uma afiliação étnica.

Tendo também um ponto de contato com as questões do consumo no sentido desses adereços sempre produzidos por afroempreendedores, sendo este mais uma possibilidade de análise oportunizada pelas reflexões sobre a transição capilar.

No contexto da globalização as reivindicações se fortalecem através de movimentos em redes que altera a forma como estes são entendidos, propiciando o surgimento de formas de organização política como o ativismo de cabelo, que busca empoderar os sujeitos ao mesmo tempo em que antigas referências indenitárias vão se esfacelando promovendo a reconstrução dessas sobre novas percepções.

A Internet tem estruturado relações e ações política, culturais, sociais, econômicas, educacionais, apesar da facilidade no acesso e das possibilidades que se abrem com esta, algumas zonas do globo ainda não tem acesso, estando assim distanciada desse processo de integração.

BIBLIOGRAFIA

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICO- ABHIPEC. Caderno de tendências 2014-2015. BB editora. Campo Belo. SP.
- PRESIDÊNCIA DA REPUBLICA; SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL; ASSESSORIA DE PESQUISA DE OPINIÃO PÚBLICA. **Pesquisa brasileira de mídia. Relatório fina.** Ibope. 2016.
- CABELO E CIA. Guia de alisamento. Revista eletrônica. 2015.
- ALVAREZ, S.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. **Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos: novas leituras.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- APPADURAI, Arjun. **Etnopaisagens Globais: notas e perguntas para uma antropologia transnacional.** In: Dimensões culturais da globalização. Lisboa. Teorema, 2004.
- BARTH, Fredrik: **Grupos étnicos e suas fronteiras** in: POUTIGNAT, Philippe; FERNART, J. Teorias da etnicidade. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 187-227.
- DESCARRIES, F. Um feminismo em múltiplas vozes, um movimento em atos: os feminismos no Québec. In: **Labrys, estudos feministas.** Brasília: UnB, número 1-2, julho/dezembro, 2002.
- BABY, A. R.; DIAS, T.C. de S.; VELASCOS, M.V.R.; KANEKO, T. M. **Relaxing/straightening of Afro-ethnic hair: historical overview.** Journal of cosmetic dermatology. Abril, 2007.
- BENTO, M. A. S.; CARONE, **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** Petrópolis, Ed. Vozes, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2003.
- CHANTELER, Khatidja e CHANTELER, **Metodologias feministas.** In: Somekh, Bridget e Lewin, Cathy (orgs.). **Teoria e Métodos de Pesquisa Social.** Petrópolis. Vozes, 2015.
- CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Seguindo as tramas da beleza em Maputo.** Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

CUNHA, Manuela Carneiro da. “Etnicidade: da Cultura residual mas irreduzível”. In: Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify. 2009.

FENTON, Steve. **Etnicidade**. Lisboa. Instituto Piaget. 2005.

FERREIRA, Lilian Abreu e BRAGA, Danielly Caixeta. **Substâncias ativas do alisamento capilar e seus mecanismos de ação**. Electronic Journal of Pharmacy. Vol. XIII, N.2: 56-63, 2016.

FIQUEIREDO, Ângela. **Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada: identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros**. XXVI Reunião da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em ciências sociais. Caxambu. Minas Gerais. 2002.

GEERTZ, Clifford. “**Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da Cultura**” In. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 3 - 21

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Revista Relações Raciais (1º edição). 2012 Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1567>.

GOMES, Larisse Louise Pontes. **Entre big chops e black powers: identidade, raça e subjetividade em/na “transição”**. Artigo para conclusão de curso. (Especialização em Antropologia) - Universidade Federal de Alagoas e Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, Maceió, 2014.

GONZALEZ, Lélia. “**Racismo e sexismo na cultura brasileira**”. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo**. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Práticas ciberativistas, agência social e ciberacontecimento. **Vivência: Revista de Antropologia**. Vol. I, N. 45, Jan. Jun. 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUGONES, María. **Rumo a feminismo descolonial**. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014

NUNES, Rita de Cássia e OLIVEIRA, Tatalina Cristina. **A beleza negra nos meios de comunicação: Representações do corpo e construções de identidades étnico-raciais**. 10º Colóquio de Moda – 7ª Edição Internacional -1o Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, Caxias do Sul.

MARCON, Frank. **O Kuduro- estilo de vida e usos da internet pela juventude do tempo presente**. Caderno do tempo presente. São Cristovão, Se. Ed.07. 2012.

MASSEY, Lorraine e BENDER, Michele. **O manual da garota cacheada: o método Curly girl**. Tradução: Patrícia Azeredo. Rio de Janeiro. BestSeller, 2015.

PAULA, Rogéria Costa de. **Corpo Negro- Mídiação de Raça**. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, Campinas. São Paulo 2012. POUTIGNAT, Philippe e FERNART, J. Teorias da etnicidade. São Paulo, Editora da UNESP, 1998.

QUINTÃO, Adrianna M. P. **O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance indenitária**. 2013. 196 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2013.

RAMOS, Jair de Souza. Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. **Vivência: Revista de Antropologia**. Vol. I, N. 45, Jan. Jun. 2015.

RODAL, Asunción B. Introducción a La teoría feminista y contexto legislativo em matéria de igualdad. In. _____. **Mujeres em medios: propuesta para analizar La comunicacion massiva com perspectiva de género**. Madrid, Editorial fundamentos, 2015.

SANTANA, Bianca. **Mulher, cabelo e mídia**. Revista Comunicare. Dossiê Feminino

SANTOS, Luane Bentos dos. **Usos e imagens sobre os cabelos crespos das mulheres negras**. Congresso Internacional em sócias e humanidades. Niterói, RJ: Aninter-SH/PPGSD-UFF, 03 a 06 de Setembro de 2012, ISSN 2316-266X.

SEGATO, Rita Laura. **Os percurso do gênero na antropologia e para além dela**. Revista semestral de Sociologia. UnB. Brasília, 1998, vol. 11.

SHERIFF, Robin E. **Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca.** In: REZENDE, Cláudia Barcellos e Maggie. Yvonne (org.). *Raça como retórica: a construção da diferença.* Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2001.

SHWARCZ, Lilia. “Questão Racial e etnicidade. In: O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995). Antropologia (VolumeII). São Paulo: Ed. Sumaré: ANPOCS; Brasília: Capes, 1999.

Schwarcz, Lilia Moritz, **Espectáculos das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIMÕES, José Alberto. **Investigando a rua através da internet (e virse-versa): considerações teórico metodológicas sobre um itinerário etnográfico.** *Análise Social*, 205, XLVII, Lisboa/ Portugal, 2012.

VARELA, Antônio Edson Martins. **Um estudo sobre os princípios ativos dos produtos para alisamento e relaxamento de cabelos oferecidos atualmente no mercado brasileiro.** Trabalho de conclusão de curso (graduação em cosmetologia estética) - Centro de Educação Balneário Camboriú, Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú, 2017.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.** Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre. Penso. 2014.

ZAGO, Gabriela da Silva. Dos Blogs aos Microblogs: Aspectos Históricos, Formatos e Características. **Revista Ínterim.** Curitiba/PR. Vol. 9, n.1, jan./jun. 2010.

WARREN-SCHERER, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais.** *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006

WEBER, Max. “Relações Comunitárias étnicas”. In: *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva.* 4 ed. Brasília: Unb, 2000, pp. 267-277.

ANEXO

Nome da Linha	Empresa	Qtd. De produtos	Ano de lançamento
Cachos control	Palmolive	3	2011
Forma	Aquaflora cosméticos	5	2012
Cachos perfeitos	TRESemmé	5	2012
Keraforce química	Seda	4	2013
Keraforce Original	Seda	5	2013
Cachos definidos	Pantene	4	2013
Sou mais cachos	Yenzah	8	2013
Cachos perfeitos	Monange	4	2014
Seda cachos definidos	Seda	5	2014
Creoula	Lola Cosmetics	5	2014
Cachos define control	Capicilin	6	2014
Curly wurly	Lola cosmetics	3	2015
Divine Curls	Inoar	4	2015
Curvas envolventes	Natura	6	2015
Cachos poderosos	Garnier	7	2015
To de cacho	Salon Line	37	2016

Tabela I- Linhas de produtos específicos para o cabelo, quantidade de produtos e ano de lançamento.

Fonte: autora.